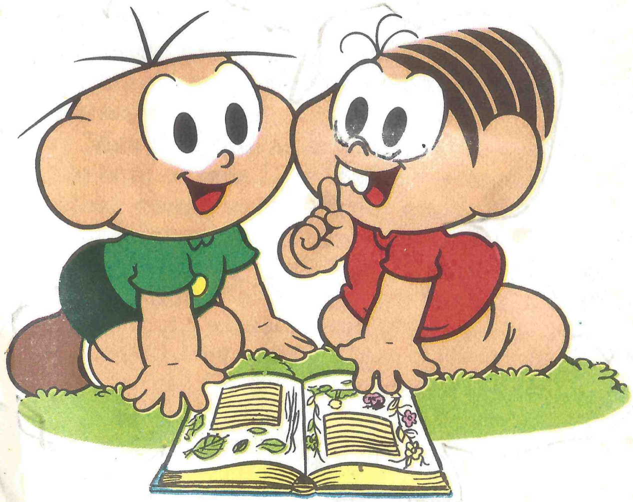
EDITORA ABRIL

Manual da Mônica

Lidia

Mauricio de Sousa

Manual da Mônica



O "Manual da Mônica"
é uma edição da EDITORA ABRIL LTDA.
Av. Otaviano Alves de Lima, 800, São Paulo
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Copyright 1979, Mauricio de Sousa Produções
Todos os direitos reservados.

Ser criança é coisa muito importante! Tão importante que, em sua homenagem, foram instituídos o Dia da Criança, a Semana da Criança, o Mês da Criança e, até, o Ano Internacional da Criança, comemorado em 1979! O melhor de tudo, porém, é que existem os Direitos da Criança, proclamados pela ONU e assegurados pela Constituição de muitos países.

Mas será que as crianças estão contentes com os seus Direitos? A turma da Mônica, como vocês verão neste Manual, não estava inteiramente satisfeita e, por isso, resolveu decretar alguns direitos mais. Juntos, começaram a pensar, a discutir, e descobriram uma porção de coisas que a "gente grande" um dia achou importante, mas depois esqueceu. E arranjaram logo uma dúzia deles. Vejam aqui, depois de ler os Direitos "oficiais", se a turma não tinha razão!

OS DIREITOS DA CRIANÇA

Organização das Nações Unidas

Princípio 1

Todas as crianças devem beneficiar-se dos direitos desta Declaração. Não importa cor, raça, sexo, religião ou língua. Nem a condição social e econômica da criança ou de sua família.

Princípio 2

A criança deve receber proteção especial para desenvolver-se de forma sadia e saudável, em condições de liberdade e dignidade.

Princípio 3

A criança tem direito a um nome e a uma nacionalidade, desde o seu nascimento.

Princípio 4

A criança tem direito a crescer e criar-se com saúde. Tem direito a alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequadas.

Princípio 5

A criança, física ou mentalmente incapacitada, tem direito a tratamento, educação e cuidados especiais.

Princípio 6

A criança precisa de amor e de compreensão. Deve ser criada num ambiente de afeto e de segurança moral e material. E as crianças sem família, ou sem meios de subsistência, devem receber cuidados especiais do governo e da sociedade.

Princípio 7

A criança tem direito ao ensino gratuito e obrigatório, pelo menos no primeiro grau.

Princípio 8

A criança deve receber os primeiros socorros e proteção, em quaisquer circunstâncias.

Princípio 9

A criança deve ser protegida contra a negligência, crueldade e exploração. Só deve trabalhar a uma idade mínima conveniente, sem que isso venha a prejudicar sua saúde e educação.

Princípio 10

A criança deve ser protegida contra qualquer tipo de discriminação. Deve ser criada num ambiente de amizade, de paz e de fraternidade entre os povos, e em plena consciência de que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

ESTAMOS EM ASSEMBLÉIA!

Reunião no campinho. A turminha estava toda lá, ouvindo com muita atenção o que o Franjinha dizia. O Franjinha fala muito bem e sabe muitas coisas, até o jornal ele lê de vez em quando. O assunto eram os princípios da Declaração dos Direitos da Criança, proclamada pela ONU — Organização das Nações Unidas.

A Magali tinha se interessado muito pelo quarto princípio, um que fala sobre comida. O Cebolinha tinha gostado do oitavo princípio, que fala sobre proteção. É que de vez em quando ele leva uns cascudos da Mônica e já estava se sentindo mais seguro. O Cascão tinha achado ótimos o sexto e o nono princípios, porque ele sempre fica muito grilado com o problema dos menores abandonados.

A Mônica também tinha gostado dos princípios da Declaração da ONU, mas com ressalvas.

— Magali, você não acha que está faltando coisa aí?

— Eu acho que sim! Até agora essa Declaração não falou em sorvete!

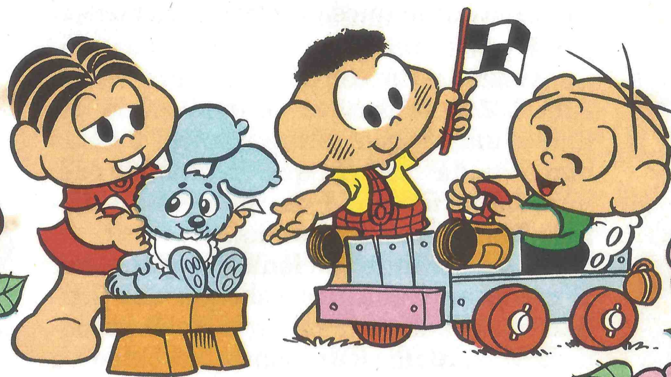
— Desta vez eu estou de *acoldo* com você, Mônica!

— Eu também concordo!

— É isso aí!

Todos concordavam com a Mônica! E por isso decidiram decretar os outros direitos da criança, os que o pessoal da ONU tinha esquecido.

Toda criança terá o direito de brincar e de se divertir.



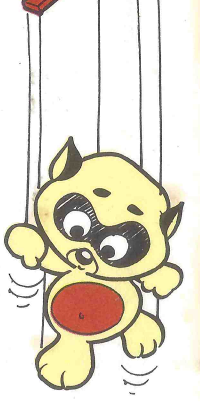
— *Concoldo!* E *pla* isso a gente *plecisa* de muito tempo! Acho que vinte e *quatlo holas* por dia está bom!

— Não pode, Cebolinha! Assim não vai sobrar tempo pra mais nada!

— *Plonto!* A Mônica já está começando a mandar na nossa *Declalação de Dileitos!*

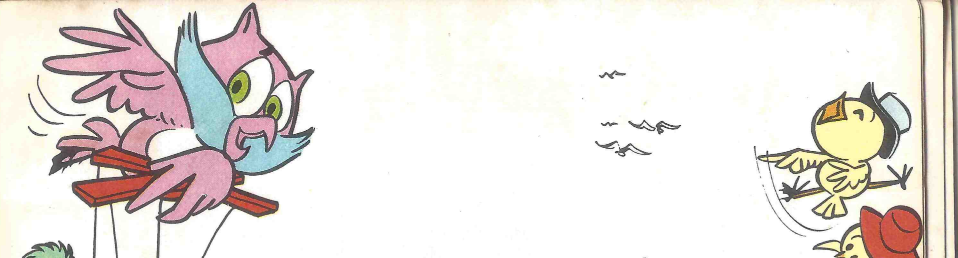
O primeiro impasse foi resolvido de maneira muito democrática: a maioria decidiu que o tempo pra brincar e se divertir nunca seria menor que oito horas, ou seja, um terço do dia.

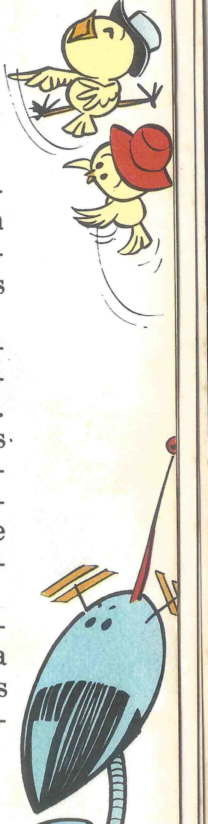
BRINQUEDOS TÊM HISTÓRIA



Quando a Mônica soube que existia uma capital mundial dos brinquedos, decidiu imediatamente mudar-se para lá. Convencê-la do contrário foi um custo. Afinal, não se tratava de uma mudancinha à toa. É que a dita capital é nada mais, nada menos que Nurembergue, uma bela cidade de um país muito distante do nosso, a Alemanha.

Suas feiras internacionais são famosas. E quem as visita fica sabendo das últimas novidades em matéria de brinquedos. Mas, além disso, existe na cidade o maior e mais completo museu de brinquedos do mundo.

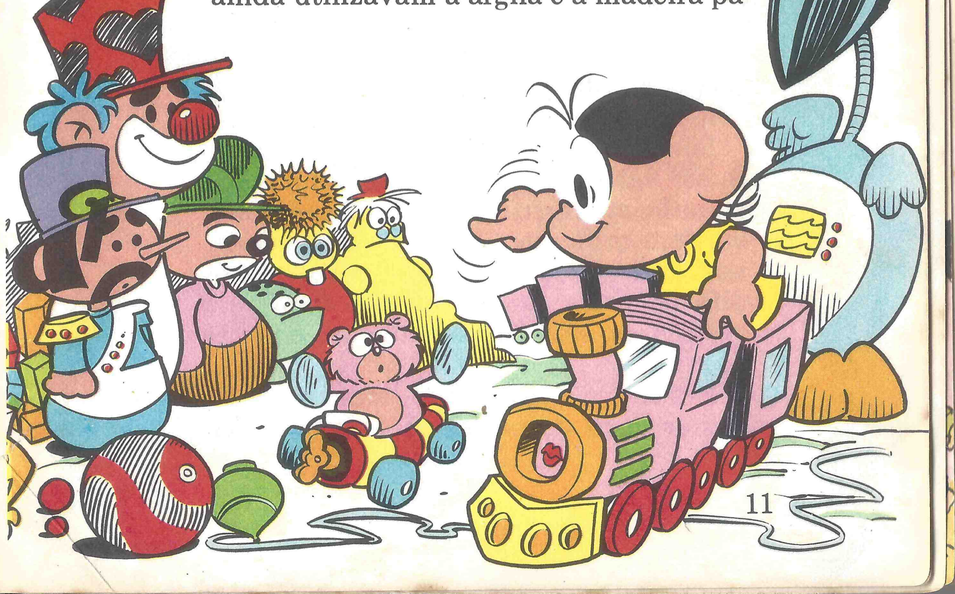




Quando lhe disseram que os brinquedos também têm uma história, Mônica não quis perder um só detalhe. E ficou sabendo que há muito tempo os brinquedos fazem parte do mundo infantil.

Na Antiguidade, as crianças brincavam com bonecas, bolas de gude, carrinhos de puxar, piões, como fazem hoje. Mas esses brinquedos eram esculpidos em argila ou pedra, ou às vezes confeccionados com outros materiais, como a boneca de trapo do Alto Egito, a bola de couro, ou os móveis de bronze em miniatura da Pérsia.

Foi na Idade Média, contudo, que hábeis artesãos cuidaram de dar vida nova aos brinquedos. Em suas oficinas, eles ainda utilizavam a argila e a madeira pa-



ra esculpir figuras humanas e animaizinhos. Mas empregavam também marfim, metal e vidro para modelar brinquedos com requinte e precisão.

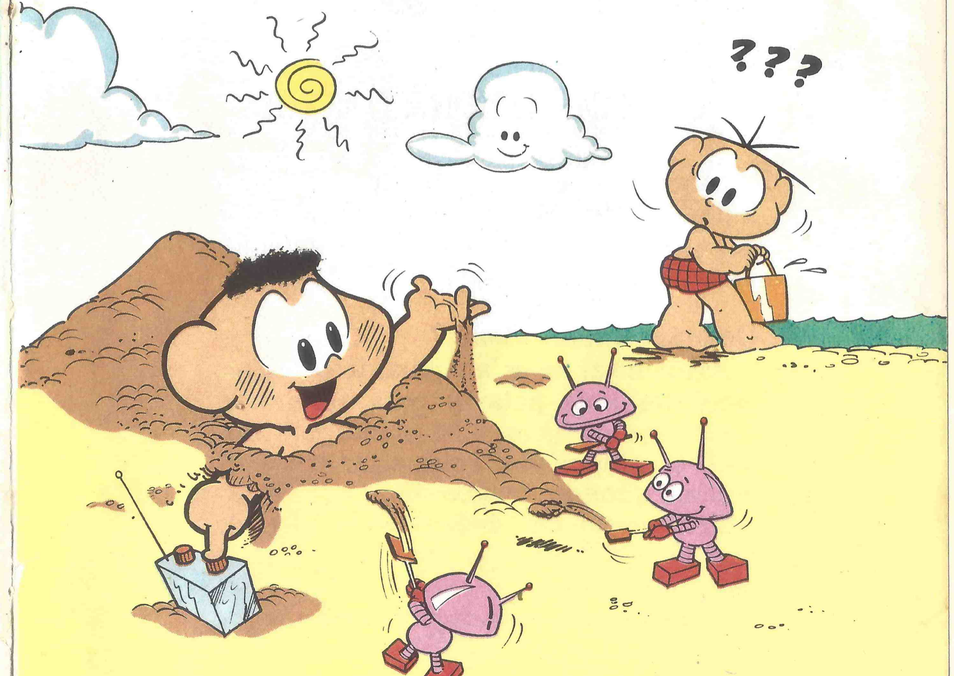
Foi aí que surgiram, então, as peças mais variadas, desde soldadinhos de chumbo até instrumentos musicais e móveis em miniatura, delicados e perfeitos nos mínimos detalhes. E a boneca se modificou. Feita de cera ou porcelana, era vestida de seda ou veludo, com enfeites de renda.

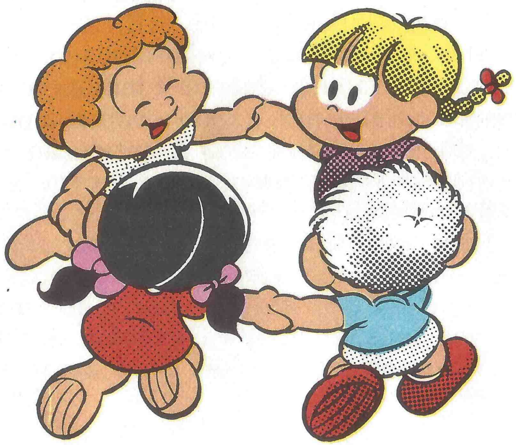
Durante a Renascença, foram inventados os jogos de paciência e de competi-

ção, e outros que exigiam perícia, como o bilboquê. Os didáticos só foram introduzidos nos séculos XVII e XVIII.

Mas a fabricação de brinquedos ganhou real impulso quando a indústria começou a funcionar, a todo o vapor, a partir do século passado. A produção de brinquedos aumentou, e sua diversificação também.

Hoje, multiplicam-se os brinquedos eletrônicos, auto-reguláveis e de controle remoto. Ao lado do trenzinho e do automóvel, cada vez mais sofisticados, desfila agora o astronauta e sua nave espacial.





QUALQUER HORA É HORA

Mônica, que só pensava na capital mundial dos brinquedos, andava triste. Aí, a turma deu um jeito. Programou alguns jogos e ela logo se animou.

Quando? Onde? Como?

Alguém sai da sala enquanto os outros escolhem uma palavra para adivinhar. Pode ser um objeto, uma planta, um animal. O adivinhador volta e faz três perguntas: *quando, onde, como.* Os três primeiros jogadores devem responder de acordo com a palavra escolhida. Exemplo: a palavra *pão.*

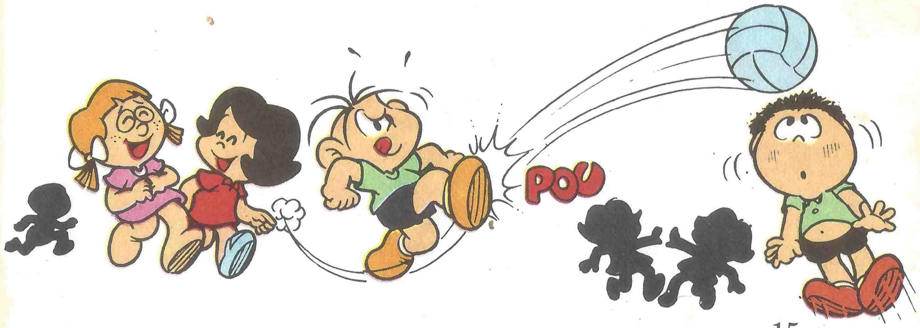
À pergunta *quando,* responde-se *de*

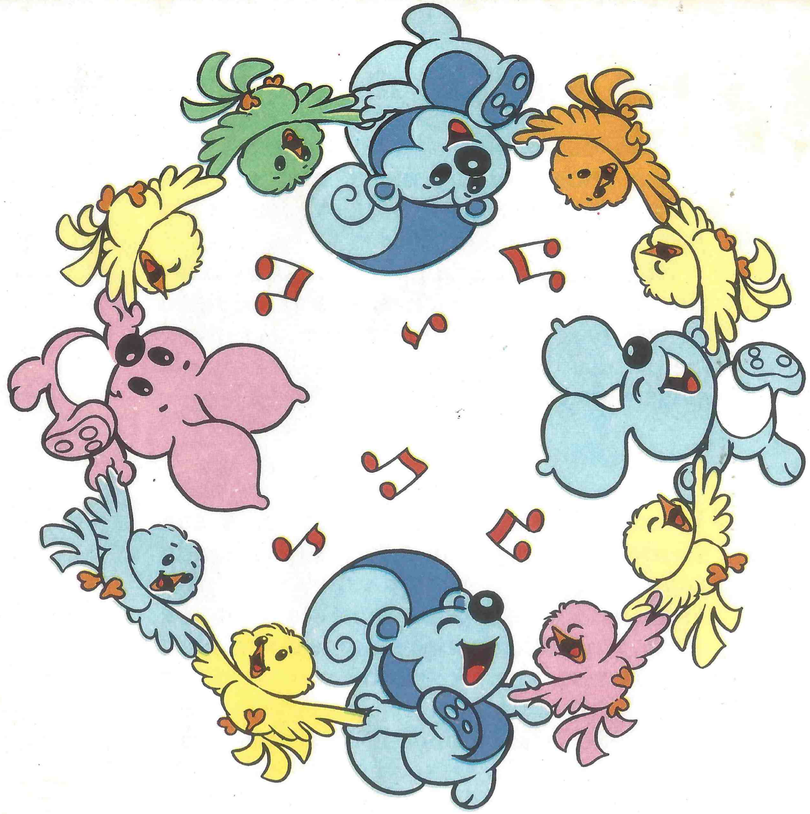
manhã, ou *ao meio-dia,* ou *à noite.* À pergunta *onde,* no *café* ou no *almoço.* E à pergunta *como,* responde-se *cozido no forno* ou *cortado em fatias.*

Se não descobrir a palavra, o adivinhador tem mais uma chance. Faz de novo as três perguntas aos jogadores seguintes. Se, ainda dessa vez, não adivinhar, ele paga uma penalidade.

Tudo quanto é bicho voa!

Quem tiver mais imaginação, anima a brincadeira. Os outros sentam-se à sua frente. Todos apóiam o dedo indicador da mão direita na palma da mão esquerda. O animador deve falar depressa a mesma frase, trocando apenas o nome do animal: "O pássaro voa. A pomba voa. O burro voa. . ." A cada frase, ele levanta e abaixa o dedo. Mas, atenção! Os outros só levantam o dedo se o animal realmente voar. Senão, perde-se um ponto. O jogo é engraçado porque todos erram e fazem voar gatos e ratos! Quem perder três pontos, paga uma prenda.





Confusão na cabeça

Alguém faz perguntas e os outros, sentados à sua volta, respondem. As perguntas devem ser simples. Do tipo "como você se chama?", "onde você mora?".

Quem pergunta, procura confundir os companheiros. Porque estes, mais do que depressa, devem responder como se fossem o companheiro da direita.

Claro que alguns vão se atrapalhar. Quem se atrapalhar e errar três vezes, paga um sorvete pra todo mundo. Que tal?

... E SURGIU O CARNAVAL

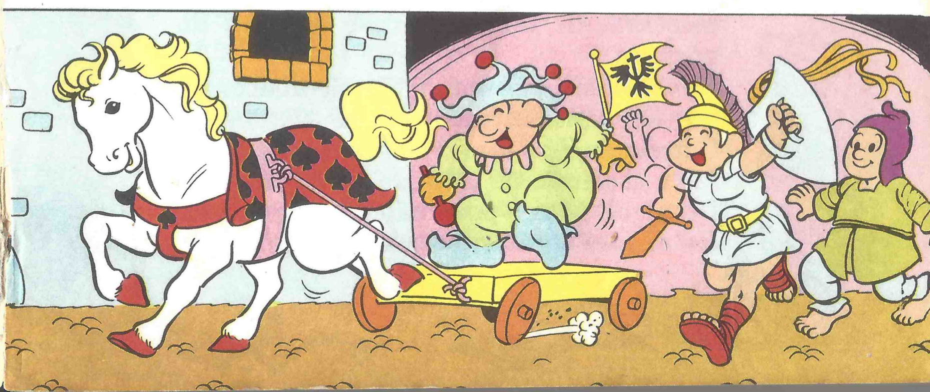
Dlim dlom... dlim dlom...

Era o Cebolinha, tocando displicente a campainha da casa da Mônica. Mas quando a porta se abriu, ele levou o maior susto da sua vida. E deu no pé.

— *Socoooolo!* Um *monstlo!*

— Cebola, sou eu! — gritou a Mônica, enquanto tirava a máscara que estava usando, a do último Carnaval. Mas o Cebolinha nem ouviu, já tinha sumido.

Embora gostem muito de Carnaval, nem a Mônica nem seus amiguinhos sabem como surgiu essa festa popular, de origem tão antiga. Alguns, por exemplo, acham que ela veio do culto egípcio à deusa Ísis, outros acreditam que ela provém dos festejos gregos em honra ao deus Dionísio, outros pensam que se originou das festas romanas dedicadas a deuses



como Baco, Luperco e Saturno. O que se sabe é que o Carnaval foi sempre uma grande algazarra, com danças barulhentas e máscaras coloridas.

Havia também incríveis bailes de máscaras que surgiram lá pelo século XV. No século XIX, o Instituto Real de Pintores e Aquarelistas promoveu na Inglaterra um baile célebre. Imaginem que os convidados compareceram fantasiados com máscaras de famosos reis e pintores do passado.

No Brasil, o primeiro Carnaval aconteceu em 1641. A idéia foi do governador Correia de Sá e Benevides, para comemorar a ascensão de D. João VI ao trono de Portugal. Mas o povo não participava da festa. Isso só aconteceu alguns anos depois, quando o Carnaval passou a ser festejado todos os anos e foi ficando cada vez mais brasileiro.

Até o começo do século XX essa festa se chamava entrudo e era bastante violenta, com batalhas de água, farinha e fuligem.

De lá para cá as brincadeiras foram se modificando e surgiram outras formas de festejar o Carnaval: os cordões, os ranchos, os blocos, os desfiles de carros alegóricos, os bailes, as escolas de samba. O Rei Momo, que é o símbolo máximo do Carnaval e cujo reinado dura três dias, só apareceu em 1933.

E folião tem cada vez mais. É só dar uma espiada nos salões ou na avenida, entre os confetes e as serpentinas.

O CIRCO VEM AÍ!

Corre a notícia, espalha-se o aviso: hoje tem circo. E por onde o circo se instala, homens, mulheres e crianças correm para assistir ao espetáculo.

Mônica e sua turma, é claro, também não resistiram ao apelo. Estavam todos lá, bem juntinho ao picadeiro, para que nem um só detalhe escapasse aos seus olhinhos curiosos e maravilhados. O espetáculo está para começar. . .

Acendem-se as luzes, rufam os tambores. Sob a lona armada, o público entra nesse instante num mundo multicolorido de magia e encantamento. O tempo se desfaz; só ficam o riso e a fantasia.

No picadeiro, desfilam os artistas: acrobatas, malabaristas, domadores de animais, ilusionistas, palhaços. . .

Mas o espetáculo não é novo. Foi na Europa do século XVIII que o circo surgiu tal como é hoje. Philip Astley, suboficial inglês, organizava e promovia números de equitação. Querendo enriquecer essa forma de espetáculo, resolveu colocar

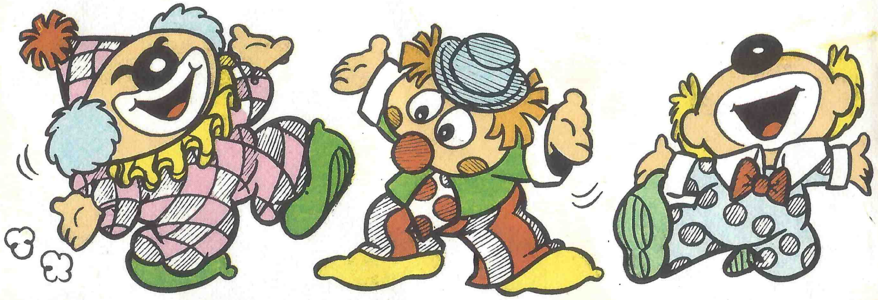
num mesmo palco, em local fechado, saltimbancos e cavaleiros com seus cavalos.

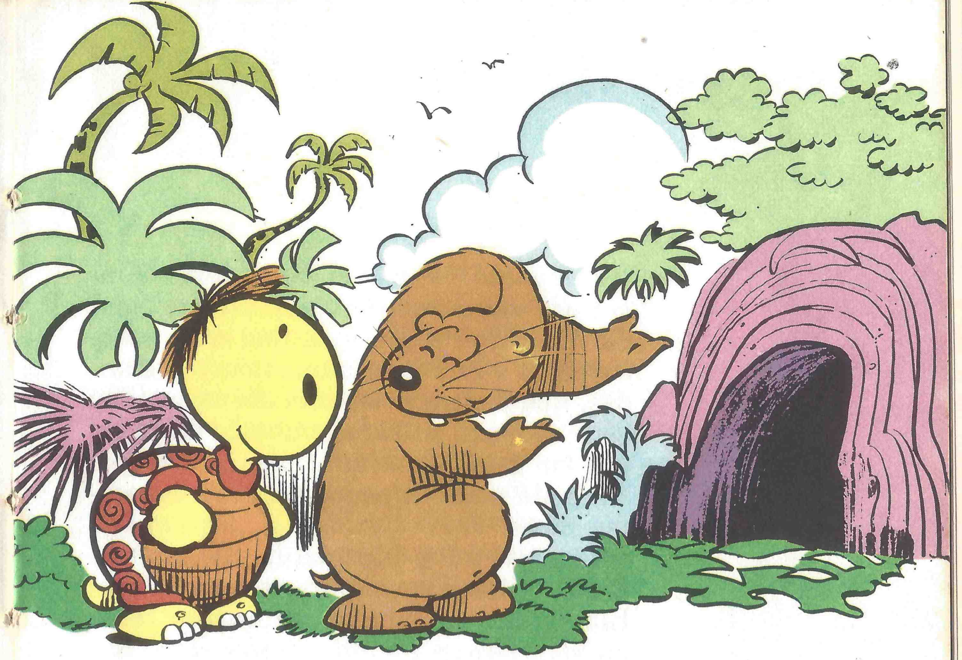
Saltimbancos eram artistas populares que se apresentavam de cidade em cidade, nas praças e feiras-livres, e divertiam a população com sua arte. Entre eles havia mímicos, acrobatas, animadores de fantoches.

O circo moderno surgiu, então, em 1770, com a grande inovação: o Astley's Royal Amphitheater of Arts era inaugurado, apresentando seus artistas num picadeiro circular.

Daí em diante, o circo se transforma na grande atração das platéias de todo o mundo, abrindo espaço importante para que surja o *clown,* a simpática figura do palhaço. Lá está ele, no centro do picadeiro, exibindo-se para um público fascinado. A todos ele cativa, em especial às crianças.

E elas passam a torcer, ora por uma, ora por outra personagem que o palhaço cria em cena. É o *clown,* indivíduo malicioso e astuto, contra o *excêntrico,* palhaço ingênuo, puro e de boa-fé.





EXPLORANDO CAVERNAS

Um dia, circo... outro dia, cinema. Naquele dia, a turminha estava saindo da matinê na maior empolgação. O filme tinha sido Viagem ao Centro da Terra, uma história escrita por Júlio Verne. Quem ainda não leu não sabe o que está perdendo.

— Quando *clescer,* eu vou ser *explolador* de *cavelnas!*

— Eu não sabia que você queria ser espeleologista, Cebolinha!

— Hein! O que é isso?

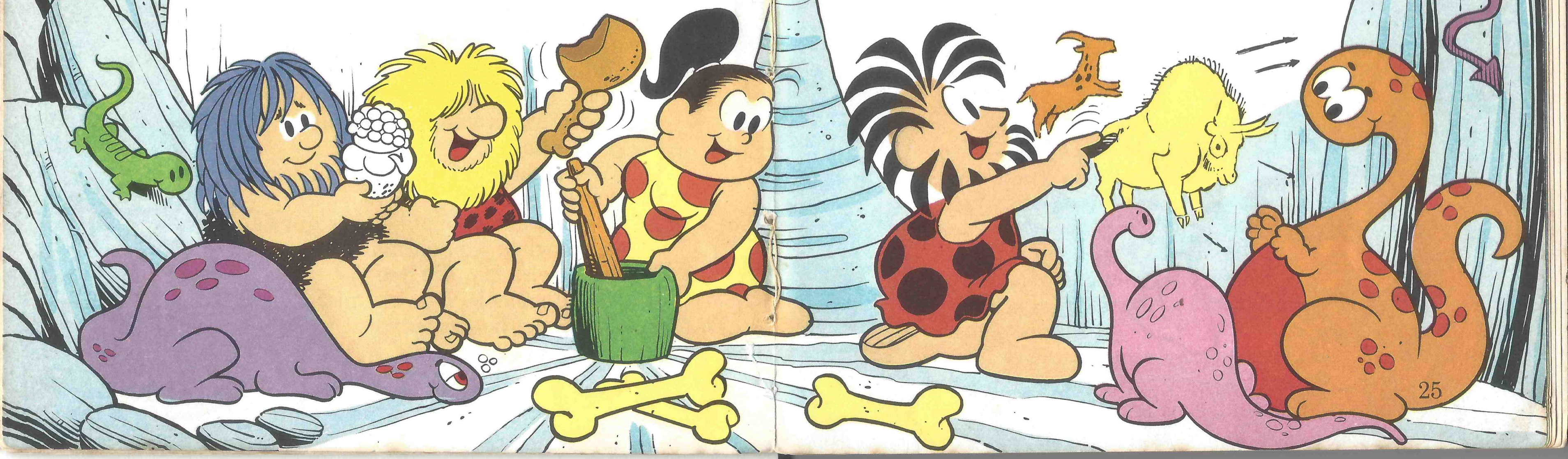
— Espeleologista é quem estuda as fontes, grutas, cavernas...

Enquanto os nossos amiguinhos conversam sobre o que querem fazer na vida, eu vou contar a vocês alguma coisa sobre cavernas e grutas. Algumas são tão grandes, que dentro delas tem até lagos. São vãos enormes situados embaixo da terra, que em geral começam como uma fenda, alargada pouco a pouco pelas águas subterrâneas.

Durante a Pré-história, há milhares de anos, o homem morava em cavernas. Elas eram um abrigo seguro contra os animais ferozes e o mau tempo. É por isso que o homem daquela época é chamado de homem das cavernas. Mas, além de não serem nada confortáveis, a maioria das cavernas tem goteiras, que incomodavam o homem pré-histórico.

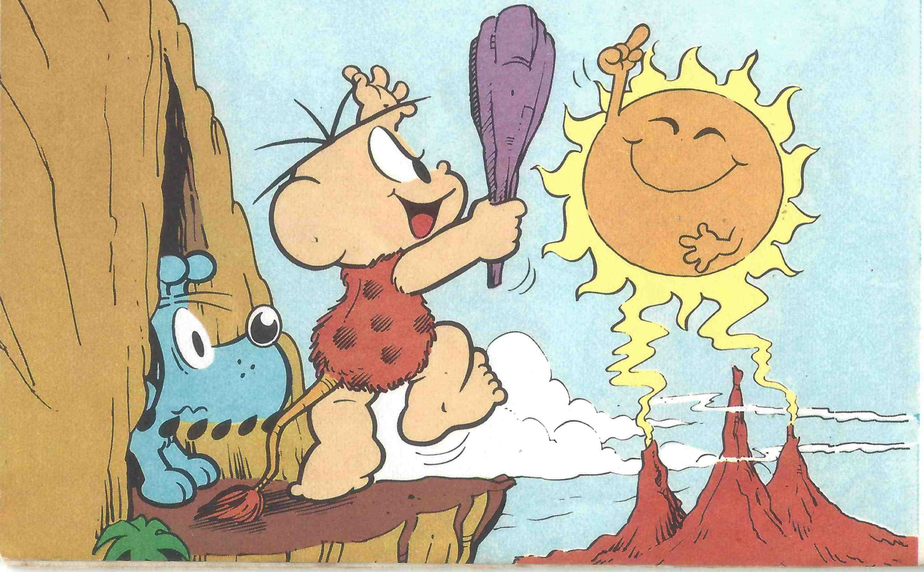
Essas goteiras produzem formações geológicas muito curiosas no teto e no chão das cavernas. No teto elas formam saliências chamadas estalactites, que geralmente são cônicas. As gotas que caem no chão formam outro tipo de saliência chamada estalagmite, que no começo parece um cogumelo e depois toma a forma cilíndrica. Em algumas cavernas essas saliências crescem até um metro por século, mas em outras cada metro demora milênios.

Quando as estalactites encontram as estalagmites, formam-se colunas que às vezes são esbranquiçadas, mas também podem ter lindas cores. Isso acontece em locais onde a água contém certos elementos, como cobre, por exemplo.



No Brasil há muitas cavernas, principalmente em Minas Gerais, onde existem centenas por todo o Estado. A mais famosa é a Gruta de Maquiné, que tem 440 metros de extensão. No Estado de São Paulo também existem muitas. No vale do Ribeira está a Caverna do Diabo. Ela tem cerca de 500 milhões de anos, mede 3.200 metros e suas galerias ocupam uma área de 5 quilômetros quadrados.

Em 1973, um grupo de espeleólogos descobriu, perto de Brasília, uma caverna com mais de 20 quilômetros de extensão. É a São Mateus-Imbira, que tem salões de mais de 40 metros de altura. Dentro dela existem vários poços e praias, além de formações geológicas muito raras, como os *vulcões*, que parecem vulcões de verdade, e os *espirocones*, que parecem saca-rolhas.



MAIS PERTO DO CÉU

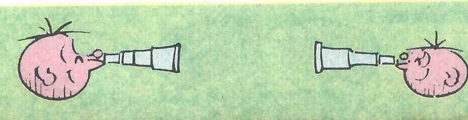
A turma estava deslumbrada com sua última aventura: nada menos que um fantástico passeio pelo espaço sideral.

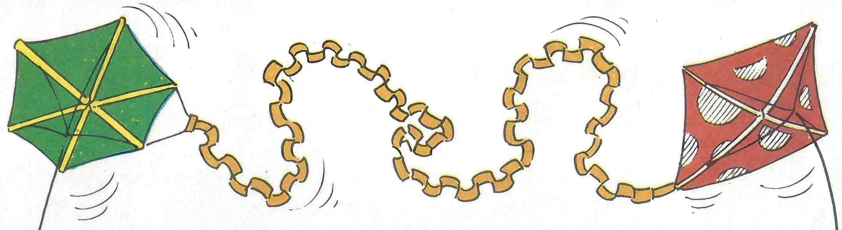
Tinham ido todos ao Planetário e, lá, em sessão espacial, puderam observar bem de perto o complicado movimento dos planetas, satélites, estrelas e demais corpos celestes em seu teto abobadado.

A sensação é perfeita quando a sala fica às escuras para o início do espetáculo. Projetores entram logo em funcionamento, passando a refletir, no amplo espaço celeste, a posição, o tamanho, a forma e o brilho de cada astro.

Nesse momento, o público passa a ver coisas que, a olho nu, dificilmente são vistas quando se olha para o céu verdadeiro. Enquanto as imagens se sucedem, um alto-falante transmite as explicações de tudo o que se vê.

No Brasil, temos dois planetários: o de São Paulo, no Parque Ibirapuera, e o do Rio de Janeiro.





PONHA UMA ESTRELA NO CÉU

A turminha gostou muito de ver o céu no planetário. Mas a Mônica tinha uma reclamação.

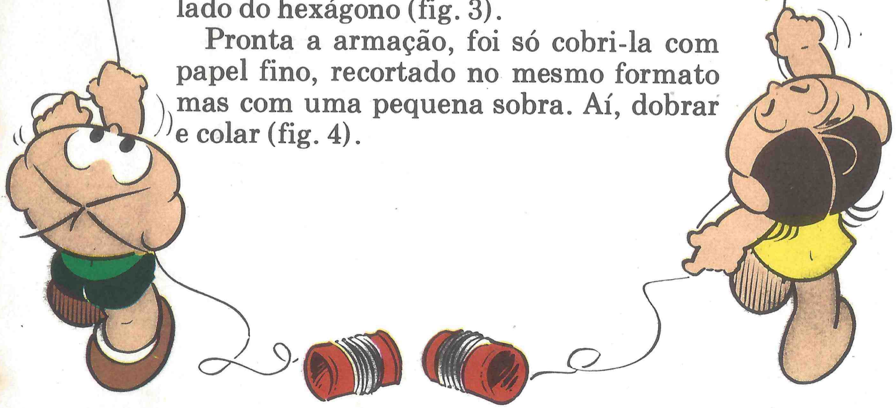
— Faltou uma estrela cadente!

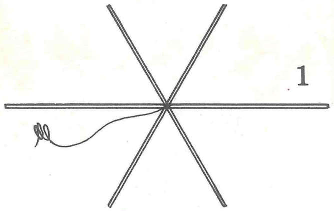
— Pois eu tenho uma estrela em casa. Mas é uma estrela que sobe!

A estrela do Franjinha era um lindo papagaio que ele mesmo havia feito.

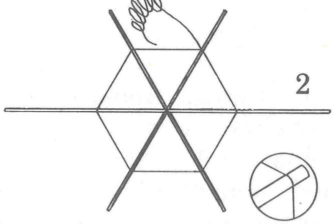
Pra fazer a armação, Franjinha usou três varetas de madeira leve, duas de 51 cm e uma de 80 cm de comprimento. E amarrou as três varetas umas às outras pelo centro, com linha, formando seis ângulos iguais (fig. 1). Depois, a 17 cm do centro, ele fez um pequeno entalhe nas varetas, por onde passou a linha formando um hexágono (fig. 2). Em seguida, fez a mesma coisa a 25 cm do centro, e passou a linha dando uma laçada em cada lado do hexágono (fig. 3).

Pronta a armação, foi só cobri-la com papel fino, recortado no mesmo formato mas com uma pequena sobra. Aí, dobrar e colar (fig. 4).

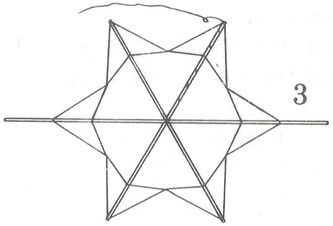




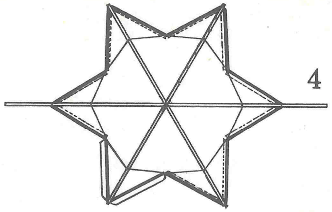
1



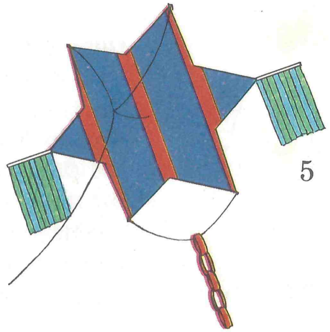
2



3



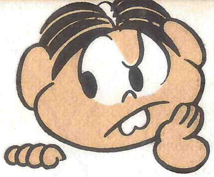
4



5

Só faltava então enfeitar o papagaio, pendurando nas varetas mais longas algumas franjas de papel colorido. Ficou lindo, mas pra empiná-lo ainda precisava uma coisa: fazer dois tirantes, um pra cauda e outro pra linha (fig. 5). Finalmente foi colocada uma bela cauda, feita com argolas do mesmo papel.

Mônica foi quem mais gostou de ver a estrela subindo. E se espantou quando Franjinha lhe disse que o primeiro papagaio foi feito na China, há mais de 4000 anos. O nome que os chineses lhe davam ele não sabia. Mas entre nós há vários: raia, pipa, pandorga, quadrado.



TEATRO DE BONECOS

Cascão e Cebolinha estavam acabando de recortar uma figura com dois dentes muito grandes, quando foram surpreendidos pela Mônica.

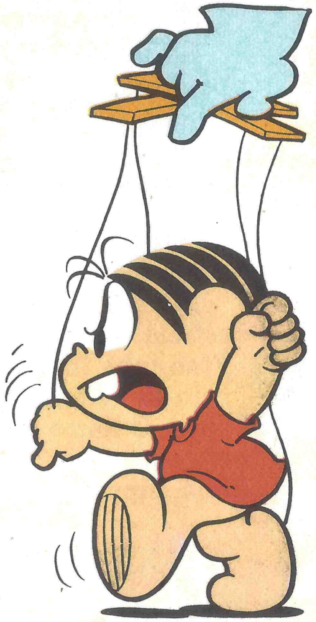
— Ah, peguei dois grandes artistas em flagrante!

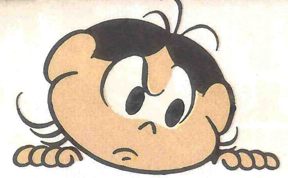
— *Altistas* não, Mônica! *Agola* nós somos *plodutoles teatlais!*

— É isso aí, Mônica! A gente vai montar um teatrinho de bonecos!

O que eles não sabiam é que a origem do teatro de bonecos, ou de títeres, remonta à Pré-história, quando os feiticeiros das tribos usavam máscaras para impressionar as pessoas.

Parece que esses pequenos atores não tiveram muito cartaz nos últimos séculos entre a gente "séria" que fazia teatro.

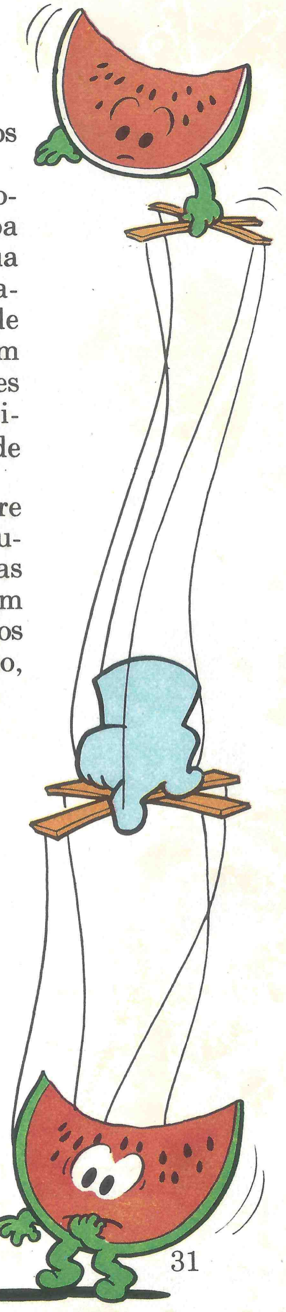


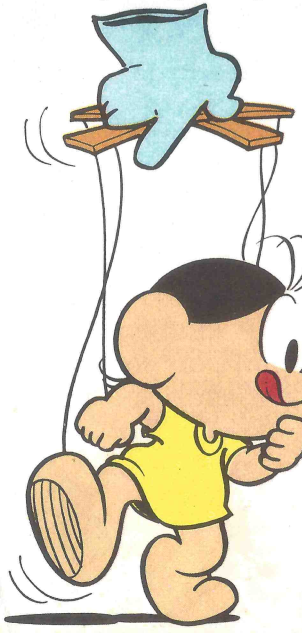


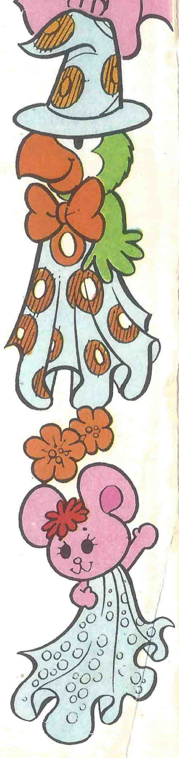
Mas, de qualquer forma, foram eles os pais, ou avós, do teatro infantil.

Do século XVI ao XIX,o teatro de bonecos foi ganhando expressão na Europa como uma forma de arte popular. Sua linguagem era improvisada e suas platéias constituídas principalmente de crianças. Mesmo assim, eles criticavam severamente os costumes e as instituições da época. Por causa disso, muitos titereiros foram perseguidos e acusados até de bruxaria.

Existem bonecos de vários tipos. Entre eles estão as marionetes, que têm articulações e são suspensas e movimentadas por meio de fios; os fantoches, também chamados de mamulengos, são bonecos em cujo corpo o operador esconde a mão,





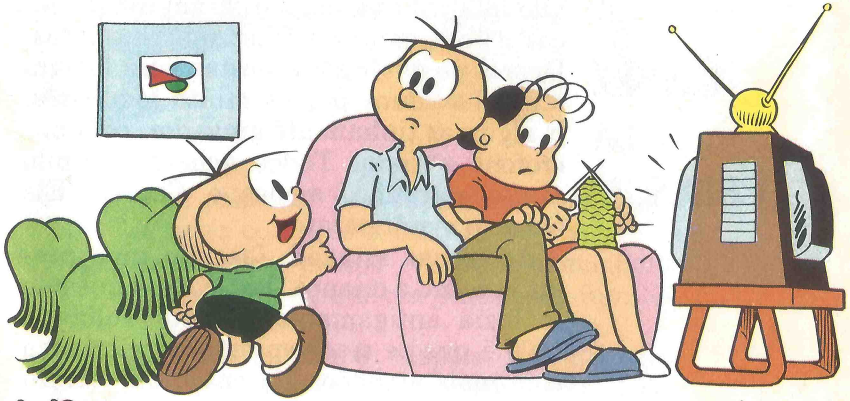


movimentando-os com os dedos; e os bonecos de vara, cujos membros são apoiados em varetas, movimentadas por baixo do palco.

E a gente não pode esquecer o teatro de sombras, onde bonecos recortados são colocados frente à luz, projetando sua sombra numa tela transparente. Os chineses são os grandes mestres neste gênero de espetáculo.

Claro que Cebolinha não sabia disso tudo, mas pra inventar uma história e preparar personagens e cenários de um teatrinho de bonecos basta saber como eles funcionam. Mônica também logo se entusiasmou. Tudo acabou sendo tão divertido que a turminha até esqueceu suas diferenças e, por incrível que pareça, não discutiram uma única vez.

Toda criança terá o direito de perguntar e receber resposta



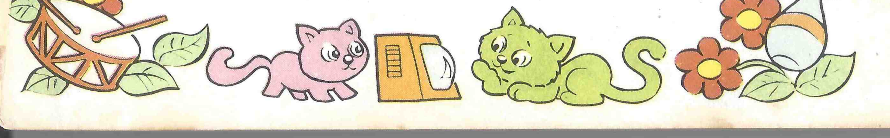
— Todos concordam?

— Concordo, Mônica! Adulto que engana criança não está com nada!

— Falou, Magali! Às vezes a gente ouve cada *lesposta* tão *esfalapada!*

Na votação deste decreto não houve nenhum impasse. Ele foi aprovado por unanimidade. E, logo depois, todos começaram a fazer uma lista, com todas as suas perguntas que tinham ficado sem respostas satisfatórias.

Os adultos que se preparem!



É A VEZ DA CRIANÇA!

A turminha estava brincando no parque infantil quando chegaram umas moças e começaram a fazer mil perguntas. Depois de ouvir as respostas, elas faziam cruzinhas nuns papéis muito esquisitos. E algumas tinham até gravador, com microfone e tudo. Todos acharam aquilo muito estranho, menos o Cascão. Ele achou o maior barato.

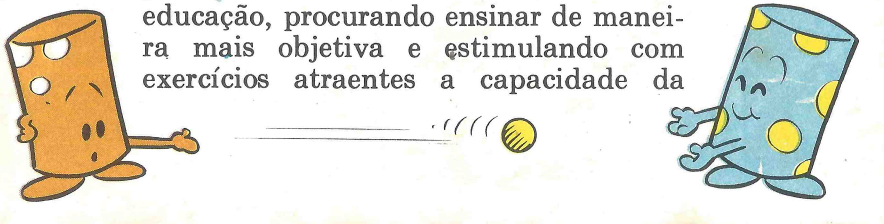
As moças estavam fazendo uma pesquisa sobre a criança. Isso é coisa que não se fazia antigamente. Só por volta de 1800 é que se resolveu estudar a criança com mais atenção. Foi então que surgiu a ciência que estuda a criança inteirinha: a pedagogia.

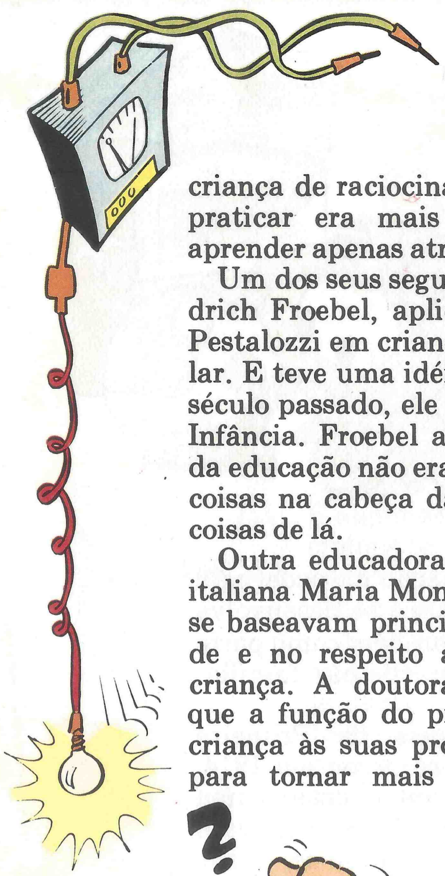
A principal preocupação da pedagogia é fazer com que a criança se desenvolva bem, como pessoa e também como parte dos grupos de que ela participa: família, amigos ou escola.

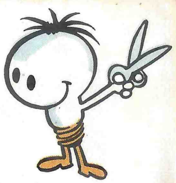
Principalmente depois da Primeira Guerra Mundial, que começou em 1914, os educadores começaram a pensar numa nova maneira de educar. Eles achavam que só haveria paz no mundo se, desde cedo, as crianças fossem orientadas para uma vida de colaboração e harmonia.

Eles perceberam também que uma criança é diferente da outra, e que essas diferenças individuais deveriam ser consideradas e respeitadas.

Foi o suíço Johann Heinrich Pestalozzi um dos primeiros reformadores do ensino primário. Ele dedicou toda a sua vida à educação, procurando ensinar de maneira mais objetiva e estimulando com exercícios atraentes a capacidade da



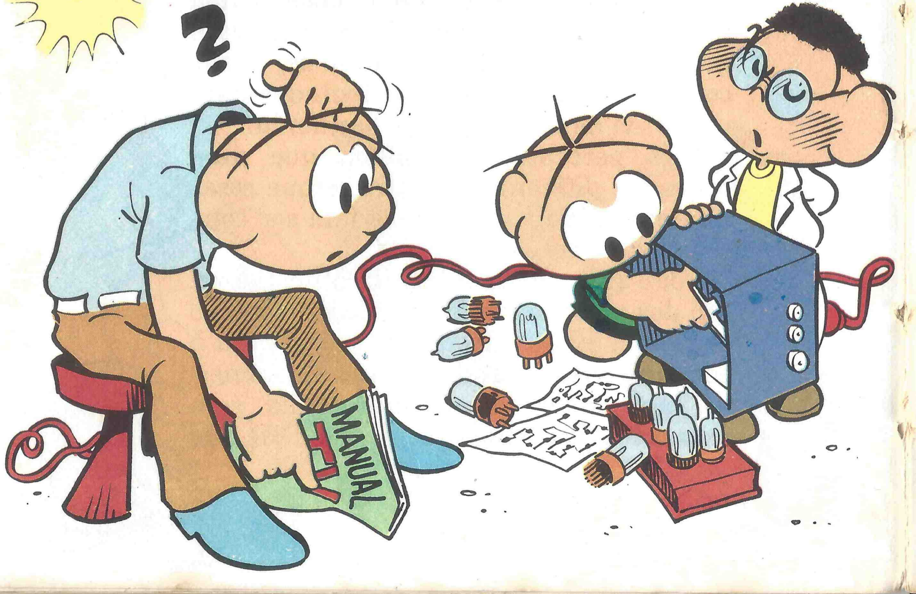


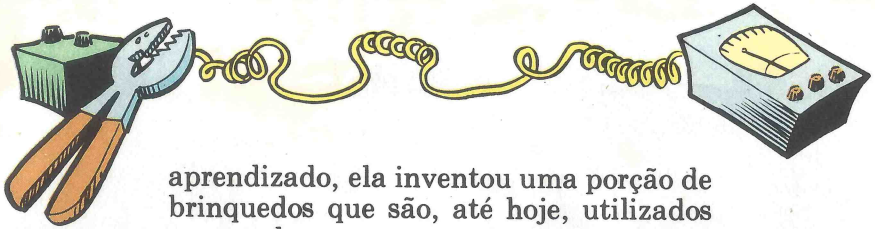


criança de raciocinar e de agir. Para ele, praticar era mais importante do que aprender apenas através de palavras.

Um dos seus seguidores, o alemão Friedrich Froebel, aplicou muitas idéias de Pestalozzi em crianças de idade pré-escolar. E teve uma idéia muito legal: lá pelo século passado, ele inventou o Jardim da Infância. Froebel achava que o objetivo da educação não era enfiar um montão de coisas na cabeça das crianças. Era tirar coisas de lá.

Outra educadora famosa foi a médica italiana Maria Montessori. Seus métodos se baseavam principalmente na liberdade e no respeito à individualidade da criança. A doutora Montessori achava que a função do professor é conduzir a criança às suas próprias descobertas. E para tornar mais fácil e agradável o

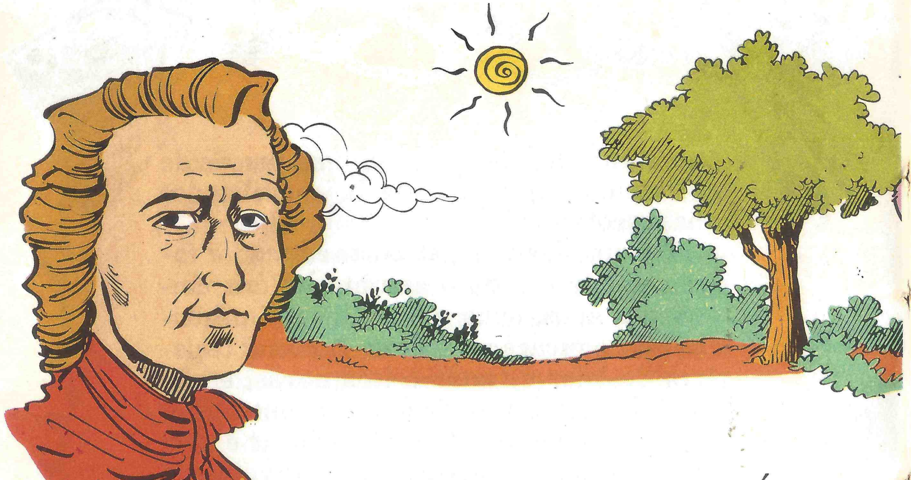


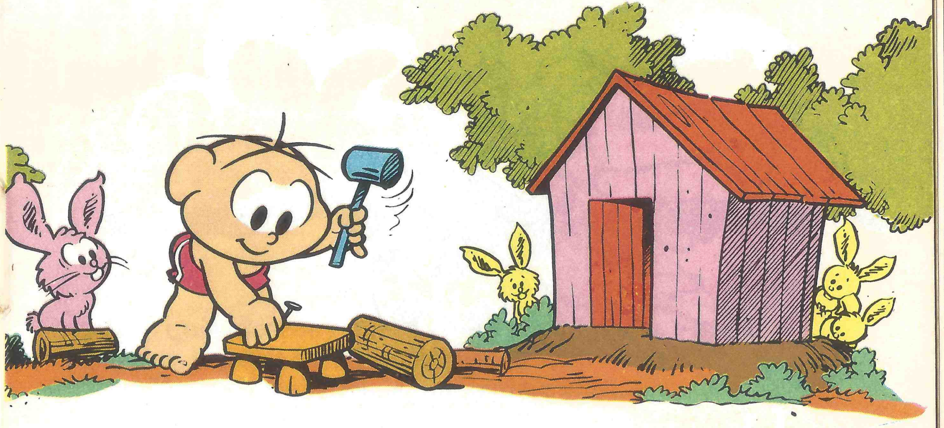


aprendizado, ela inventou uma porção de brinquedos que são, até hoje, utilizados nas escolas.

O suíço Jean Piaget, outro educador famoso, que estuda o assunto há uns cinqüenta anos, acha que o objetivo principal da educação é formar homens capazes de criar e testar coisas novas, e não simplesmente repetir o que os outros homens já fizeram. Para ele, educar é permitir que cada criança se desenvolva de acordo com sua própria personalidade. Dessa forma, a criatividade infantil poderá se manifestar livremente.

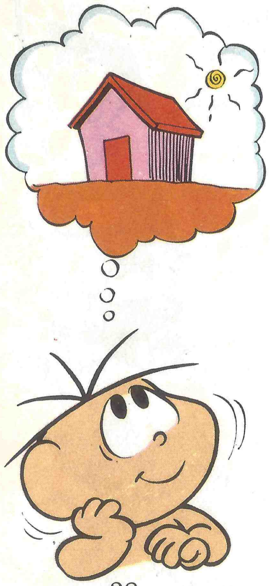
Mas tudo começou com um homem chamado Jean-Jacques Rousseau, que viveu há mais de 200 anos. Ele achava que a criança devia ser educada de um modo muito especial. Para isso ele escolheu um menino, cuja história vamos contar...





UM MENINO CHAMADO EMÍLIO

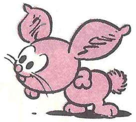
Ainda pequeno, Emílio foi morar no campo, numa bela casa rodeada de árvores, bem pertinho da natureza.



Enquanto morou lá, até completar seus 15 ou 16 anos, Emílio viveu longe da família, longe dos amigos. Mas não de todo sozinho. Além de umas poucas pessoas para tomar conta daquela casa, havia um professor que cuidava de Emílio e com ele conversava.

O mundo de Emílio era um mundo à parte. Mas, ali, ele vivia feliz. Tinha proteção e conforto. Conservava-se puro e bondoso, e nada ou ninguém se metia ou atrapalhava. Defeito, não tinha nenhum.

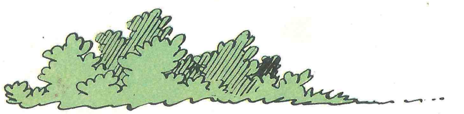
Também, Emílio só fazia o que gostava. E nunca por obrigação. Fazia e aprendia tudo que lhe despertava o interesse e a curiosidade. E o dedicado professor estava sempre por perto para orientá-lo.

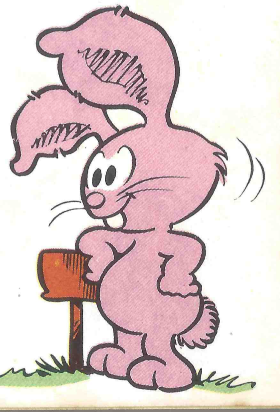


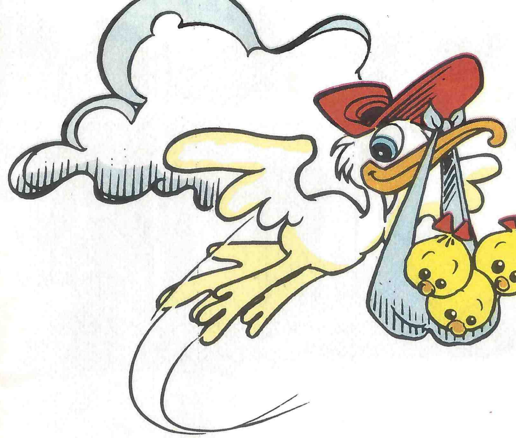
Assim foi indo até que Emílio se tornou um adolescente. Voltou então a viver com a família e a conviver com mais gente. Tinha chegado o momento de aprender outras coisas mais e de se preparar para a vida adulta.

Sabe, o Emílio na verdade não existiu. Foi personagem-título de um livro escrito por Jean-Jacques Rousseau e publicado em 1762. Rousseau achava que a criança devia ser tão-somente criança, e não "gente grande em miniatura", como na época muitos pensavam. E Rousseau tinha razão.

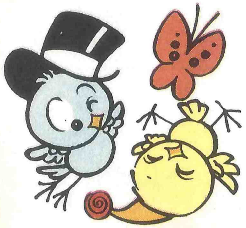
No entanto, que criança conseguiria viver isolada como ele propunha? Na verdade, nenhuma. O importante é aprender a viver junto. Como você, que brinca, vai à escola e, com seus amigos, troca uma porção de idéias que são úteis e boas pra todo mundo, não é mesmo?







QUEREMOS SABER!



Fazia algum tempo que a turminha andava com mil perguntas na cabeça. Eles queriam saber muitas coisas. Mas o problema era a quem perguntar.

Pensa daqui, pensa dali, até que um dia um deles tomou coragem e decidiu esclarecer toda a questão.

— Mãe, eu estava pensando... Queria tanto saber umas coisas, você conta pra mim?

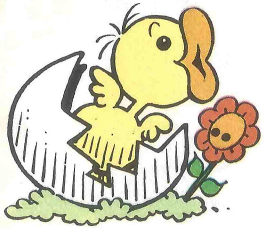
— Claro que sim!

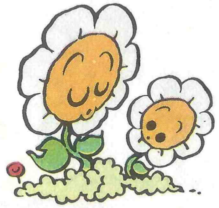
— Mas promete que conta tudo mesmo, sem mentirinha?

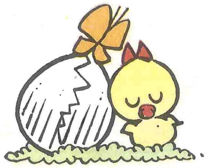
— Prometo! O que você quer saber?

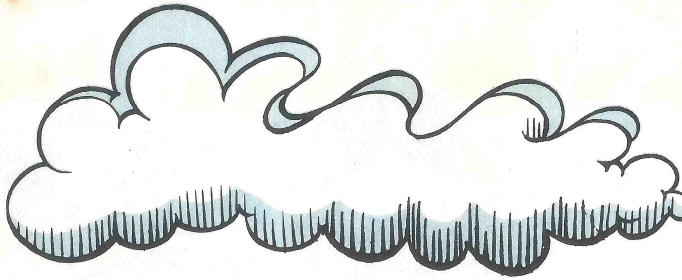
— Quero saber de onde eu vim. E quem me trouxe.

A mãe deu uma engasgada. Ficou sem









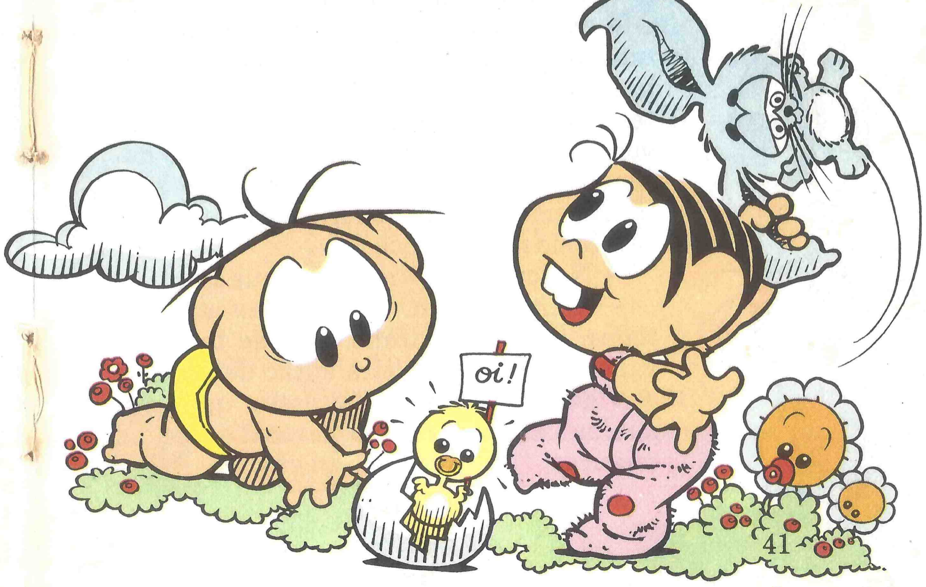
jeito, quis desconversar. Aí pensou, repensou, até que finalmente respondeu.

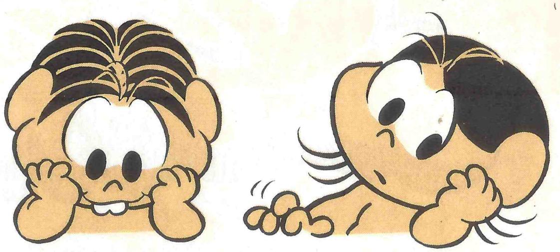
— Bem... eu... eu é que trouxe você. E você saiu da minha barriga. Todos os bebês saem da barriga das mães.

— Ah, é? E como a gente entra lá?

— Antes de mais nada, deixa contar uma coisa muito importante, que você precisa saber. Gente grande é que faz gente pequena. Sempre foi assim. É o pai, é a mãe. E, como você sabe, o pai é homem e a mãe é mulher.

— E daí, mãe?





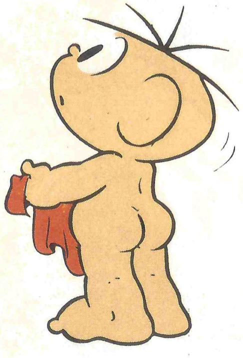
— Daí que o pai e a mãe se gostam muito. E por se gostarem muito, às vezes querem também ter filhos.

— Quer dizer que é só querer?

— Em parte, sim. Então vamos ver. Você sabe que o pai e a mãe são diferentes, não é mesmo? Como são diferentes um menino e uma menina, certo? Têm corpos diferentes, partes diferentes. Quantas vezes você já não reparou nessas coisas? Então, quando se diz que gente grande faz gente pequena é justamente porque eles juntam essas partes.

— E fazem uma criança como eu?

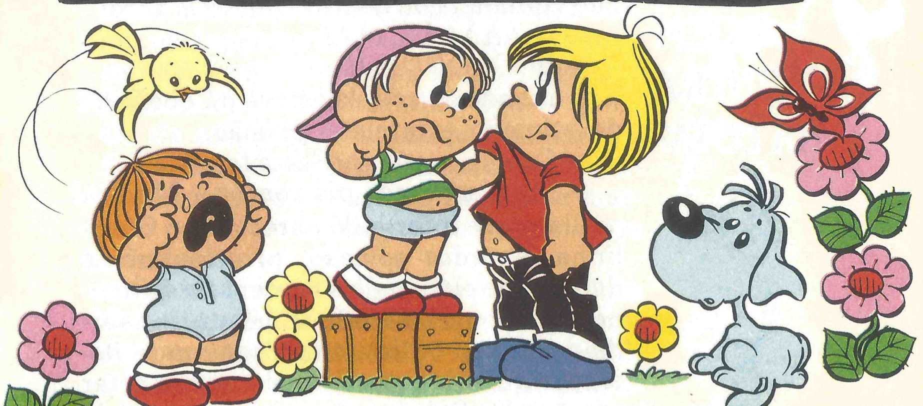
— No início, não. Tudo começa com um pontinho que caminha e chega até a barriga da mãe. E lá fica durante um tempo, para poder crescer e se desenvolver. Enquanto o pontinho cresce e se desenvolve, ele vai tomando forma de gente. Aí, nove meses depois, nasce a criança. Como nasceu você.

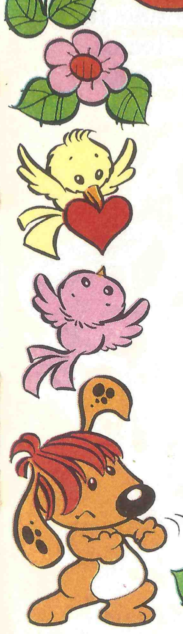


— Nascer é a mesma coisa que sair?

— Claro que sim. Durante esses meses todos, o corpo todinho da mãe também vai se preparando, para então deixar sair a criança inteirinha. Foi assim que você nasceu. E é assim que nascem todas as crianças...

Toda criança terá o direito de se defender quando agredida.





— É! Só que ninguém tem *folça* suficiente *pla* se defender da Mônica!

— Cebolinha, por acaso você está me chamando de agressora?

— Você já me bateu *válias* vezes!

— Sempre que bati em você foi pra me defender das suas provocações!

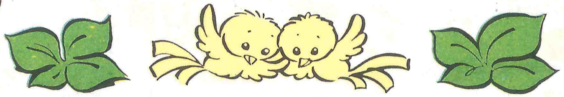
— *Plovocação* não é *aglessão!*

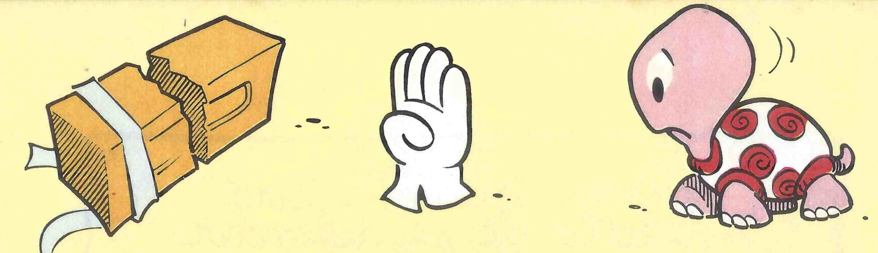
— Claro que é!

— *Clalo* que não é!

Vendo que aquele papo não ia levar a nada, o Anjinho interveio.

— Pessoal, acho melhor a gente decretar que também não vale provocar, vocês não acham?





QUEM ENTRA NA LUTA?

Quando passava em frente a uma academia de judô, o Cascão ouviu dois gritos que vinham lá de dentro.

— IÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁ!

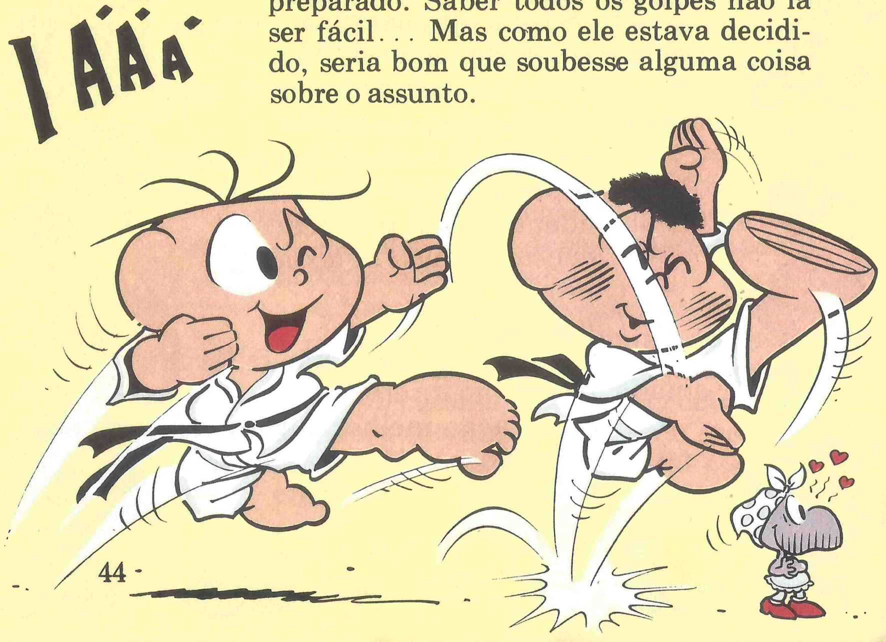
— *SOCOOOOLO!*

E quando entrou, lá estava o Cebolinha de quimono, estatelado no chão.

— Cebola, o que você está fazendo?

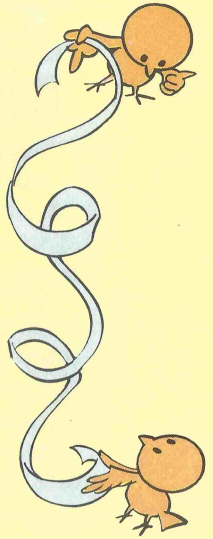
— Me *plepalando pla* vencer a Mônica!

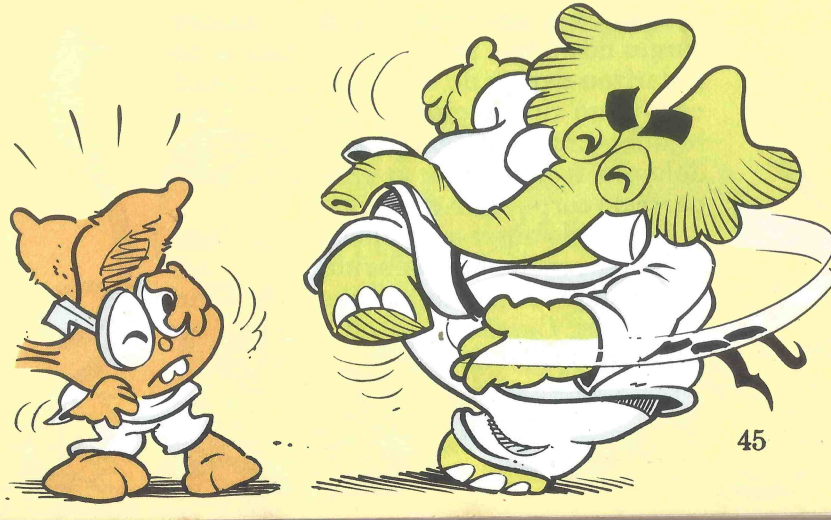
Claro que lutar judô parecia, pro Cebolinha, a única solução, principalmente depois que ele viu dois homens de quimono lutando na televisão. E já que tinha sido decretado o direito de cada um se defender quando agredido, ele queria estar preparado. Saber todos os golpes não ia ser fácil... Mas como ele estava decidido, seria bom que soubesse alguma coisa sobre o assunto.

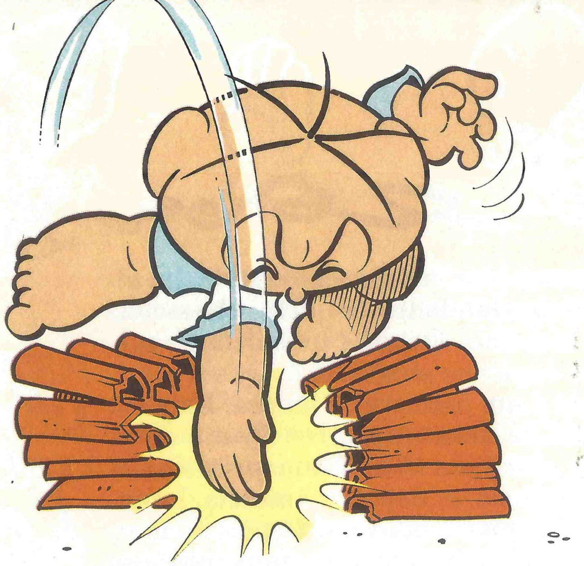


Pra começar, a defesa pessoal inclui algumas modalidades de lutas, chamadas lutas marciais. O judô é uma delas, e surgiu no Japão no século XIX. Quem pratica judô é um judoísta ou judoca. Existem judocas de duas categorias: *kyus* e *dans*. Os da categoria *kyus* usam primeiro a faixa branca e depois a amarela, laranja, verde, roxa e marrom. Depois da marrom passa-se à categoria *dans,* que usa faixa preta.

O judô é uma variação do jiu-jitsu, luta de origem muito mais antiga. Ela já existia por volta do século VI. Basicamente, o jiu-jitsu consiste na aplicação do princípio da alavanca, de forma que a força e o peso do adversário sejam usados contra ele mesmo. Era muito praticada pelos samurais japoneses.







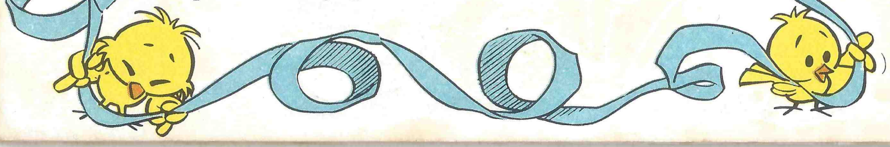
Outra forma de luta desarmada é o caratê, que consiste em defender e atacar imediatamente. Segundo lendas, surgiu com o zen-budismo, no século VI, na China, como uma forma de educação física. Mas foi no Japão, na ilha de Okinawa, que se aperfeiçoou. Seu golpes mais comuns são aplicados com a mão espalmada e os dedos unidos.

O sumô é ainda mais antigo. Também surgiu no Japão, no século III, mas se popularizou depois do século XVII. É praticado num ringue circular de areia. Cada lutador procura jogar o adversário fora dele, ou fazê-lo tocar o chão com outra parte do corpo além dos pés.

Depois de ouvir as explicações, o Cebolinha parecia meio em dúvida.

— Como é, Cebolinha? Vai continuar?

— Sabe, Cascão. . . estou pensando em *aplender* a jogar *xadlez!*

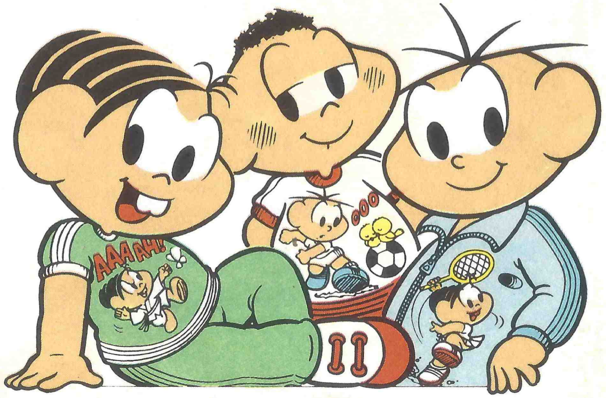


ANTES DE TUDO, PREPARE-SE!

Quem quiser praticar algum esporte tem que treinar bastante, pra ter agilidade de movimentos. Mas até pra fazer as coisas do dia-a-dia, a gente precisa de uma certa agilidade. Do contrário, não agüentaria correr até a esquina pra pegar o ônibus, nem poderia subir numa árvore pra apanhar uma fruta.

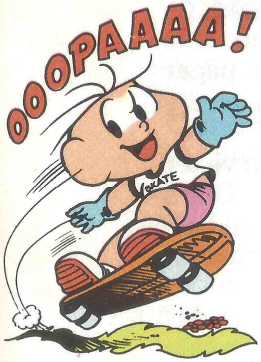
Há milhares de anos, o homem deve ter enfrentado problemas parecidos. Claro que ele não precisava correr atrás do ônibus. Mas correr de algumas feras ele certamente precisava.

Por isso, na Pré-história, o homem das cavernas não teve outro jeito senão aprender a saltar, escalar, correr, atirar, combater. É que ele tinha que se defen-



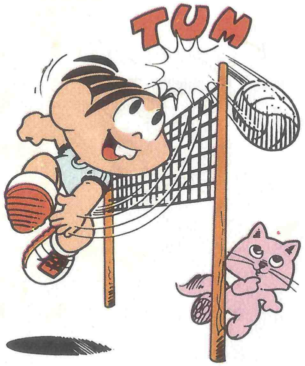
der dos inimigos, procurar alimentos, atravessar rios, subir montanhas. Mas ele começou a perceber que saltar, correr, escalar, eram coisas que podiam ser feitas simplesmente por prazer.

Pois foi dessa forma que começou a surgir, na Antiguidade, o hábito de praticar esportes. Os chineses, por exemplo, desenvolveram diversas formas de ginástica. Já os gregos aperfeiçoaram a prática dos exercícios físicos e organizaram competições como as que se fazem hoje, dando início às provas de atletismo.



Na Grécia antiga, realizavam-se os jogos olímpicos de quatro em quatro anos. O esporte era uma forma de diversão. Mas os gregos se preocupavam também com a beleza física e a perfeição do corpo. Por isso praticavam exercícios.

Mas com a dominação de Roma, as coisas começaram a mudar. Como os romanos estavam mais interessados em preparar bons soldados, eles só treinavam os jovens para os combates. Com isso, o atletismo foi perdendo sua importância. Só mais tarde, durante a Idade Média, é que ele começou a voltar.

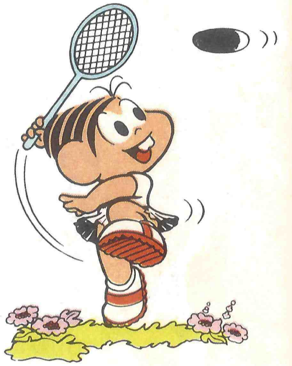


manual da monica-3ºcaderno

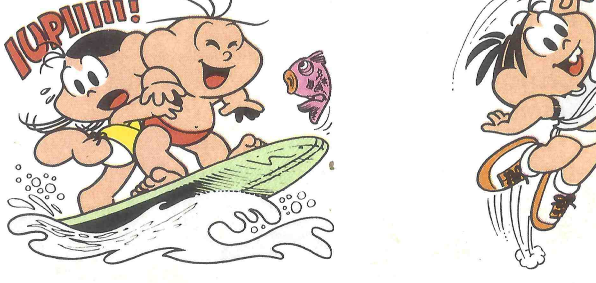
A partir daí, o esporte passou a ser visto como uma forma de diversão e também como prática educativa, acabando por ser incluído no currículo escolar nos tempos modernos.

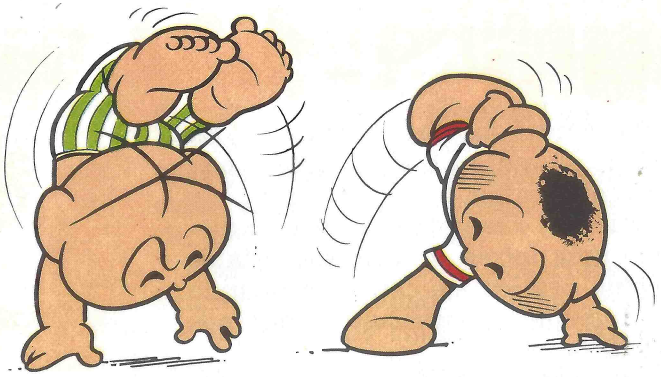
Em pleno século XIX surgiram os clubes, as federações e confederações, que organizaram as diferentes modalidades de esportes já espalhados pelo mundo.

Hoje o esporte vem se tornando bastante popular e, cada vez mais, homens e mulheres são atraídos por ele. Muitas dessas pessoas procuram, através de exercícios, manter a forma física pra enfrentar melhor o ritmo de vida das grandes cidades.



De certa forma, essa preocupação é bem parecida com a do homem primitivo, que aprendeu a saltar e a correr para vencer as dificuldades de seu próprio ambiente.





CAPOEIRA RESOLVE?

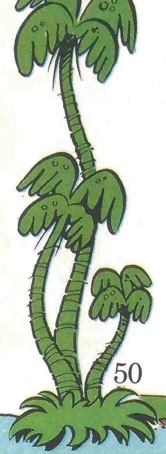
— Cebolinha, você acha mesmo que esse plano vai dar certo?

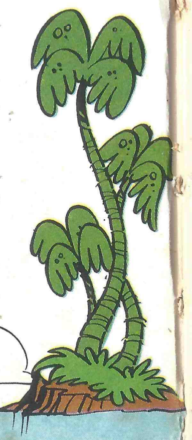
— *Clalo,* Cascão! *Pla* gente *delotar* a Mônica, é só *aplender* a jogar *capoeila!*

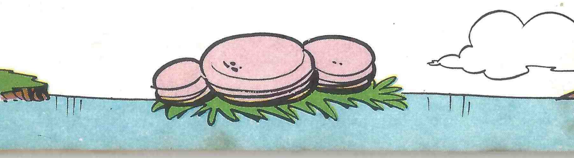
É isso mesmo! Capoeira já ajudou a resolver os problemas de muita gente. Na Bahia, no tempo da escravidão, ela era praticada pelos escravos, que não tinham outra maneira de se defender dos maus tratos que recebiam de seus senhores. Mas como lhes era proibida a prática de qualquer forma de luta, eles tinham que disfarçar, e a capoeira aparecia então como um ritual religioso. Mesmo depois da abolição da escravatura, os capoeiristas eram perseguidos pela polícia.

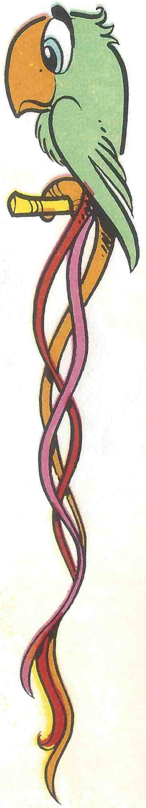
Hoje a capoeira é muito cultivada, principalmente na Bahia, onde integra o folclore regional.

Na verdade, porém, a capoeira é uma forma muito eficaz de ataque e defesa.









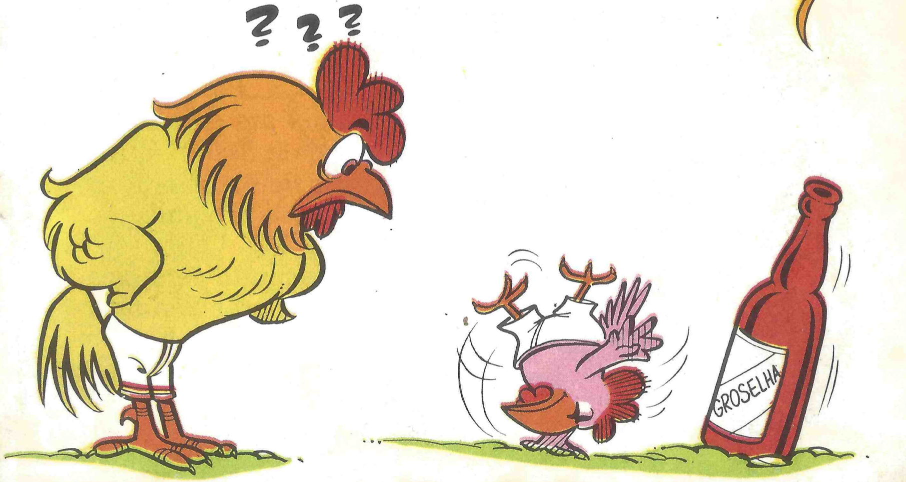
Um capoeirista experiente desenvolve muita força muscular, flexibilidade e agilidade. Ele aplica no adversário a rasteira, o rabo-de-arraia, a meia-lua, que são alguns golpes da capoeira. Os mais perigosos são dados com os pés e podem ser até mortais.

Mas, como dissemos, a capoeira não é apenas luta, com suas sérias conseqüências; hoje, ela é principalmente uma demonstração de destreza e ritmo, seus golpes não atingem o adversário e seus movimentos são mais lentos, cadenciados pelo som de instrumentos musicais, como o berimbau, o reco-reco, o agogô e o atabaque. Existem academias de capoeira em várias cidades do Brasil.

Pois foi uma dessas academias que o Cebolinha e o Cascão resolveram freqüentar. Mas quando lá chegaram, eles tiveram uma grande surpresa...

— Cebolinha! Cascão! Vocês também vão aprender a jogar capoeira?

— Mônica!!! N-não! A gente vai só... *aplender* a tocar *belimbau!*



COM GREGO, SÓ PAPO!

Quem conhece o Cebolinha sabe que o seu grande sonho é derrotar a Mônica. E que ele sempre precisa de ajuda para executar os seus planos "infalíveis".

— Mas o plano é *pelfeito,* Cascão!

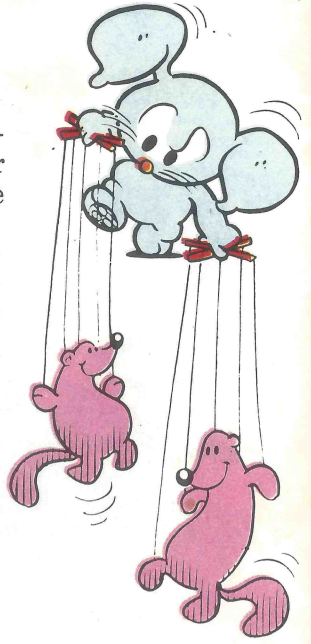
— Não, Cebola. Você já fez de tudo! Capoeira, judô, ginástica, e nem assim conseguiu derrotar a Mônica. Por que você não tenta outra coisa?

— Que coisa? Ela *semple* acaba vencendo...

— Aí é que está, Cebola. Porque é que você não usa o blablablá pra enfrentar a Mônica? Os gregos faziam assim. Quando eles queriam convencer alguém de alguma coisa, eles ar-gu-men-ta-vam!

— Hein?!!

Não se trata de nada muito complicado. Argumentar é apenas usar argumentos para chegar a uma conclusão. E quem



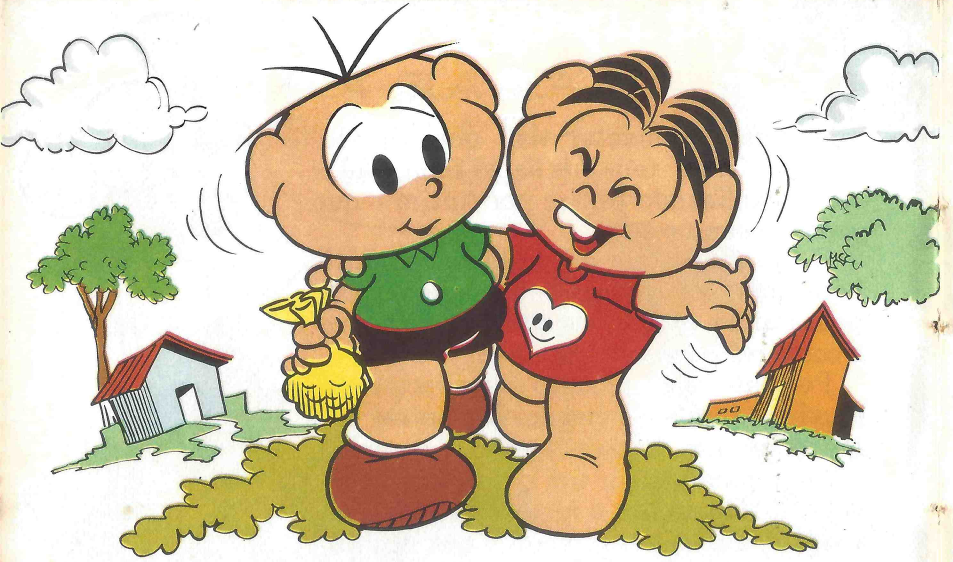
pretende argumentar tem que ser eloqüente. Isto é, tem que saber falar. Falar bem, explicando tintim por tintim o que está pensando.

O Franjinha, por exemplo, sabe muito bem como convencer seus amigos. Ele pensa antes no que vai falar, depois leva a conversa para o seu objetivo.

Portanto, o argumento é um raciocínio que leva a uma conclusão. Em outras palavras: é um encadeamento de pensamentos para atingir um determinado resultado. Quem usa o raciocínio lógico vai emendando os pensamentos uns nos outros, partindo de uma afirmação (premissa) verdadeira. E daí vai tirando conclusões também verdadeiras. Por exemplo:

1- Todo ser humano tem sangue quente.
2- Pedro é um ser humano.
3- Logo, Pedro tem sangue quente.

O sofisma também parte de uma afirmação verdadeira, só que leva a uma dedução falsa. Veja o exemplo a seguir:



1- Todo ser humano tem sangue quente.
2- O coelho tem sangue quente.
3- Logo, o coelho é um ser humano.

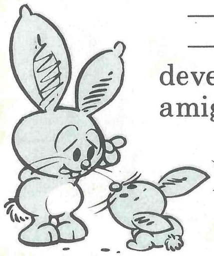
Os primeiros sofistas surgiram na Grécia, no século V a.C. Antes disso só se via os gregos meditando, cada um "na sua". Ninguém estava preocupado em discutir ou convencer. Então, com os sofistas, muita coisa mudou. Eles davam muita importância à retórica, à eloqüência e à gramática, que são coisas decisivas pra quem quer falar bem.

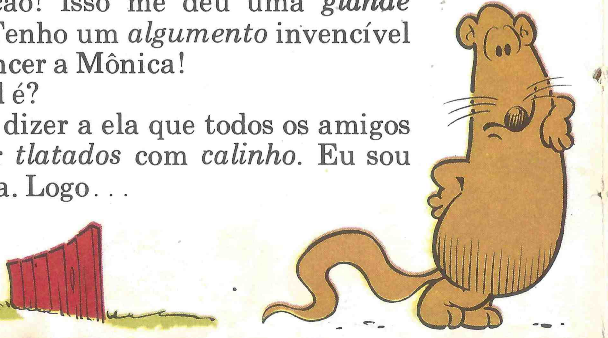
Ao saber disso tudo, Cebolinha soltou o seu grito triunfal.

— Cascão! Isso me deu uma *glande* idéia... Tenho um *algumento* invencível *pla* convencer a Mônica!

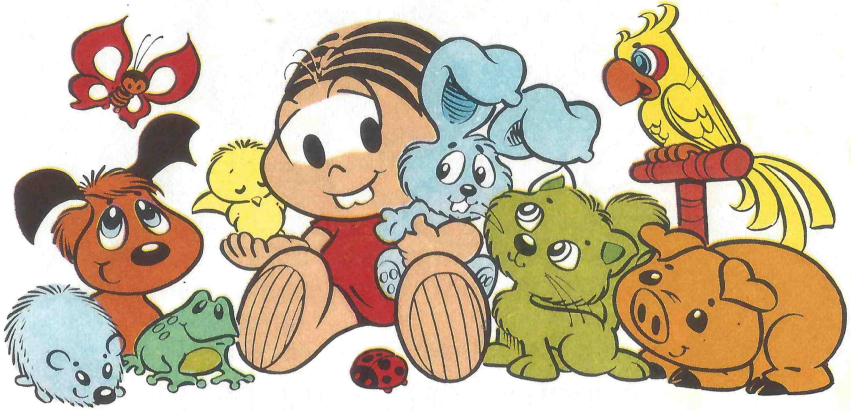
— Qual é?

— Vou dizer a ela que todos os amigos devem ser *tlatados* com *calinho*. Eu sou amigo dela. Logo...





Toda criança terá direito a um animalzinho de estimação.



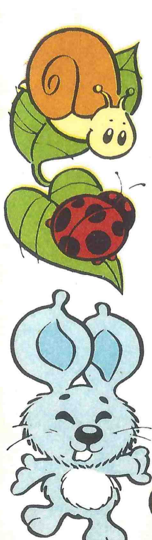
— Mônica, e quando na casa da *cliança* não tiver lugar *pla* ficar um bichinho?

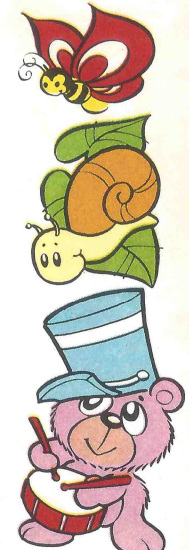
— Cebolinha, você não vai querer ter um hipopótamo, né?

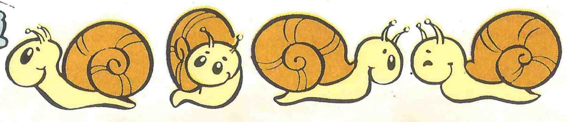
— *Clalo* que não, Mônica! Eu estava pensando num *jacalé!*

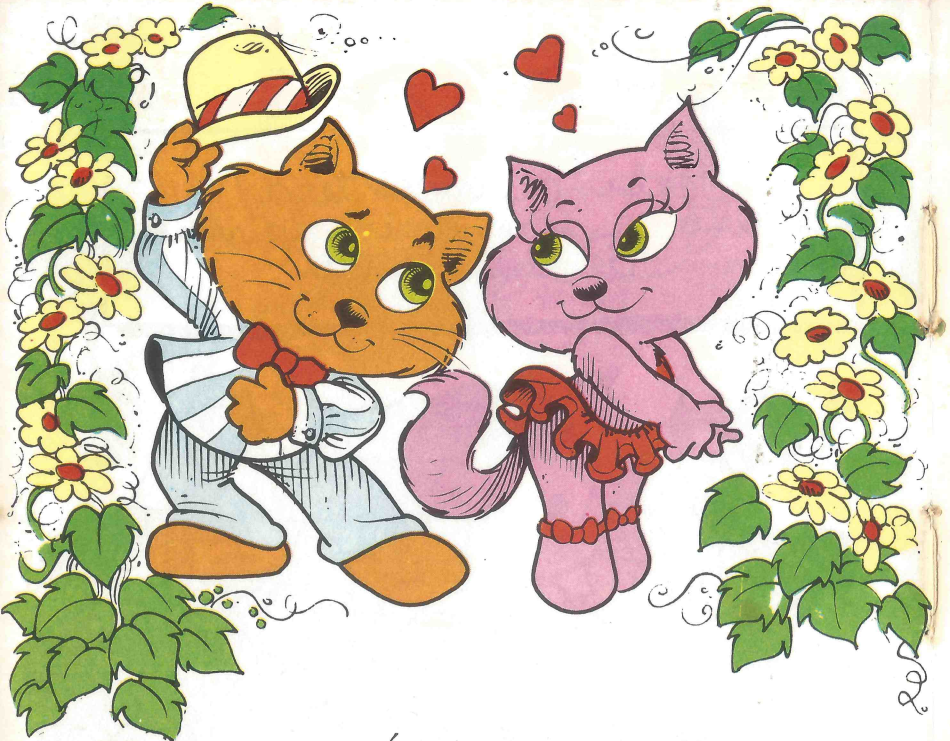
— Também não dá, Cebola! O decreto fala num *animalzinho!*

Cebolinha acabou concordando e este decreto também foi logo aprovado. Existem vários animaizinhos que uma criança pode ter. Um cão, um gato, uma tartaruga, um peixinho...







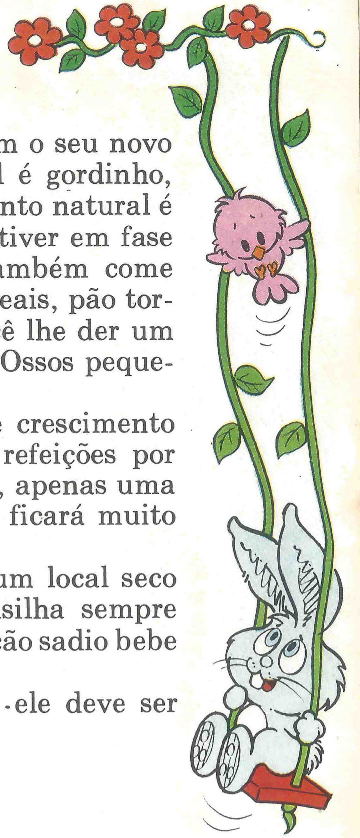


O BICHO É SEU. CUIDE DELE!

Depois de finalmente escolhido o animalzinho de estimação, a turma compreendeu que tinha assumido uma responsabilidade: cuidar do bichinho, providenciar um lugar adequado pra ele ficar, alimentá-lo. E estavam muito felizes com isso.

É bom a gente lembrar, porém, que o animal de estimação pode ser um companheiro de diversões, mas não é um brinquedo. Ele precisa ser tratado com muito carinho para ser um bom amigo.

Quem quiser ter um cãozinho, por exemplo, deve saber que um filhote se



acostuma mais depressa com o seu novo dono. Um cãozinho normal é gordinho, esperto e curioso. Seu alimento natural é carne, principalmente se estiver em fase de crescimento, mas ele também come vegetais cozidos, peixes, cereais, pão torrado e até biscoitos. Se você lhe der um osso, que seja dos grandes. Ossos pequenos podem asfixiá-lo.

Um cãozinho em fase de crescimento precisa de quatro a cinco refeições por dia. Quando for mais velho, apenas uma ou duas, caso contrário ele ficará muito gordo e preguiçoso.

Ele precisa também de um local seco para dormir e de uma vasilha sempre cheia de água limpa. Todo cão sadio bebe muita água.

Depois de tomar banho, ele deve ser

enxugado para não se resfriar. E também deve ser escovado. O ideal é usar um pente ou uma escova dura. Isso remove os pêlos mortos e conserva sua pelagem sempre sedosa.

Um gato precisa de menos cuidados e é limpo por natureza. Todo dia ele se lava com a própria língua. Seu principal alimento é a carne de vaca, mas ele também come peixes, vegetais cozidos e cereais. Nada de carne de porco, presunto ou salsicha.

O gato também precisa sempre de água limpa e fresca, e deve ser escovado com freqüência para eliminar os pêlos soltos. Senão ele pode engolir esses pêlos ao se lavar.

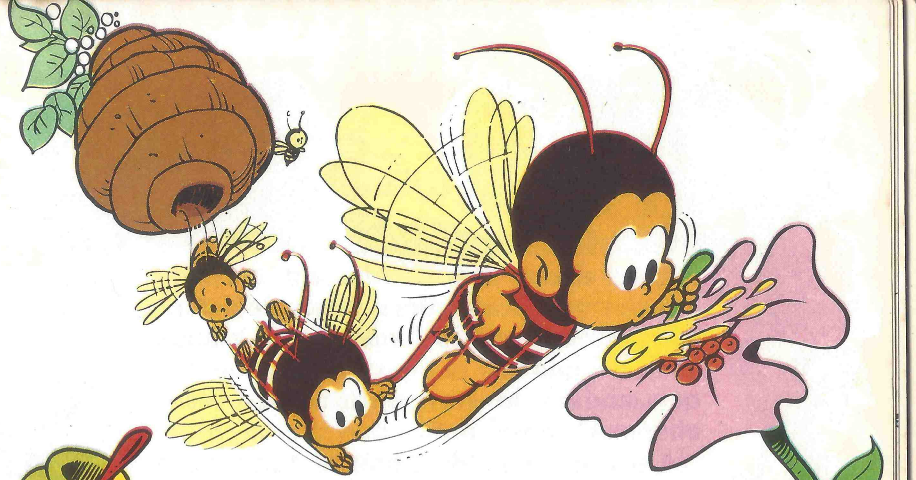
Seu animal de estimação pode ser ainda um canário (se você não tiver um gato, é claro!), ou um papagaio, ou um peixinho de aquário, ou uma tartaruga, ou um coelho, ou um porquinho-da-índia, ou muitos outros.

Mas seja qual for o animalzinho escolhido, é melhor procurar saber logo qual a melhor maneira de tratá-lo, pois cada um exige cuidados especiais.

Cães e gatos precisam ser vacinados em determinadas ocasiões.

Um veterinário pode dar toda orientação a respeito, e também tratar deles quando ficarem doentes.

Mas um animalzinho de estimação bem cuidado dificilmente fica doente. Ele dará a seu dono muito mais alegrias do que preocupações.



ELES VIVEM EM SOCIEDADE

A tarde estava tranqüila e a turminha tinha saído para um piquenique. Já estava quase na hora de voltar para casa quando...

— AAAI!

— O que foi, Mônica?

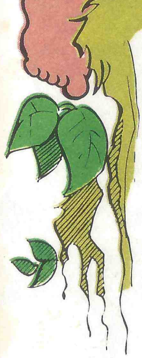
— Uma formiga me mordeu!

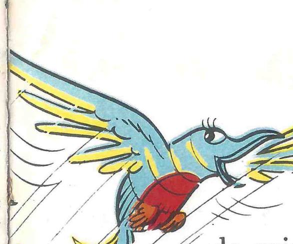
— Mônica, você sabia que a formiga é um animal social?

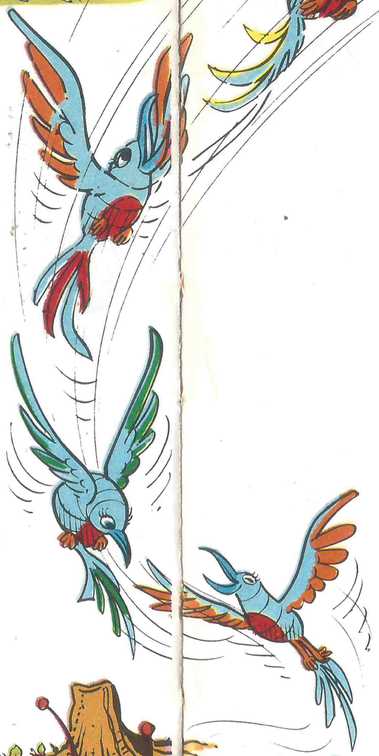
— Não tem graça, Franjinha! Morder os outros não é nada social! É uma grande falta de educação, isso sim!

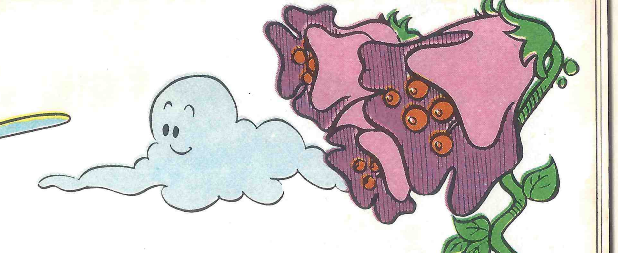
Sem ligar para os comentários da Mônica, Franjinha resolveu contar que certos animais vivem em grupo. Assim eles podem defender-se uns aos outros e se reproduzir com mais facilidade.

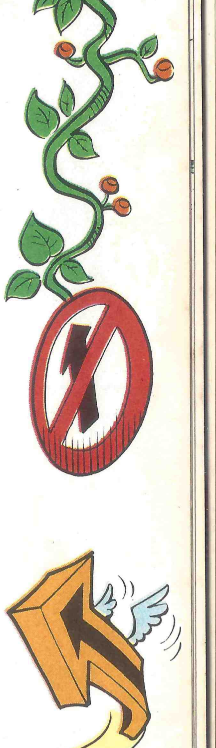
Os cupins são um bom exemplo disso. Cada colônia é iniciada por um casal reprodutor, cujo único trabalho é procriar.











Alguns desses insetos crescem mais do que outros e ficam com a tarefa de defender o cupinzeiro. Os demais viram cupins comuns, que não se reproduzem. São eles que cuidam de construir a colônia e encher a despensa.

Uma colmeia de abelhas também é uma comunidade interessante. Os zangões não trabalham e a rainha só põe ovos. No dia do acasalamento, ela voa pra longe da colmeia, seguida pelos zangões. Um deles a alcança e fecunda, mas morre logo depois.

Todo o trabalho da colmeia é feito pelas abelhas operárias. Algumas servem a rainha, outras alimentam as larvas, que são as abelhas bebês, outras defendem a colmeia e outras, ainda, coletam o néctar e produzem o mel.

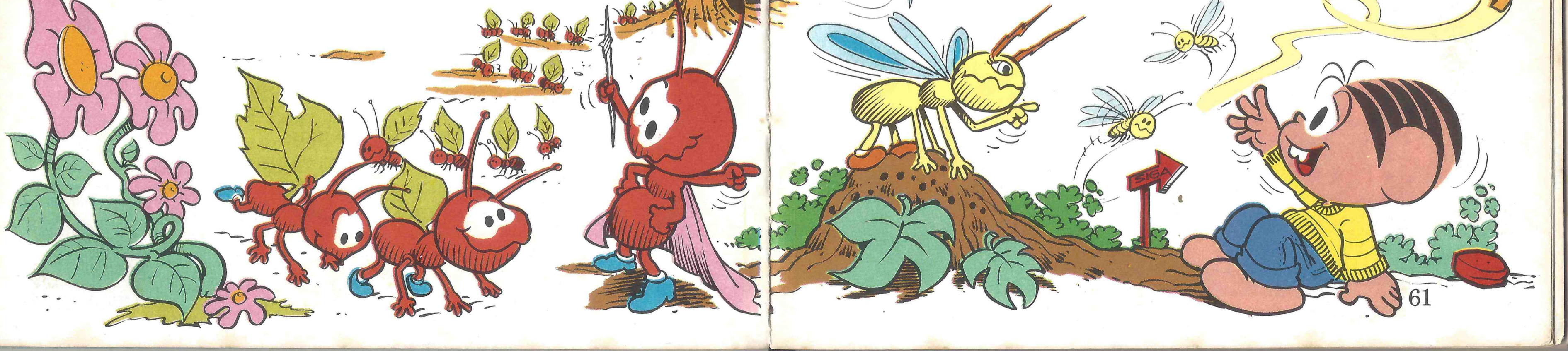
Quando Franjinha repetiu que as formigas também são animais sociais, Mônica torceu o nariz. Mas gostou de saber que suas colônias são as mais complexas do reino animal. O ninho das formigas-vermelhas, por exemplo, chega a ter 2 metros de altura, e abriga vários milhões de formigas.

No verão, alguns casais reprodutores criam asas e voam para longe. O macho morre logo depois de fecundar a fêmea, que então perde as asas e inicia nova colônia. Sozinha, ela põe os ovos e protege e alimenta as larvas.

Algumas semanas depois já haverá formigas operárias adultas, que vão construir as galerias, os viveiros de larvas, os depósitos de alimento, a câmara da rainha e até cemitérios, para onde vão as formigas mortas. Suas colônias crescem muito depressa. As menores têm cerca de 50 000 habitantes.

— Você não acha que as formigas são um barato, Mônica?

— Eu acho que é melhor a gente ir andando. Antes que toda essa sociedade resolva nos fazer uma visita!

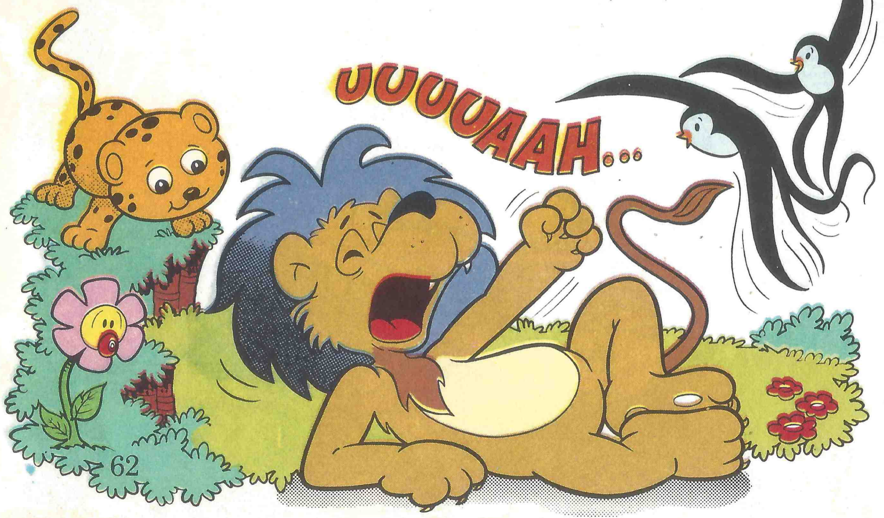


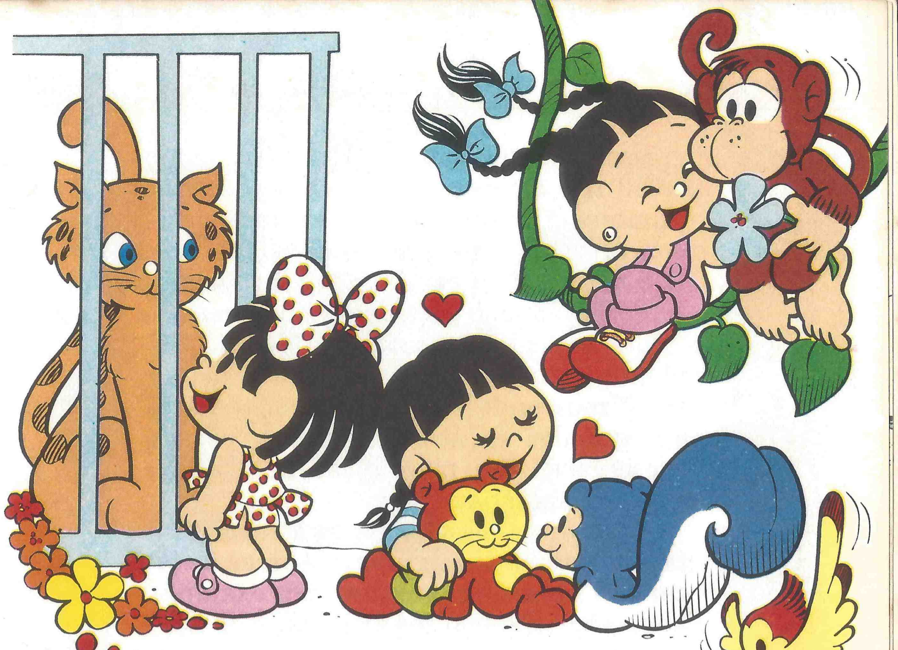
ANIMAIS DO MUNDO TODO

— Gostei do *jacalé!* E você, Magali?
— Eu, do avestruz! E você, Mônica?
— Do gorila! Ele é tão fofinho!

A turminha estava no jardim zoológico, onde tinha passado a tarde toda.

Como este, existem centenas de zoológicos pelo mundo. Alguns reúnem apenas um tipo de animal, como os aviários, onde existem só aves, ou os aquários, onde existem só peixes; outros reúnem toda sorte de animais. Trinta séculos atrás, o imperador chinês Wen Wang já reunia animais num lugar chamado Ling-Yu, que significa Jardim da Inteligência. Também na Grécia, o filósofo Aristóteles

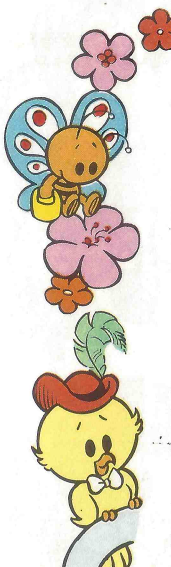




(384-322 a.C.) organizou um zoológico com os animais que recebia do seu aluno mais famoso, Alexandre, o Grande, que os capturava durante suas expedições militares. E no México, em 1519, o explorador espanhol Fernando Cortez encontrou uma grande coleção de animais que incluía aves de rapina, mamíferos e répteis.

O primeiro zoológico moderno foi fundado em 1752. Era a coleção Imperial do Palácio Schönbrunn, em Viena.

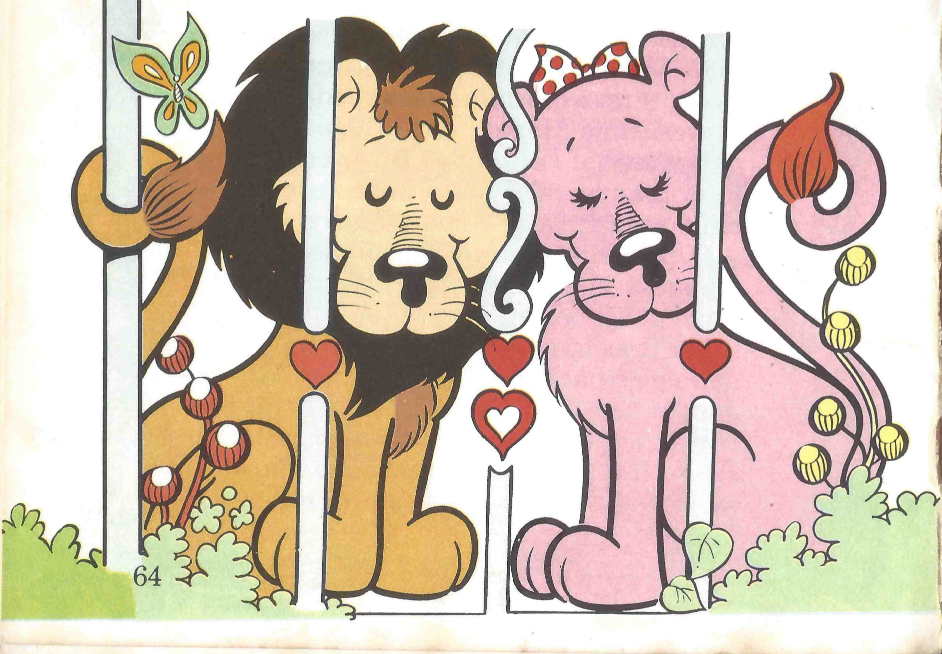
No Brasil, o primeiro zoológico foi fundado pelo barão de Drummond, no Rio de Janeiro, em 1888. No começo, o barão recebia ajuda em dinheiro do imperador D. Pedro II. Depois, não recebendo mais essa verba, o barão começou a cobrar in-

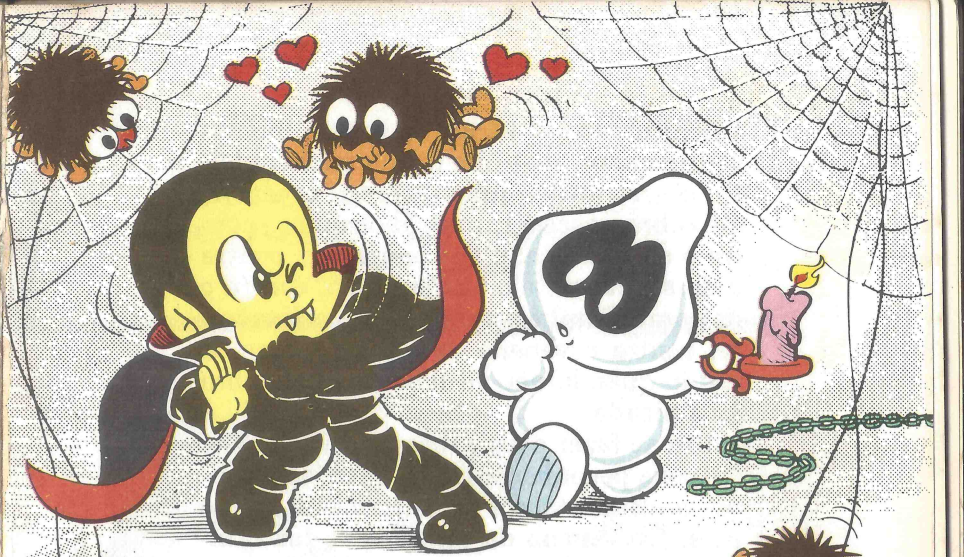


gressos dos visitantes. Estes pagavam 1.000 réis e recebiam um bilhete com o número de um dos animais em exposição, concorrendo a um prêmio de 20.000 réis. O barão morreu em 1897 e seu zoológico se desfez, mas o jogo do bicho ficou.

Um zoológico procura reproduzir o ambiente natural dos animais. Existem alguns zoos onde eles são deixados livres em grandes espaços. Isso possibilita a preservação e a reprodução de espécies que estão desaparecendo.

Além disso, esses lugares atraem visitantes porque são agradáveis áreas de lazer. Os nossos amiguinhos, por exemplo, acharam o passeio sensacional. Aprenderam muita coisa sobre diferentes animais e se divertiram a valer.





BUTANTÃ: O FIM DA PICADA!

— Não sei por que você queria tanto vir aqui! Cada bicho feio!

— A beleza é relativa, Mônica! Pra um sapo, a gente deve parecer horrível!

Esse estranho papo entre Mônica e Franjinha era por causa de uma visita ao Instituto Butantã. Fundado em 1899 na cidade de São Paulo, o Butantã é conhecido até em outros países, pra onde ele exporta seus medicamentos. Lá no Instituto se produzem soros contra picadas de cobras, aranhas e escorpiões.

Foi por uma pesquisa de um de seus fundadores, o Dr. Vital Brasil,que se descobriu que o soro antiofídico, contra a picada de cobra venenosa, não combate o veneno de qualquer tipo de cobra.

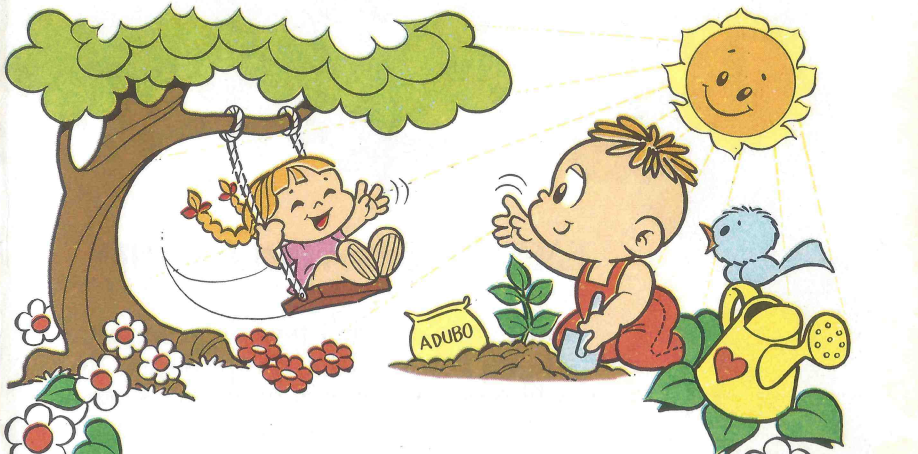
Depois dessa descoberta foram desen-

volvidos outros soros, que têm nomes complicados, mas que fazem melhor efeito: o soro anticrotálico, contra o veneno da cobra cascavel; o antibotrópico, contra o da jararaca; o antibaquético, contra o da surucucu; e o antilapídico, contra o da coral. Também existe o soro polivalente, contra o veneno de várias cobras. É usado quando não se sabe de qual cobra foi a picada.

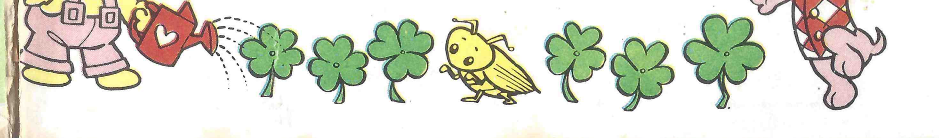
Pra se fazer o soro, usa-se o veneno de animais peçonhentos que são enviados vivos ao Butantã por voluntários de todo o país. Do veneno da jararaca se faz também um medicamento que evita hemorragias depois das operações.

No Butantã existe o maior serpentário do mundo. Todas essas cobras assustavam um pouco a garotada. Mas agora eles sabiam que, em caso de qualquer picada, o Butantã garantia o soro. E esse soro, afinal, era obtido daqueles mesmos bichos feíssimos que estavam ali.

Toda criança terá o direito de possuir sua árvore.



— Que calor, hein, turma!
— É mesmo! O sol está de rachar!
— O Floquinho é que tem sorte! Ele cabe embaixo daquele arbusto e pode aproveitar a sua sombra!
— Ah, já sei o que a gente pode fazer pra resolver isso!
— O quê, Mônica? Desligar o sol?
— Não, Cascão! Mas a gente pode plantar árvores aqui na pracinha!
— Boa idéia! Assim logo vai ter sombra de montão!



EM TEMPO DE VERDEMANIA

A idéia que a turma teve de decretar o direito de possuir uma árvore surgiu de uma observação: já não havia mais canteiros para plantar uma flor, nem espaço para uma árvore. Por isso mesmo, já não havia lugar adequado para brincar. Isso acontecia tanto lá no bairro, como perto da escola ou em qualquer lugar.

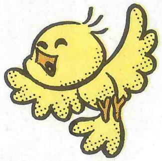
Foi assim que a turminha resolveu brigar por um pedaço de verde, que fosse bonito e alegre. Coisa que a gente quase não vê. Estariam eles promovendo um movimento ecológico? E o que vem a ser isso, afinal?

Significa simplesmente amar e respeitar a natureza em tudo aquilo que ela oferece de bom e útil à nossa vida.

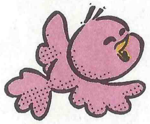
Cascão, por exemplo, não achava nada vantajoso acabar com o campinho de futebol para nele construir uma indústria.

Mesmo que fosse uma indústria moderna, dessas que fazem um montão de aparelhos bonitos e brilhantes. Porque Cascão sabia muito bem que as indústrias sempre trazem a famosa poluição.

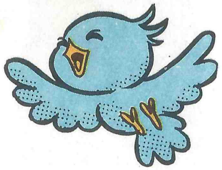
Outra coisa que a turminha sabia é que os animais e vegetais dependem uns dos outros para viver. Se as pessoas começam a mexer muito na natureza, as coisas vão ficando desequilibradas e depois não tem mais jeito de consertar.



Vejam as plantas! São poucas as que ainda sobraram nas cidades. No entanto, são as áreas verdes que nos dão o oxigênio que respiramos. Com a derrubada das matas, que não são renovadas, vastas áreas podem transformar-se de repente em grandes desertos.

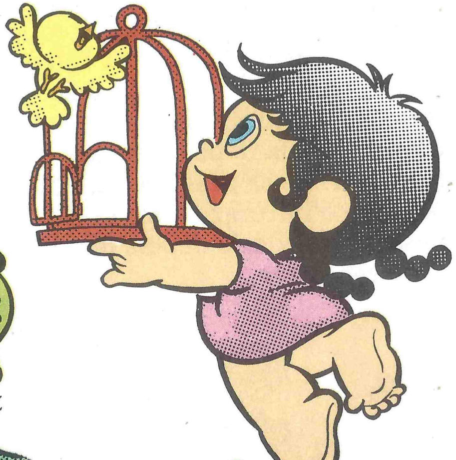


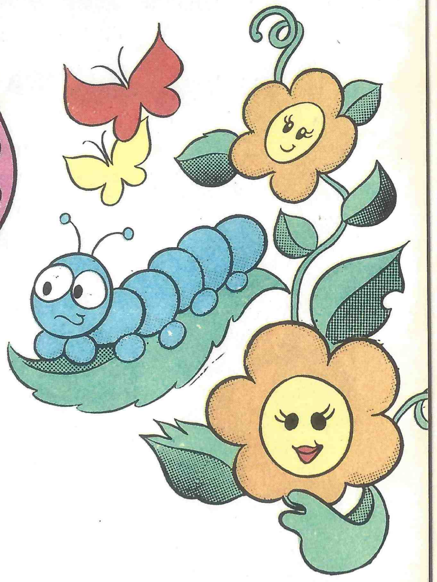
É ninguém pode esquecer que quando a vegetação é afetada, a vida dos animais se altera e a nossa também. Por isso a ecologia, que é a ciência do meio-ambiente, alerta o homem para que não vá destruindo as plantas e os animais, pois uns fazem falta aos outros.



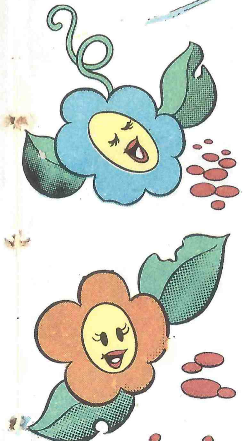
A turma conversou muito sobre este problema. E todos acharam que eles precisavam fazer alguma coisa. Uma passeata? Um comício? Por fim, resolveram. Iam fazer o seu jardim e convocar a garotada do bairro para cuidar dele.

Quem não quer ter a sua árvore?





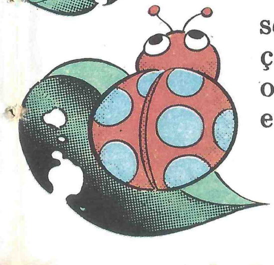
VAMOS JARDINAR?



Foi sorte mesmo da turminha encontrar "aquele lugar" para fazer o seu jardim. Lá no bairro havia uma vila. Um encanto de vila, coisa rara, com uma pequenina praça. Ao redor, alinhavam-se as casas branquinhas com tetos coloridos. E num canto da pracinha... um pedaço de terra desocupado!

Sorte maior foi encontrá-lo quase pronto para receber tudo quanto é flor, planta ou árvore. Isso não quer dizer que a turma não estivesse disposta a tudo fazer pelo seu jardim. Muito pelo contrário.

A preparação de um jardim exige uma série de tarefas para deixá-lo em condições de cultivo. Assim, é preciso limpar o terreno, desbastando o mato com foice, e arrancar, com enxada, ervas daninhas.



Normalmente, os terrenos são irregulares. Por isso, deve-se nivelar a superfície, retirando o excesso de terra com o auxílio de um enxadão, pá e carrinho de mão.

Como você vê, uma trabalheira!

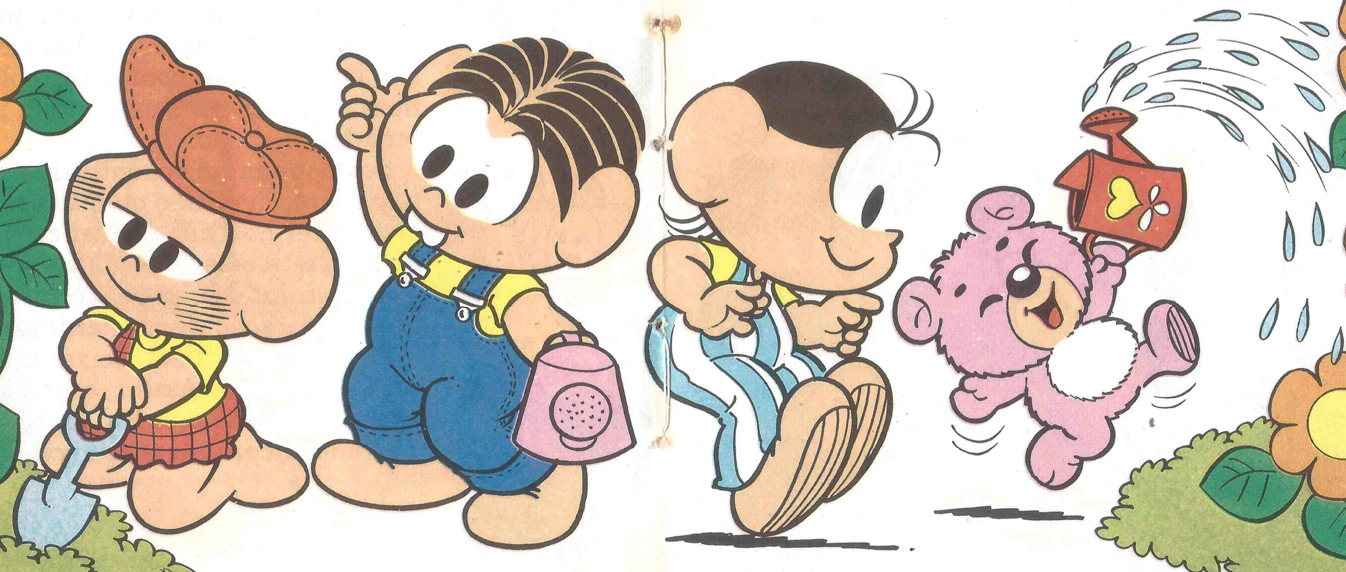
Com metade do caminho andado, a turma logo cuidou de preparar os canteiros para plantar. Cada qual tinha a sua ferramenta, tudo emprestado da vizinhança, que adorou colaborar. Afinal, quando se tem casa, quem é que não gosta de cultivar o seu próprio jardim?

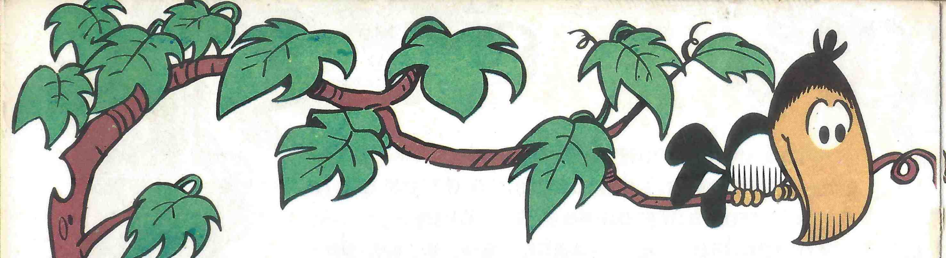
E a turminha pôs mãos à obra: afofou bem a terra, aproveitando para remover restos de mato. Para tanto, foi usado o arrancador de plantas e o escarificador. E misturou um pouco de adubo orgânico à terra, que estava meio maltratada. Era preciso tornar a fertilizá-la.

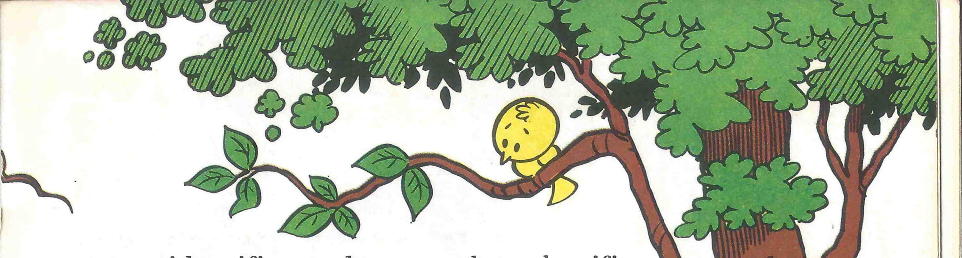
Uma vez cumpridas essas tarefas, chegou o tão esperado momento de plantar. Aí, a turma animou-se ainda mais.

De um lado, ajeitaram mudas de dálias e begônias. De outro, mudas de azaléias, crisântemos e sempre-vivas. E bem no meio, plantaram um belo ipezinho-de-jardim. Não é que a turminha tinha finalmente o seu próprio jardim? Não era difícil imaginar como seria bonito quando estivesse florido!

Mas, enquanto as mudas iam crescendo, eles não podiam esquecer de conservar o jardim sempre limpo. Folhas ou galhos secos, tinham que ser removidos. E regar tudo cuidadosamente, pois só a água da chuva não seria suficiente. E, vez por outra, aplicar um remédio pra combater pragas e um pouco de adubo vegetal pra revitalizar a terra.







ENTRE NESSE JARDIM

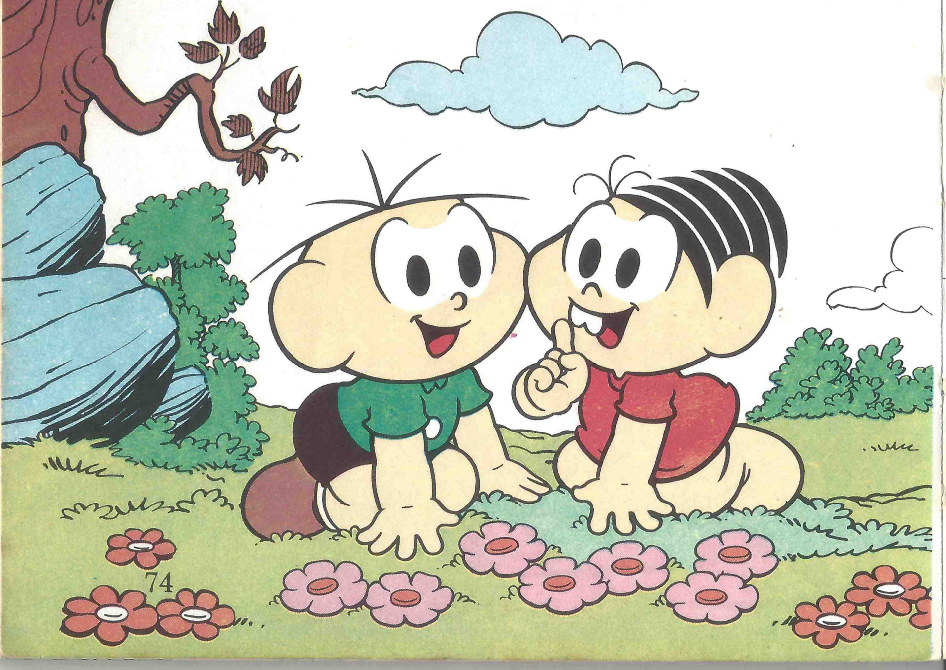
Mônica, defensora ativa do verde, propôs ao resto da turma um programa diferente: partir pro campo e ver o verde. Assim, num belo domingo de sol, foram todos visitar o jardim botânico.

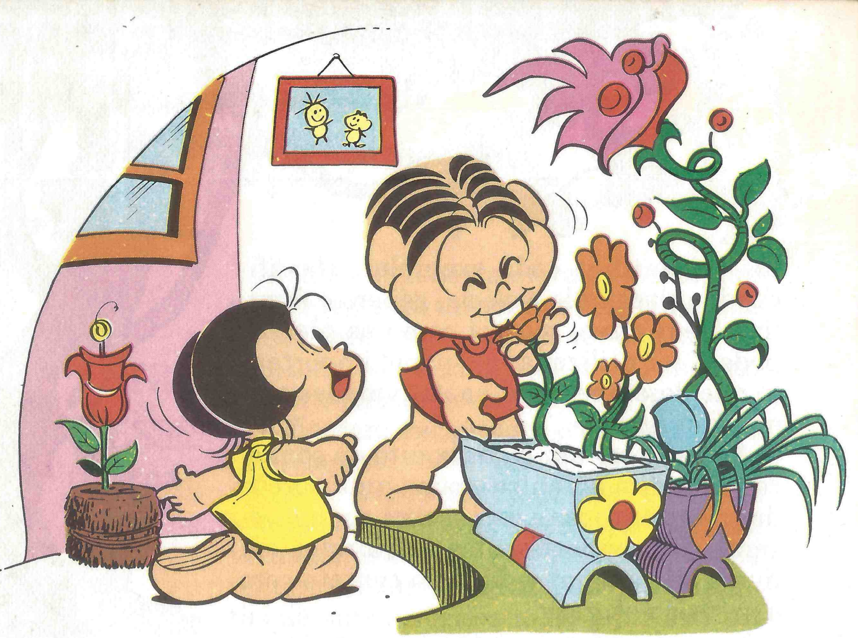
E ficaram encantados com aquele parque imenso, inteiramente dedicado ao cultivo e exposição de plantas e árvores. Viram belos exemplares, que formam verdadeiras coleções vivas, exóticas, diferentes. Lá também são cultivadas plantas de outras regiões e até aquelas trazidas de fora do país.

O jardim botânico estuda a vida e o desenvolvimento das plantas. Faz pesquisas e identifica cada exemplar, classificando-os segundo espécie, gênero e família. Além disso, mostra como as plantas podem ser utilizadas e o papel importante que desempenham nas atividades econômicas do país.

Além de ser um lugar bonito de conhecer, o jardim botânico ensina uma porção de coisas práticas e úteis sobre o reino vegetal. Os conhecimentos adquiridos em livros ali ganham vida, pelo contato com a própria natureza.

Se você puder, faça também uma visita ao jardim botânico. Os principais são o de São Paulo e o do Rio de Janeiro.





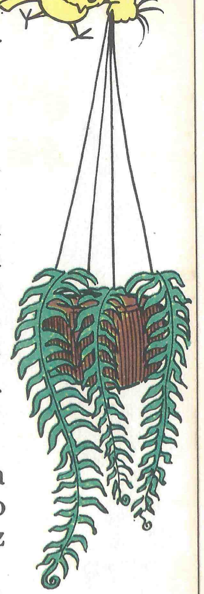
PLANTE DENTRO DE CASA

É, parece que a "verdemania" estava tomando conta da nossa turminha. E da garotada em geral. Por isso, ter um jardim lá fora já não bastava. Eles queriam trazer o jardim pra dentro de casa. E foi o que fizeram, depois de ler as sugestões abaixo:

Cenoura ornamental

Corte um pedaço grosso de cenoura e retire a polpa, cavando um buraco. Mas faça isso com cuidado, para não furar a casca.

Espete três palitos para que o pedaço de cenoura fique em pé num pratinho. Encha o buraco com água. Se você não esquecer de completar a água todos os dias, logo verá crescer uma linda e delicada ramagem.



Parreirinha

Plante três ou quatro sementes de uva num pequeno vaso de barro. Use terra comum e enterre as sementes. Regue bem e deixe o vaso numa janela que receba bastante luz.

Tão logo a parreirinha começar a crescer, prenda o caule com barbante ou arame, para que ele suba e enfeite a janela.

Arrozal em miniatura

Ponha areia lavada até quase a borda de uma vasilha de vidro redonda e não muito alta. Semeie um punhado de arroz com casca. Regue diariamente.

Quando o arroz brotar e atingir uma altura de 4 cm, você deverá podá-lo. Crescerá então bem mais forte e bonito, transformando-se num belo arranjo.

ESTAS SÃO PERIGOSAS

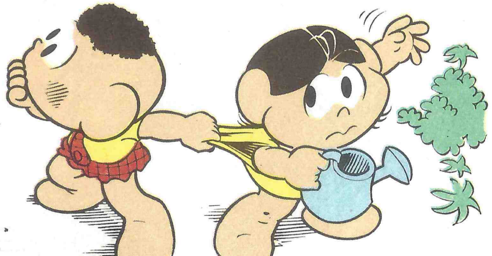
Todos nós sabemos o quanto as plantas são úteis e importantes, não é mesmo? Mas você sabia que algumas delas são muito perigosas?

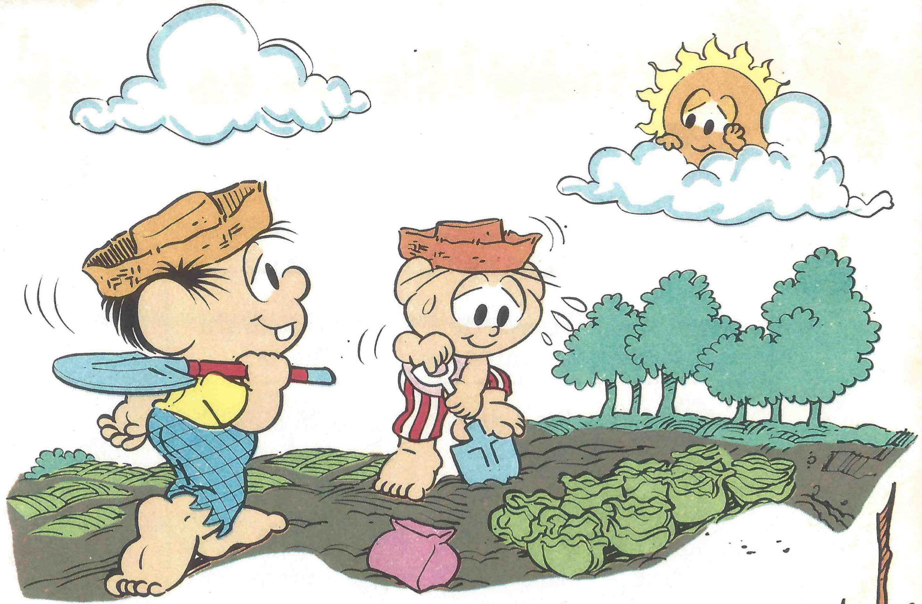
Quantas vezes você já não mastigou um pedacinho de folha ou experimentou um fruto desconhecido, de aparência inofensiva? Pois esse hábito pode ter sérias conseqüências. Sabe por quê?

É que algumas plantas têm uma substância tóxica nas folhas, no caule ou no fruto. Basta comer um simples pedacinho para ficar envenenado!

Comigo-ninguém-pode, pinhão paraguaio, mamona e saia-branca são algumas dessas plantas venenosas. Além de intoxicação, elas podem causar sérias irritações na pele ou, então, distúrbios digestivos. Aí vêm os vômitos e a diarréia que levam à desidratação.

Portanto, muito cuidado com estas e com outras plantas que enfeitam a casa ou o jardim.





MINI-HORTA

Magali queria fazer uma pequena horta dentro de casa. E começou logo a pensar em tudo que seria necessário. Você sabe o que ela fez?

Pra começar, ela comprou uma porção de sementes: de rabanete, de cenoura, de alface e até de salsinha. E começou a plantar imediatamente.

Lá no fundo do quintal, Magali foi buscar um caixote de 70 cm por 50 cm. E forrou com plástico para não sujar o chão.

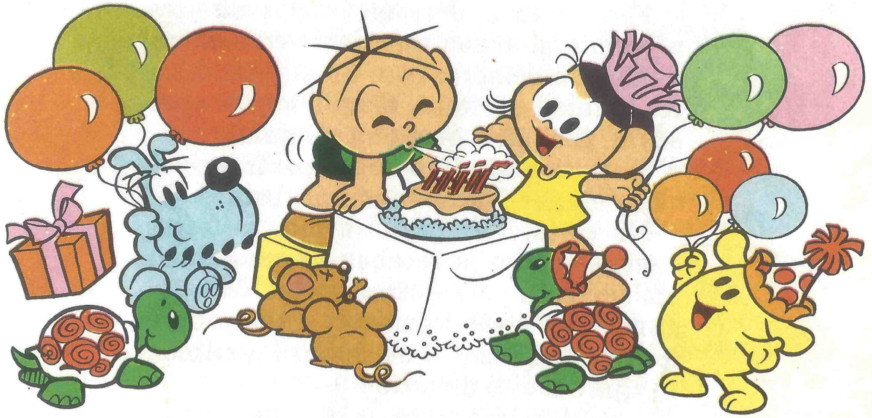
Aí, ela encheu o caixote com terra adubada e espalhou tudo bem direitinho. Com o dedo mesmo, fez uma porção de buraquinhos rasos e colocou uma ou duas sementes em cada um. Em seguida, cobriu as sementes com terra.

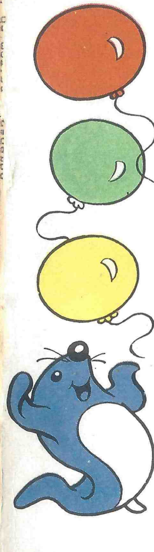
Daí em diante, foi só regar uma vez por dia, de manhã cedinho ou no fim da tarde, e esperar o resultado.

Pela tabela abaixo você vai ver qual o tempo necessário para a Magali colher suas hortaliças.

Vegetal	Tempo de germinação	Da semeadura à colheita
rabanete	3 a 4 dias	20 a 25 dias
alface	4 a 6 dias	3 meses
nabo	6 a 8 dias	3 meses
salsinha	8 a 10 dias	2 meses
cebolinha	8 a 10 dias	3 meses
cenoura	15 dias	3 a 4 meses

Toda criança terá direito à sua festa de aniversário.

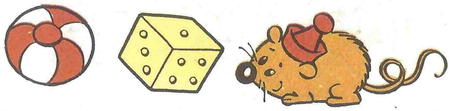


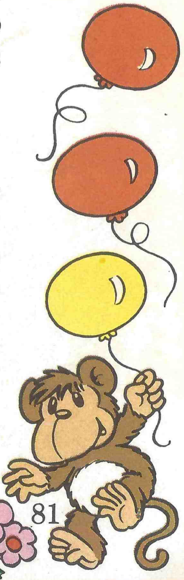


— É isso aí, Mônica! Comemorar o aniversário das crianças é a coisa mais importante do mundo!

— Com um bolo bem grandão, né, Magali?

— Se tiver um bolo gostoso, melhor ainda! Mas o importante mesmo é comemorar! As crianças não vão ser crianças pra sempre e precisam curtir enquanto são! Senão, quando crescerem, elas vão ficar aí, proclamando os direitos das outras crianças e esquecendo um montão de coisas!





VAMOS FAZER UMA FESTA?

Feliz com a decretação dos direitos, a turminha achou que devia comemorar o fato. Comemorar com uma festa, é claro. E, falou em festa, Magali logo se apresenta, para ser a primeira a opinar:

— É mesmo, pra que esperar aniversário chegar. Vamos dar uma festa. . . já!

Na certa, você já foi a muitas festas, como também já recebeu os amiguinhos em sua casa para outras tantas. Mas, alguma vez, você organizou a sua própria festa? Ainda não? Pois então experimente, que é muito divertido.

Para dar uma festa, você sabe, é preciso pensar nos convites, nos jogos e brinca-

deiras para entreter os convidados, na ornamentação, nas comidas e bebidas. Mas nada disso precisa ser muito complicado.

Antes de mais nada, convém pensar num tema, que pode ser aniversário, Páscoa, Natal, festa junina e muitos outros. Embora as tarefas sejam quase as mesmas, os detalhes da festa variam conforme o motivo.

Para uma festa de aniversário, por exemplo, em geral basta preparar um bolo gostoso, sanduíches, sucos e uma decoração simples. A animação fica por conta dos jogos e brincadeiras que você pode organizar e dos pequenos brindes para oferecer a cada convidado.

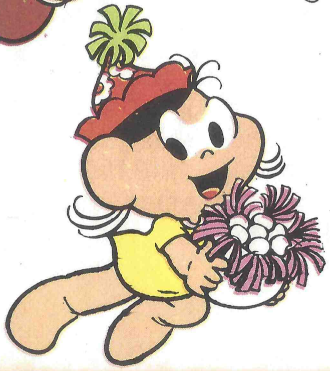
Já numa festa junina, o tom alegre da comemoração de Santo Antônio, São Pedro ou São João é dado pelas roupas típicas, bandeirolas, quentão, pipocas, pinhão e doces caseiros. Mas o ponto alto são as quadrilhas ao ar livre e o casamento caipira.

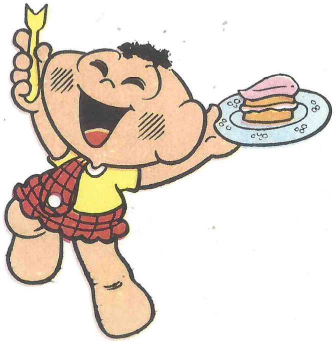
Seja qual for o tipo de festa que você vai preparar, o importante é pôr em ação a sua criatividade. Você pode fazer quase tudo, desde convites e enfeites, até bolos e docinhos. Converse com a mamãe, que ela poderá dar ótimas idéias.

Fale com seus amiguinhos também, pois com a participação deles tudo fica mais fácil e divertido.

No dia da festa, com tudo pronto e arrumado, você será uma espécie de mestre de cerimônias, organizando as brincadeiras e deixando todo mundo à vontade. Não se preocupe, o sucesso é garantido.

Na festa da turminha da Mônica aconteceu exatamente assim. Todo mundo alegre e animado. Só foi preciso ficar de olho na Magali, senão ela ia acabar comendo o bolo inteirinho. Mas no fim deu tudo certo. E estava tudo tão gostoso que a Magali resolveu dar receitas para as amiguinhas. Veja as sugestões nas próximas páginas.



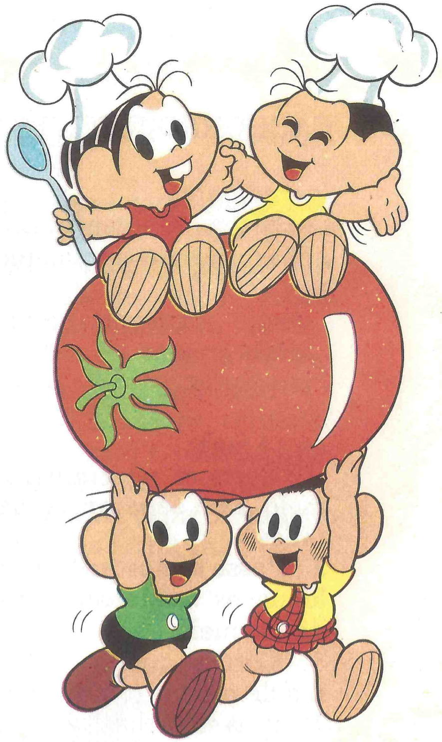


BOLO DE CHOCOLATE

ingredientes
- farinha de trigo: 2 xícaras
- açúcar: 1 xícara e mais 1/3
- chocolate em pó: 1/2 xícara
- fermento em pó: 3 colheres de chá
- baunilha: 1 colher de chá
- manteiga ou margarina: 2/3 de xícara
- leite: 1 xícara
- ovos: 3

como fazer

1 - Unte bem uma assadeira(de 32 x 22 cm) com manteiga ou margarina.
2 - Misture todos os ingredientes numa batedeira, usando inicialmente velocidade baixa. Depois, aumente a velocidade e bata por mais uns 3 minutos.
3 - Preparada a massa, espalhe-a na assadeira.
4 - Asse por 30 minutos em temperatura baixa.
5 - Deixe esfriar e corte em quadradinhos.



SUCO DE UVA

ingredientes
- suco de uva (já diluído): 5 xícaras
- açúcar: a gosto
- sorvete de creme ou nata: 5 xícaras.

como fazer

1 - Bata no liquidificador e guarde na geladeira. Sirva em copos altos. Rendimento: 10 copos.

CACHORRO-QUENTE

ingredientes

- salsichas aferventadas
- pãezinhos do tipo bisnaga
- queijo prato cortado em fatias grossas
- mostarda

como fazer

1 - Corte os pãezinhos ao meio, sem separar as metades.
2 - Passe a mostarda e coloque as salsichas cortadas ao meio.
3 - Corte o queijo em forma de palitos grossos e recheie as salsichas.
4 - Leve os pãezinhos ao forno quente numa assadeira e deixe até que o queijo derreta.

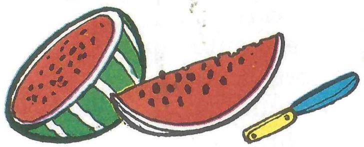
REFRESCO À MAGALI

ingredientes

- suco de limão: 5 colheres de sopa
- açúcar: 5 colheres de sopa
- melancia: 15 xícaras de polpa cortada em quadrados.

como fazer

1 - No liquidificador, coloque o limão, o açúcar e 5 xícaras de melancia.
2 - Bata bem. Acrescente o resto da melancia e torne a bater.
3 - Sirva com gelo. Dá para 5 copos.



DOCINHOS DE COCO

ingredientes

- coco ralado: 1 pacote
- leite condensado: 1 lata
- gema de ovo: 4
- açúcar cristal
- cravos

como fazer

1 - Coloque tudo numa panela (menos os cravos)
2 - Mexa até a mistura se soltar da panela.
3 - Despeje numa travessa untada. Deixe esfriar.
4 - Faça bolinhas e passe no açúcar cristal.
5 - Enfeite cada docinho com um cravo.

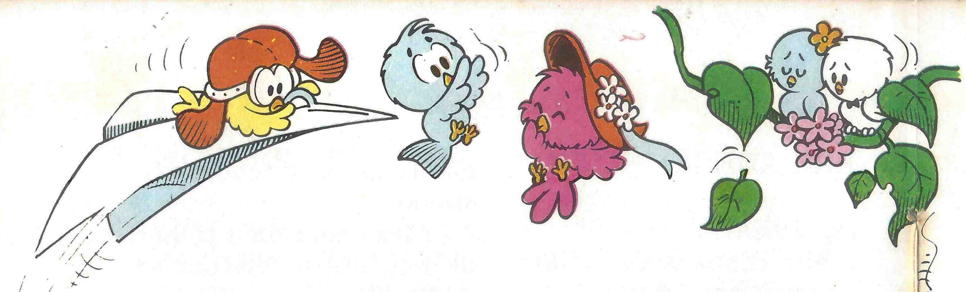
BRIGADEIRO

ingredientes

- leite condensado: 1 lata
- chocolate em pó: 2 colheres de sopa
- manteiga ou margarina: 1 colher de sopa
- confeitos de chocolate ou coloridos

como fazer

1 - Leve ao fogo o leite, a manteiga e o chocolate em pó.
2 - Mexa com uma colher de pau até a mistura se desprender da panela.
3 - Deixe esfriar numa travessa untada.
4 - Passe manteiga nas mãos e faça bolinhas.
5 - Coloque os confeitos num prato e passe a bolinha por eles.
6 - Ponha cada brigadeiro em uma forminha.



TEM QUE TER GINCANA!

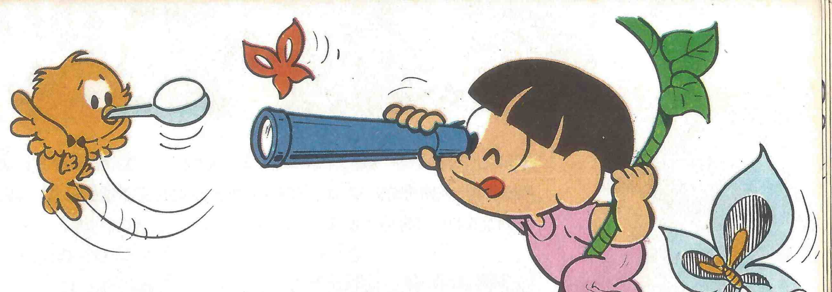
Pra animar uma festa, nada como organizar uma gincana. As brincadeiras são movimentadas e ninguém fica de fora. E quanto mais gente, melhor! Tudo fica mais engraçado e divertido.

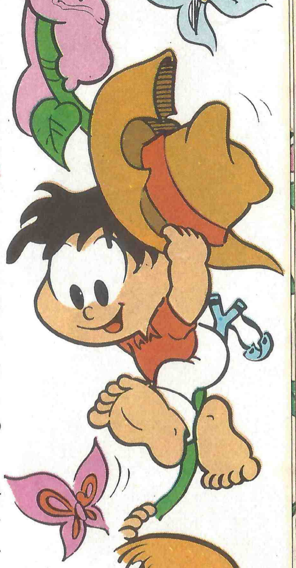
A nossa turminha, muito animada, pensou logo em algumas brincadeiras e concursos. Houve muitos palpites e alguns desacordos, mas o resultado foi bem democrático. Eis a escolha final:

Vendaval

Esta brincadeira vai testar o sopro, de longo alcance, de seus amiguinhos. Cuidado pra ninguém voar! Faça nove barquinhos, usando isopor para o casco, e cartolina para a vela!

Coloque os barcos em cima de uma mesa, formando um triângulo. Deixe uns 10 cm entre cada um deles. Os jogadores tomam lugar em volta da mesa e, um por vez, começa a soprar tentando derrubar os barquinhos, enquanto alguém anota a contagem. Ganha quem derrubar, num sopro só, o maior número de barcos.

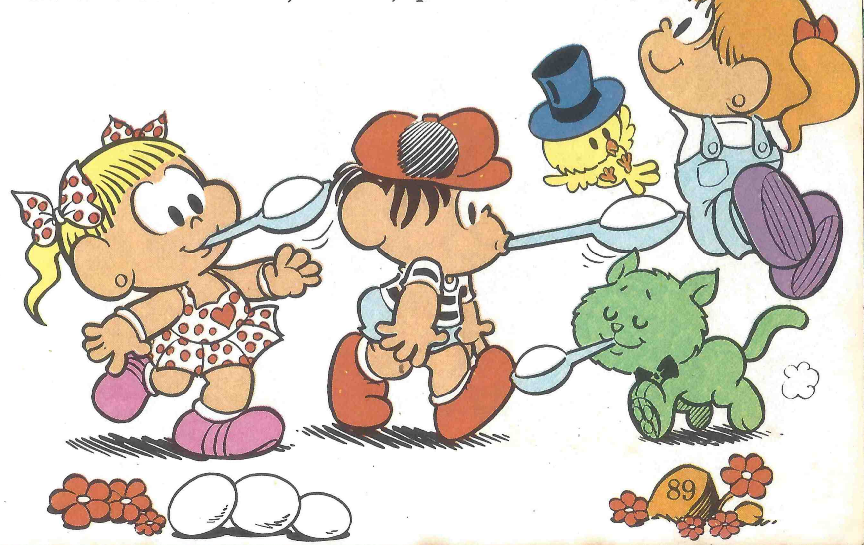




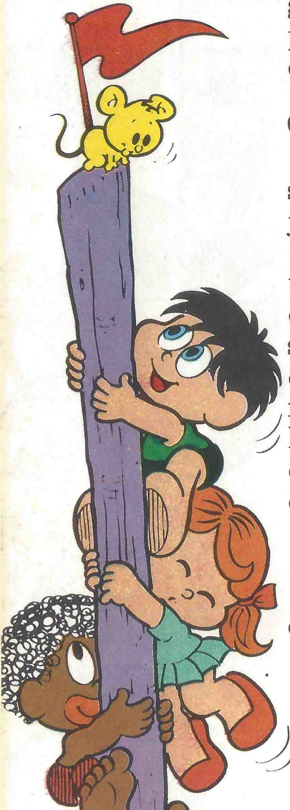
Ovo equilibrista

Nesta brincadeira, então, a torcida vai se agitar! Arrume um ovo cozido, um pouco de sal e uma colher de café para cada participante. No centro de uma mesa, faça um montinho de sal pra equilibrar o ovo na sua ponta arredondada.

Cada jogador, com sua colher, retira um pouco de sal procurando não desequilibrar o ovo. Ganha, é claro, quem conse-



guir retirar sal sem deixar o ovo cair. E perde quem não retirar sal nenhum ou deixar o ovo cair.



Comida às cegas

Aqui, joga-se em duplas. Se dependesse da Magali, ela estaria em todas! Você já adivinhou por quê?

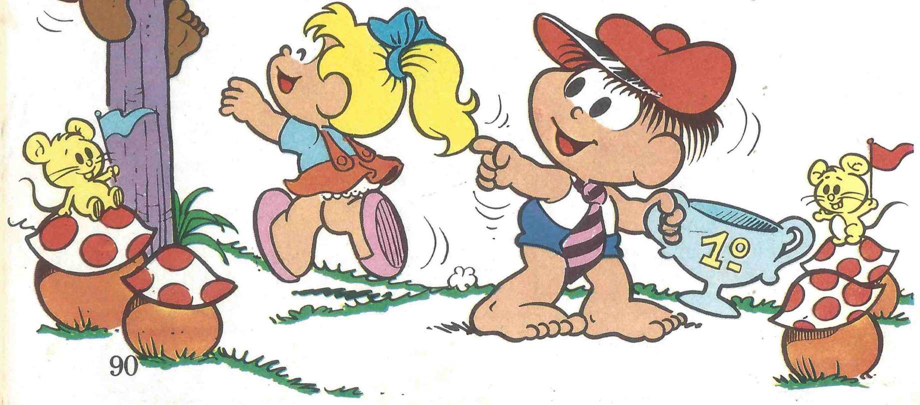
Um dos jogadores de cada dupla recebe uma taça de sorvete, ou de pudim, e uma colher. E fica com os olhos vendados. À sua frente, senta-se o parceiro. A brincadeira consiste em dar de comer ao parceiro. Não vale nenhuma dica, nem uma palavra. Vence a dupla que acabar primeiro com a taça. Quer dizer, sem deixar cair... tudinho no chão.

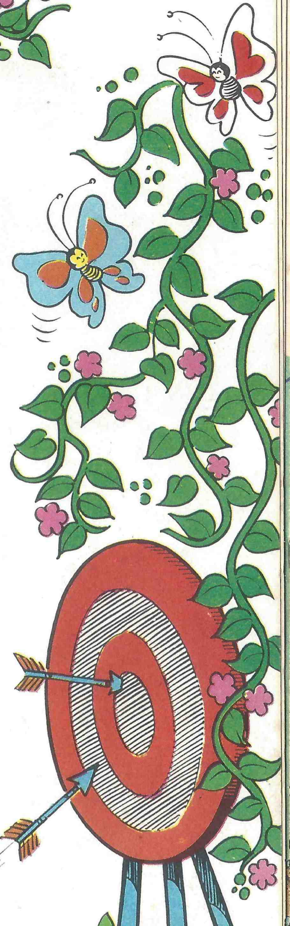
Roda de campeão

É a roda do roda-gente, roda-pião, quem rodar mais vezes é campeão!

Junte os amigos e dê um pequeno bastão a cada um. A mão esquerda segura a ponta da orelha direita. A mão direita, que segura o bastão, passa pelo arco formado com o braço esquerdo.

Em seguida, todos se abaixam, encostando a ponta do bastão no chão. E começam a rodar e rodar. Sem largar a orelha. Quem girar mais vezes, sem perder o equilíbrio, é campeão. Mas cuidado com quinas de mesa ou de outros móveis!

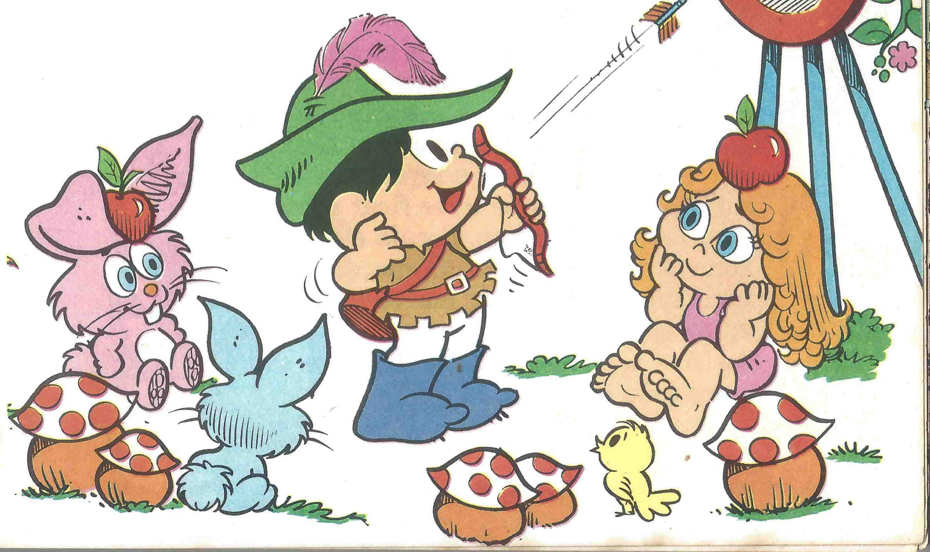




Procura-se o rabo do burro

Esta brincadeira é muito divertida. Desenhe um burro numa cartolina grande, sem o rabo, é claro. Prenda o desenho na parede. Desenhe e recorte vários rabos. Introduza uma tachinha nas pontas.

Seus amigos fazem fila, cada um segurando um rabo na mão. De olhos vendados, devem tentar devolver o rabo ao burrinho, mas colocando-o no lugar certo. Ganha quem atingir o alvo ou... quase.



...E JOGOS AO AR LIVRE

Esses jogos são os preferidos da turma, quando brinca lá no campinho. Arranje um lugar espaçoso e convide os amiguinhos. Se for pra sua festa de aniversário, tanto melhor! Todos vão gostar.

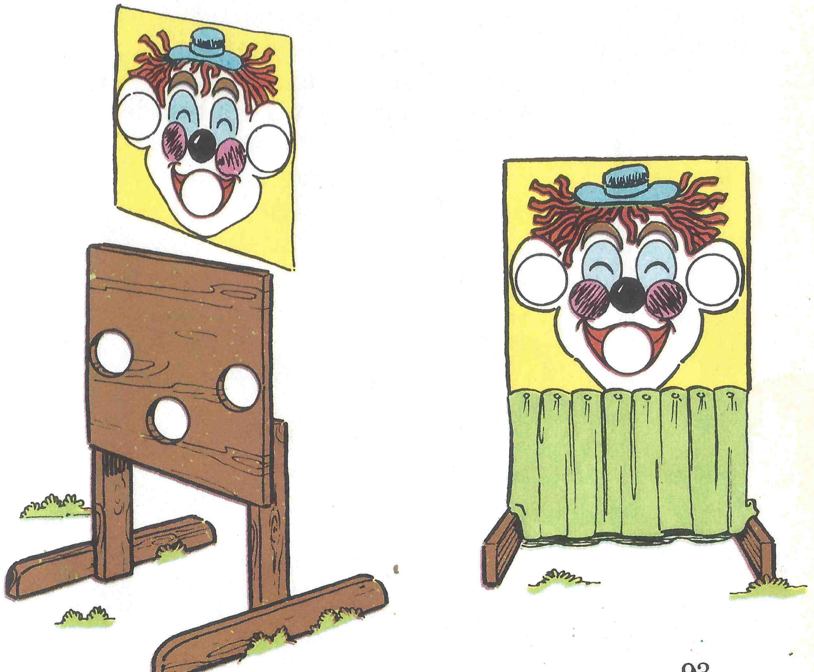
Troca-troca na toca

Joga-se com quatro ou cinco equipes, cada equipe com quatro jogadores. Segurando-se pelos braços e abrindo as pernas, três deles fazem uma toca para abrigar uma lebre. Esta é representada pelo quarto jogador, que deve ficar agachado. As tocas formam um círculo em torno de uma lebre sem toca. Começado o jogo, com limite de tempo marcado, as lebres trocam de toca. A cada rodada, uma delas fica sem toca. No final, a que sobrar paga uma prenda.

O palhaço comedor de bolas

Você e seus amigos, que se preparem! São três alvos para acertar de uma só vez: a boca e as orelhas do palhaço. Não pensem que vai ser fácil! Este jogo exige mira infalível e mão certeira para fazer um campeão. Por isso, antes de jogar pra valer, treinem bem essas habilidades.

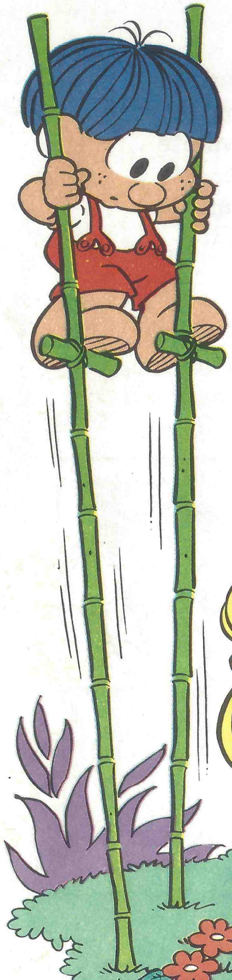
Veja na ilustração como foi feito o nosso palhaço. Desenhe a cara dele numa cartolina. Depois, prenda-a num cavalete de madeira que vai servir de suporte. Use três bolas de pano ou, então, bolas de borracha.

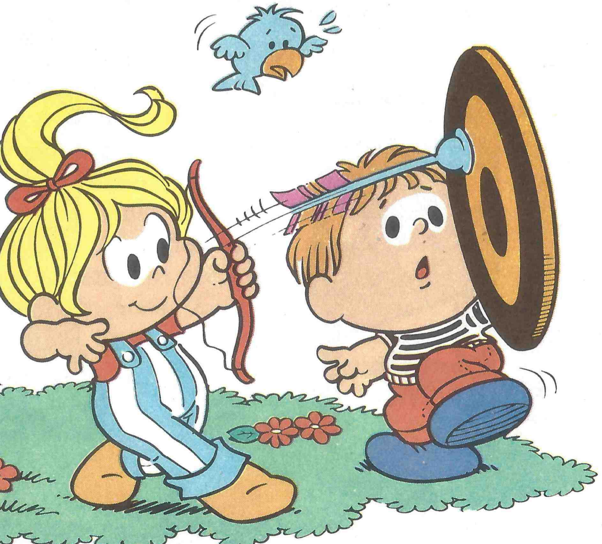


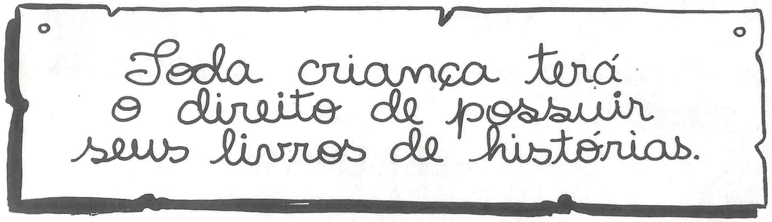
Obstáculos no caminho

Os jogadores devem realizar o mesmo percurso e transpor obstáculos no menor tempo possível, com o menor número de erros. Quanto mais obstáculos no caminho, mais divertida a brincadeira.

Arranje um banquinho de madeira pro pessoal pular. Junte quatro caixotes de papelão para que os jogadores passem sobre eles, pisando dentro dos mesmos, mas sem danificá-los. Alinhe no chão três pauzinhos paralelos pra turma saltar pisando nos intervalos, sem tirá-los do lugar. Faça uma gangorra com uma tábua apoiada num objeto cilíndrico. Os concorrentes devem atravessá-la, sem perder o equilíbrio ou fazer a tábua cair. Finalmente, devem desenterrar, de um balde cheio de areia, algum tesouro escondido. Ao vencedor, que tal um brinde especial?







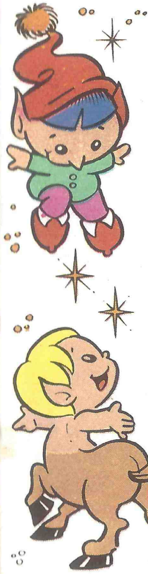
Deste decreto, quem gostou mais foi o Franjinha.

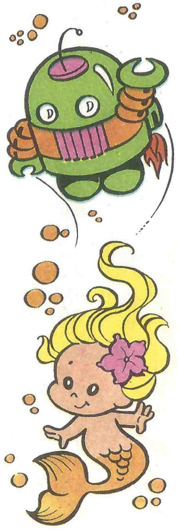
— Estou com você, Mônica! Não há nada melhor que um bom livro de histórias! Pra mim, o livro foi a maior invenção do homem!

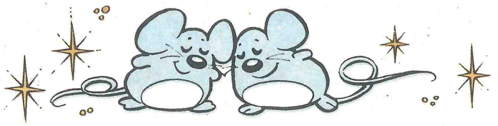
— Pra mim, foi o sorvete!

— Sorvete é muito gostoso, Magali, mas um livro é uma grande aventura. Os livros ajudam a descobrir coisas novas!

— Eu também gosto de descobrir coisas nos livros, Franjinha, principalmente receitas culinárias!







ERA UMA VEZ...

O Cebolinha tinha acabado de ler uma fábula. E estava indignado.

— Que *cala bulo!*

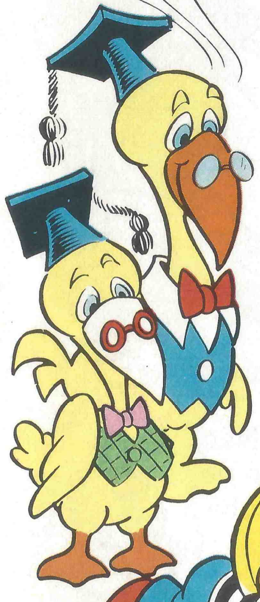
— Quem é burro, Cebolinha?

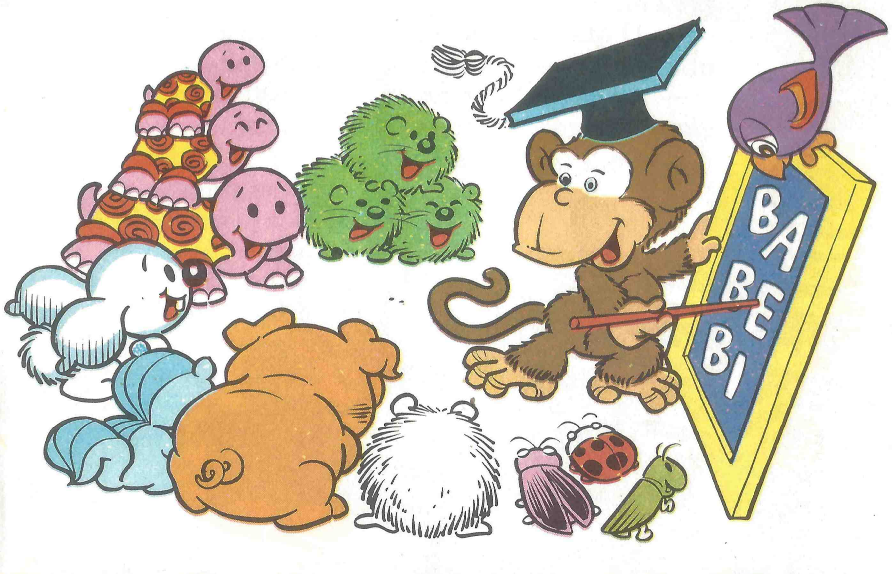
— Esse *cala,* Mônica! Ele tinha uma galinha que botava ovo de *oulo* todo dia! E matou a galinha!

Essa e muitas outras histórias circulam pelo mundo em milhares de livros destinados às crianças. Mas as histórias infantis não foram sempre contadas nos livros. Os contadores de histórias existem desde quando o homem aprendeu a falar.

No tempo em que os homens ainda não escreviam, suas experiências eram transmitidas verbalmente, de geração em geração, e acabavam se transformando em contos e lendas. Por isso, as lendas sempre contêm fatos verdadeiros, às vezes distorcidos, e quase sempre encontramos nelas um sentido prático.

Quando os grupos humanos se deslocavam de um lugar para outro, por influência do novo ambiente, acabavam modificando certos detalhes da narração. Mas a idéia primitiva permanecia. Por isso, é comum a gente perceber a presença da mesma idéia em contos diversos, talvez porque, mesmo em lugares diferentes, as condições de vida tivessem muitos aspectos semelhantes.





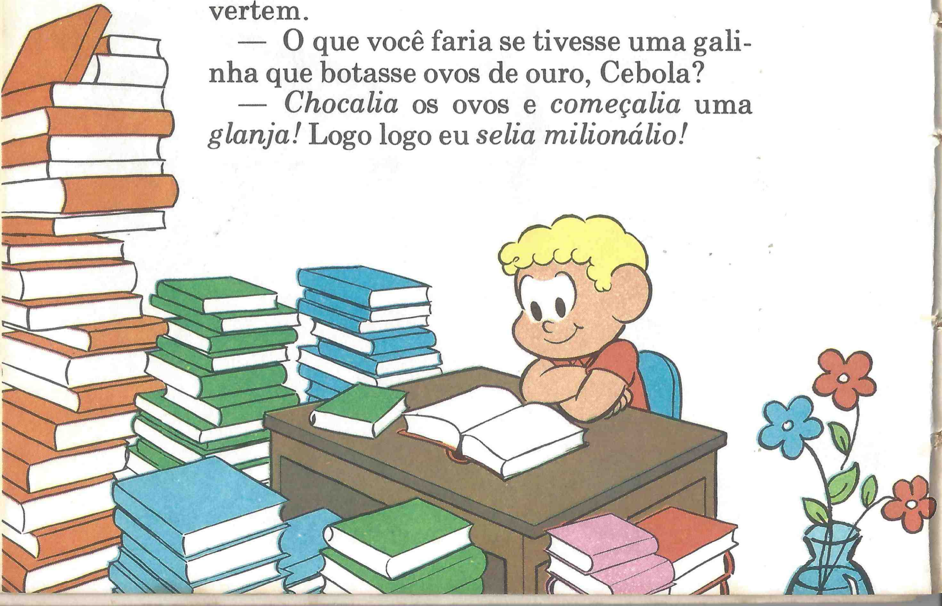
A memória dos narradores anônimos salvou do esquecimento um grande número de lendas, contos, fábulas, canções, provérbios, adivinhações, enfim, uma boa parte da cultura da humanidade. Nos contos infantis está a essência do conhecimento dos homens.

E, há muito tempo, alguns homens resolveram escrever as histórias que ouviam. O resultado foram fábulas e contos de fadas que são lidos até hoje. Essas histórias as vovós contavam nas noites de frio, junto ao fogão, para embalar os netinhos. As mesmas histórias que elas tinham ouvido quando crianças, contadas por suas avós.

Mas a figura do narrador não desapareceu. Ela ainda está presente nos contos da carochinha, nas canções de ninar, nos jogos, nas adivinhações e nas cantigas de roda com que até hoje as crianças se divertem.

— O que você faria se tivesse uma galinha que botasse ovos de ouro, Cebola?

— *Chocalia* os ovos e *começalia* uma *glanja!* Logo logo eu *selia milionálio!*



CONTADORES DE HISTÓRIAS

— Mônica, já *lesolvi* o que eu vou ser quando *clescer!*

— Outra vez, Cebolinha?

— *Agola* é *sélio,* Mônica! Vou ser um famoso *esclitor* de *livlos* infantis!

— Mais famoso do que aquele que escreveu os *Contos da Mamãe Gansa?*

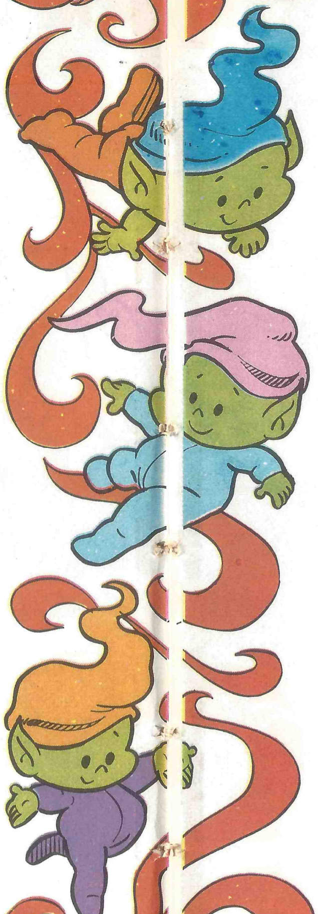
Acontece que o Cebolinha não sabia quem era o autor dos tais contos de fada. Mas a Mônica sabia e é uma grande fã

desse escritor francês, o Charles Perrault, que nasceu em Paris em 1628. Por causa de suas histórias para crianças, especialmente *Cinderela* e *A Bela Adormecida,* ele se tornou muito famoso.

Na literatura infantil, tem histórias que toda criança conhece. Pode perguntar ao Cebolinha, ao Cascão, ao Franjinha, e acho que até ao Bidu. Eles logo vão dizer que já sabem tudo sobre esses personagens. E aposto que você também sabe quem são. . . João e Maria, a Branca de Neve, o Pequeno Polegar. Pois essas maravilhosas histórias foram escritas por dois irmãos, o Jakob e o Wilhelm Grimm. Eles eram alemães e viveram no século passado. Durante vários anos, eles viajaram pelo seu país, conviveram com os camponeses, e ouviram muitas lendas. Depois escreveram o que tinham ouvido e esse trabalho os tornou célebres.

Pinóquio, Alice e o Ursinho Puff

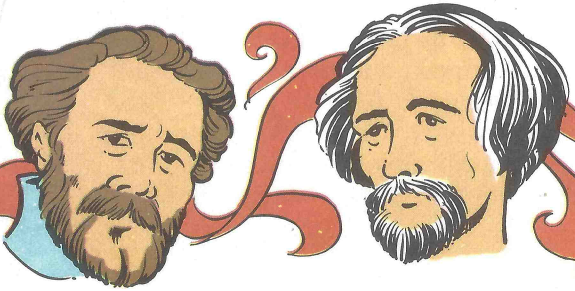
E quem não conhece Pinóquio, o terno personagem que emocionou tantas crianças com suas aventuras incríveis? Pois a nossa turminha também se entusiasmou com o simpático boneco de madeira que,

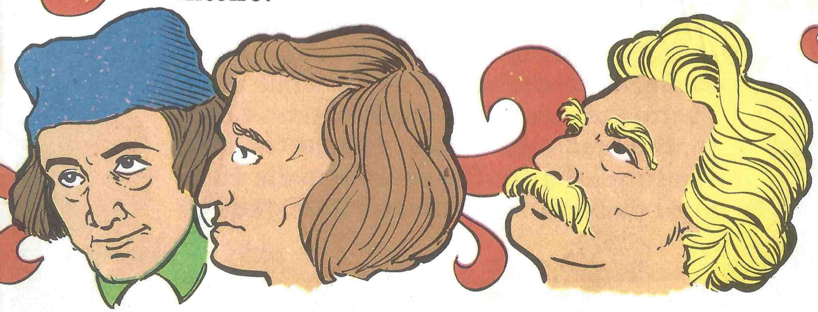


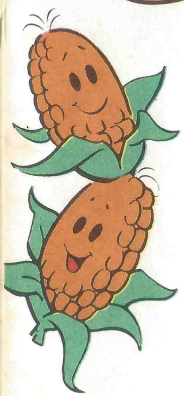
ajudado pela Fada Azul, reencontra seu pai — o velho Gepeto — e se torna um menino de verdade. Lembram-se? Pois seu autor foi Collodi, um escritor italiano que viveu no século passado e escreveu muitas histórias infantis, publicadas em quase todos os países do mundo.

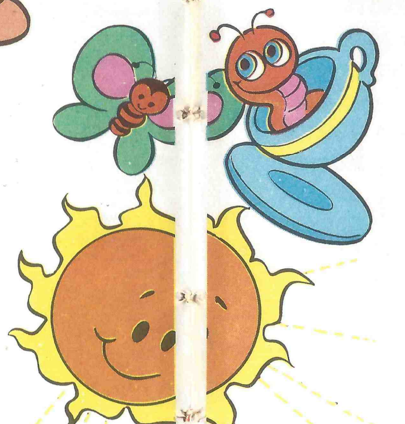
Hans Christian Andersen também é um grande autor de contos infantis. Nascido na Dinamarca em 1805, Andersen tinha 30 anos de idade quando escreveu a primeira das suas 156 histórias para crianças. Quem não conhece *O Patinho Feio, A Menina dos Fósforos,* e o *Soldadinho de Chumbo?* Pois esse autor maravilhoso é considerado o patrono da literatura infantil. Por isso o Dia Internacional do Livro Infantil é comemorado na data do seu nascimento, que é 2 de abril.

Lewis Carroll é o pseudônimo de outro escritor muito famoso. Seu nome verdadeiro era Charles Lutwidge Dodgson e ele nasceu em 1832, na Inglaterra. Foi ele quem escreveu *Alice no País das Maravilhas* e, seis anos depois, *Alice no País do Espelho,* obras-primas da literatura infantil, traduzidas pra muitos idiomas e conhecidas pelas crianças do mundo inteiro.









Alan Alexander Milne também tem um lugar de destaque na literatura infantil. Ele era inglês, nasceu em 1882 e foi o criador das conhecidas histórias sobre o menino Cristóvão e seu ursinho Puff. Estes alegres personagens são encontrados em muitas aventuras emocionantes, ao lado de seus companheiros inseparáveis: Leitão, Can, Guru, Bisonho e Tigrão.

Finalmente, a Emília

Ouvindo falar de tantos autores estrangeiros, Franjinha quis logo saber se a gente não estava se esquecendo do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Não, ninguém podia esquecer essa história sensacional e seu ilustre autor, o brasileiro Monteiro Lobato, também considerado um mestre da literatura infantil. Ele nasceu no dia 18 de abril de 1882, em Taubaté, no Estado de São Paulo. Seu pais o chamaram José Renato, mas depois ele mudou seu próprio nome para José Bento. É que ele queria usar uma bengala que pertencera ao seu pai e tinha as iniciais JBML gravadas no castão.

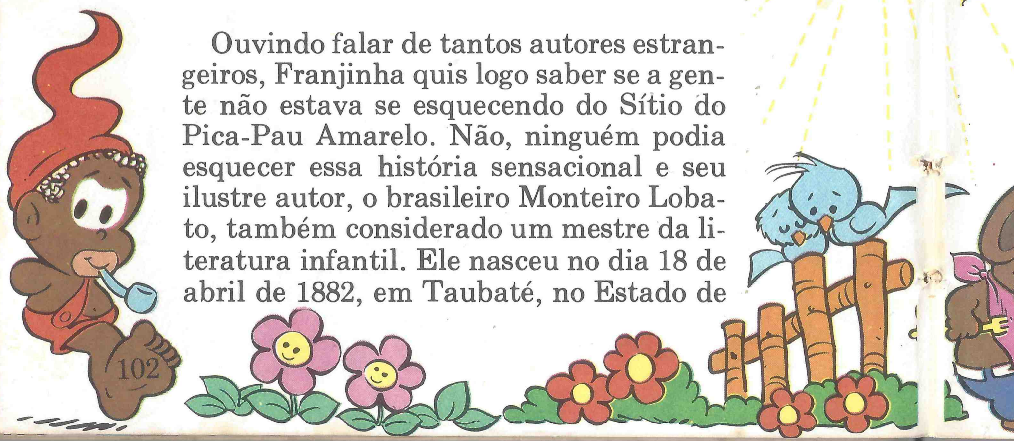
Seu primeiro livro infantil foi *Narizinho Arrebitado* e com ele surgiram o Sítio do Pica-Pau Amarelo e seus moradores: Emília, Dona Benta, O Visconde de Sabugosa, Nastácia, Pedrinho. Essa turma incrível fazia suas estripulias nos livros *Viagem ao Céu, Caçadas de Pedrinho, A Reforma da Natureza.*

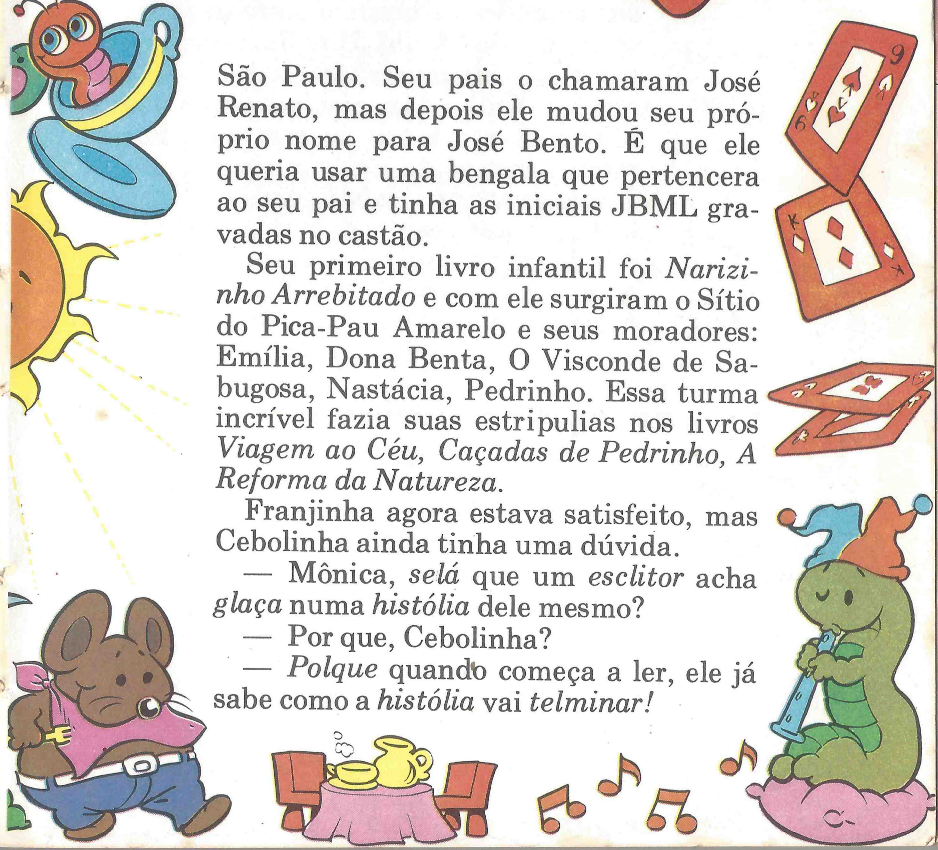
Franjinha agora estava satisfeito, mas Cebolinha ainda tinha uma dúvida.

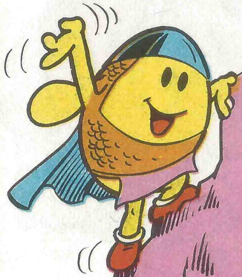
— Mônica, *selá* que um *esclitor* acha *glaça* numa *histólia* dele mesmo?

— Por que, Cebolinha?

— *Polque* quando começa a ler, ele já sabe como a *histólia* vai *telminar!*







Artur, rei da Inglaterra, é um dos mais famosos heróis lendários. Ele e seus cavaleiros da Távola Redonda tiveram muitas aventuras. E um dia, saíram à procura do Santo Graal, uma espécie de tigela usada por Cristo na Última Ceia. Vamos ver se eles encontraram.

Artur era filho do rei Pendragon. Quando ele nasceu, seu pai o entregou aos cuidados de um mago muito poderoso, chamado Merlin. Um dia, quando Artur tinha menos de dois anos, seu pai morreu. Era preciso resolver então quem ficaria com o trono. Interessados havia muitos, mas só seria rei aquele que conseguisse arrancar a espada mágica Excalibur que estava espetada numa bigorna.

POR FALAR EM HERÓIS...

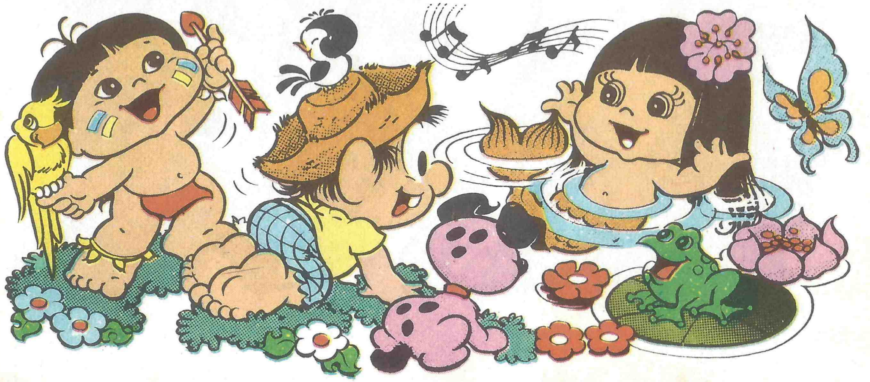
Adivinhem quem conseguiu? Exatamente o pequeno Artur! Aí ele foi crescendo, tornou-se rei e casou com a princesa Guinévera, que recebeu como dote a Távola Redonda.

Vocês sabem o que era essa famosa Távola? Nada mais que uma grande mesa com 150 lugares. Mas um deles, chamado Cadeira Perigosa, ficava sempre vazio. Isso porque só um cavaleiro muito corajoso e puro mereceria ocupá-lo. Pois esse cavaleiro apareceu, e era Sir Galaad, filho de Sir Lancelote, o mais valoroso dos cavaleiros do rei Artur. E foi Galaad quem conquistou o Santo Graal.

EIS A MAGIA DAS LENDAS!

Quem não gosta de ler e ouvir histórias que contam coisas sobre gente? Aquelas histórias maravilhosas em que tudo pode e acontece misteriosamente, avivando a imaginação e a fantasia?

O folclore brasileiro é muito rico em lendas e mitos que o povo criou. São contos, cantigas, canções de ninar. Lendas que nos transportam para um universo diferente, onde entes fantásticos conhecem os segredos da Natureza, dos seus



bosques, matas e florestas, do sol e da lua, do raio e do trovão.

Algumas dessas lendas, Mônica e a turminha já conhecem. Vai ver que você as conhece também!

Uma delas nos fala de um estranho habitante das matas, de nome *caipora* ou *caapora*. Às vezes é homem, às vezes é mulher. Mas aparece quase sempre como menino. Caipora, moleque pelado e peludo, montado em seu porco-do-mato, vem defender os animais selvagens.

Um outro personagem famoso, e muito temido pelos índios, é o *curupira*, anão de cabelos vermelhos e pés ao contrário. Isto é, ele tem os calcanhares pra frente. Ronda a Floresta Amazônica para dar proteção às árvores. Rapta até atrevidos caça-

dores, tudo fazendo para que percam o caminho, a trilha, e se afastem da caça que ele protege também.

Um outro mito conhecido vem lá do Sul do Brasil. Ora é *bitatá* ou *biatatá*. Ora é *batatal* ou *boitatá*. Diz a lenda que o bicho, se é bicho, tem corpo pequeno e grandes olhos de fogo, a afastar incêndios das florestas por onde vaga.

E quem já não ouviu falar da *Iara*, a mãe-d'água, linda sereia alva e loura, mas traiçoeira? Chama os homens com seu canto e os afoga logo depois. Para os índios, é ela que defende as águas dos rios.

O *saci-pererê*, mito também do folclore português, é aquele simpático negrinho de uma perna só, carapuça vermelha na

cabeça e cachimbo na boca. Com seus assobios, prega susto nas pessoas e nos animais. Zombeteiro como ele só, dá de visitar casas alheias, deixando queimar as panelas ou apagando a luz.

Conta ainda uma lenda gaúcha que um estancieiro, rico e perverso, mandou surrar um negrinho, seu escravo, por ter perdido a tropilha de cavalos baios. E que o menino foi atirado num formigueiro, onde morreu. Agora, o *negrinho do pastoreio* galopa pelos campos, em seu cavalo baio, ajudando a encontrar objetos perdidos em troca de velas acesas.

Minas também espalhou seu mito. É *famaliá*, pequeno ente doméstico, que vive guardado dentro de uma garrafa. Famaliá gosta de atender os desejos de quem fez pacto com o diabo.

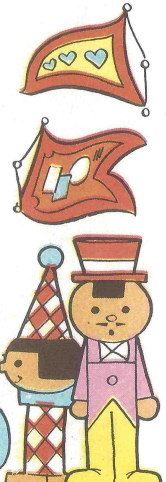
Este foi outro decreto aprovado por aclamação.

— Também acho! Quarto de criança tem de ser decorado por criança!

— *Concoldo!* Alguns adultos tem um gosto infantil tão *lidículo!*

— E ficam implicando com tudo! Não pode sujar a parede, não pode pendurar isto, não pode mudar aquilo. . .

— Então está resolvido! Os adultos podem fazer o que quiserem no quarto deles! No nosso não!



ESTÁ NA HORA ... DE MUDAR

Nem bem ouviu o oitavo decreto, Magali decidiu mudar a decoração de seu quarto. Uma idéia aqui, uma ajuda ali, e o quartinho sem graça foi ganhando cara nova. De triste que era, ficou alegre e charmoso. Veja o que ela fez!

Porta em diagonal

Usando duas tonalidades de tinta, Magali começou mudando o jeitão da porta. Com a ajuda dos amiguinhos, retirou as dobradiças e deitou a porta no chão, sobre jornais, para facilitar a tarefa e não sujar o assoalho. Antes de mais nada, foi preciso lixar a porta, passar depois uma camada de massa fina e tornar a lixar.

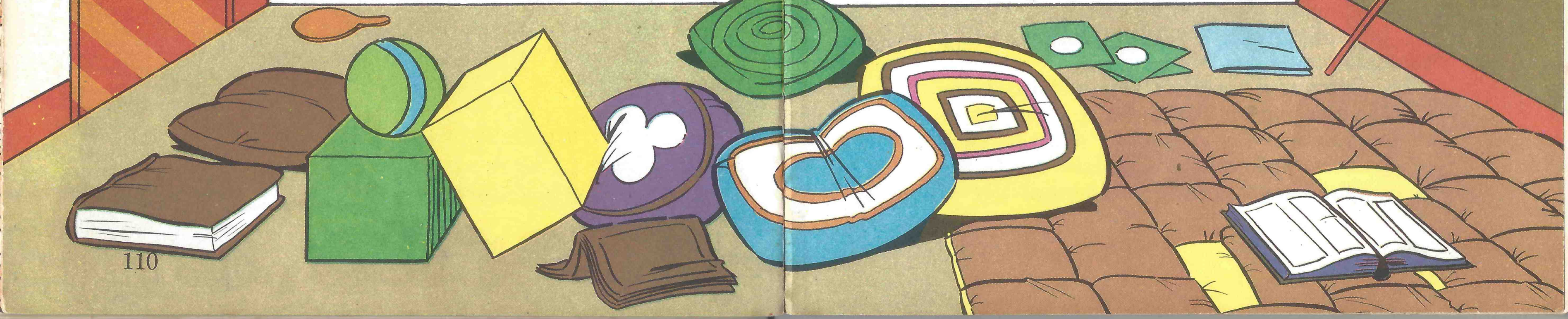
Aí então, com um lápis e uma régua, ela traçou as linhas diagonais a partir do canto inferior esquerdo da porta. Entre uma linha e outra, ficou um intervalo de 11 centímetros. Feito isso, foi só aplicar a tinta: uma faixa na cor laranja forte, outra num tom laranja mais claro, até completar todas as faixas. E, para que uma tonalidade não invadisse a outra, Magali separou cada faixa com fita adesiva. Mas ela teve o cuidado de deixar secar muito bem uma faixa para começar a pintar a seguinte. O resultado foi a linda porta listada da ilustração.

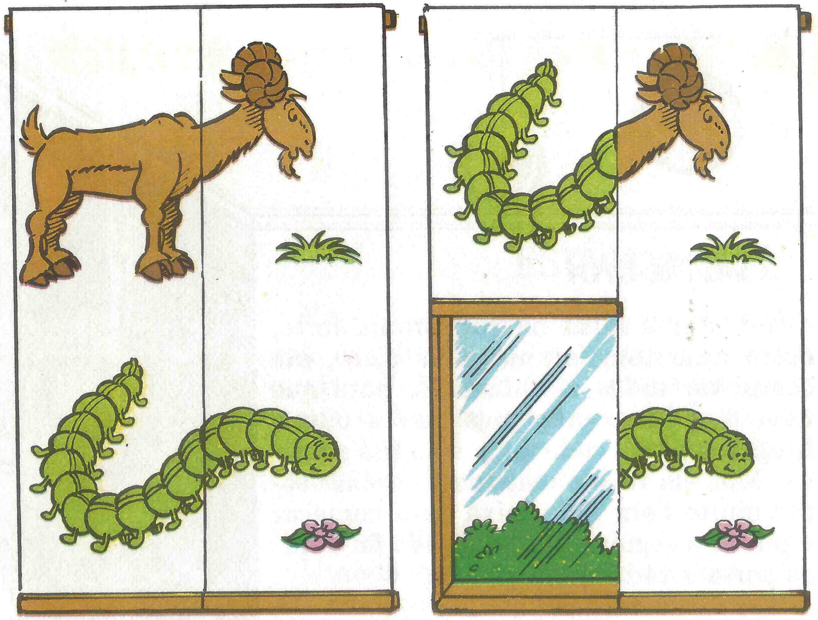
Painel de bolsos

É bem prático e serve para guardar uma porção de pequenos objetos.

Corte três tipos de bolso, variando o tamanho de cada um. Faça bolsos quadrados, retangulares e pregueados. Deixe um centímetro a mais de pano para costurar.

Faça quantos bolsos quiser. Depois, costure-os num tecido retangular, que será o seu porta-mil-coisas.





Cortina engraçada

Agora, ponha mãos à obra e transforme a cortina lisa da janela.

A cortina deve ser, de preferência, do tipo rolô, dupla. Mas se tiver apenas um painel, use parte da parede para completar a sua obra-prima.

Pintar bichos é sempre uma boa idéia. Estenda a cortina no chão, juntando bem as duas partes. Trace o contorno das figuras, metade do desenho num painel e metade no outro. Pinte com tintas especiais para tecido.

Coloque a cortina e veja o efeito. Com as duas partes abaixadas, o desenho se completa. Mas, variando a altura dos painéis, pode surgir um bicho muito estranho e engraçado. Experimente!

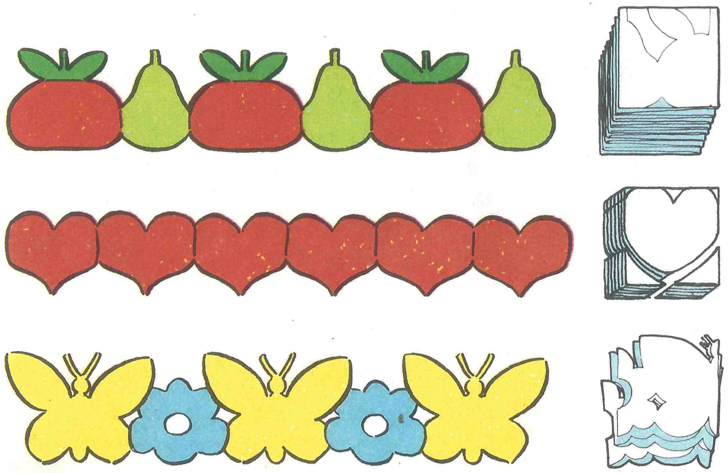
Guirlandas

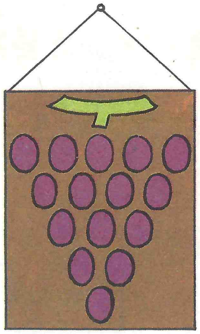
O princípio da guirlanda é simples: uma tira comprida de papel, dobrada feito sanfona e de forma regular.

No primeiro pedaço da sanfona já dobrada, trace o contorno do motivo que você escolheu. Pode ser um coração. Depois, recorte. Lembre-se: há um detalhe importante a considerar.

O desenho deverá ocupar toda a superfície do papel, para que ele não seja recortado em toda a volta. Caso contrário, quando abrir a guirlanda, você só terá uma série de corações separados uns dos outros.

Com duas ou três guirlandas diferentes, você poderá fazer uma bonita decoração de parede.





Panô com pássaros

Escolha um tecido de algodão e pedaços de feltro para fazer o panô. Desenhe o pássaro (veja ilustração) numa folha de papel, prenda no feltro com alfinetes e recorte.

Monte o pássaro sobre o tecido, usando cola branca. Cole duas ripas de madeira, na parte de cima e na parte de baixo do tecido. O panô está pronto!

Quadro com cacho de uvas

Esse quadro, todo feito em feltro, é simples mas bastante decorativo.

Cole bem o feltro, que vai servir de base, numa cartolina grossa. Depois, corte quantas uvas forem necessárias para preencher o espaço desejado.

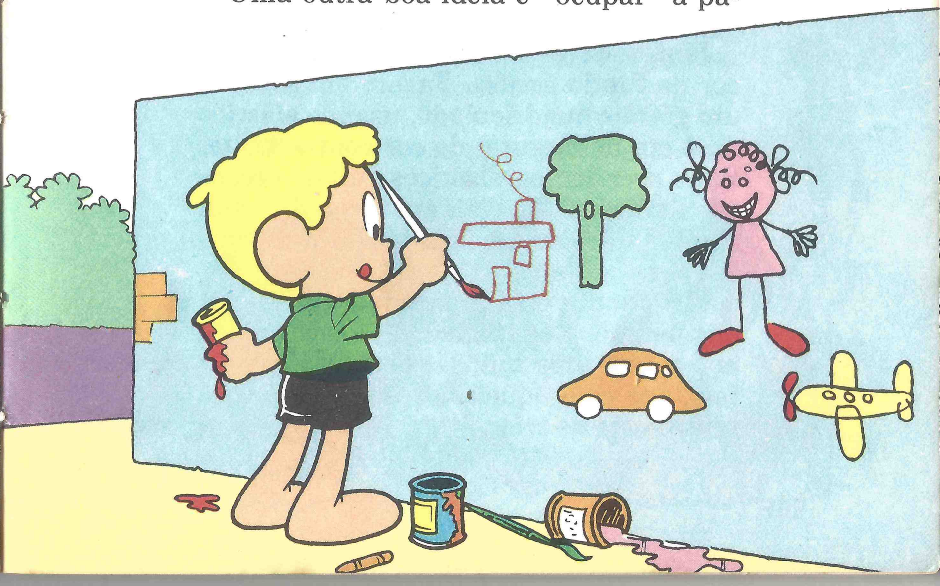
Cole então as carreiras de uvas, diminuindo sempre o número em cada uma delas, até completar o cacho. Por último, cole a haste.

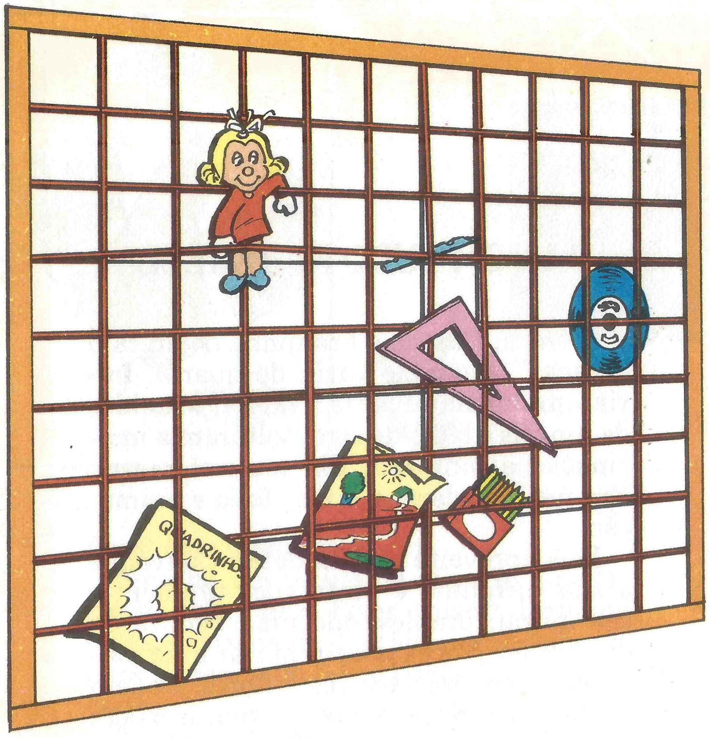
VÁ COM TUDO NA PAREDE!

Mônica, Cascão e Franjinha decidiram "atacar" a parede vazia do quarto. Iniciaram imediatamente a tarefa. Munidos de pincéis e lápis de cera, soltaram a imaginação e pintaram um incrível mural. Em meio, é claro, a muita folia e animação.

Pois aproveite a idéia deles. Convoque a sua turminha e pinte você também o seu mural, promovendo uma bela tarde de criação. Vocês podem pintar uma paisagem, com sol, árvores e flores. Podem pintar bichinhos e até... pintar vocês mesmos. Que tal?

Uma outra boa idéia é "ocupar" a pa-

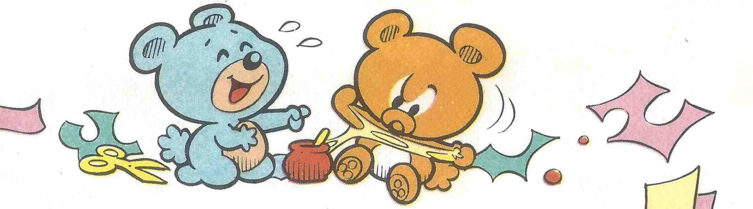


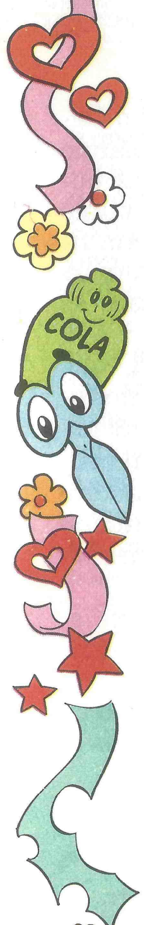


rede, transformando-a num enorme quadro porta-objetos, fácil de realizar.

Pintem primeiro a parede, usando uma cor de fundo escura. Façam em seguida um grande quadriculado, usando elástico de 1 cm de largura, de cor contrastante. Para prender os elásticos, usem pregos galvanizados. Arrematem o quadro com fita isolante, de uma cor que se harmonize com o conjunto.

E o quadro está pronto para ser usado e enfeitado. Com bicho ou boneca de pano, com apitos mil, lápis e cartões-postais. Até com aqueles desenhos que você tanto gosta de criar.



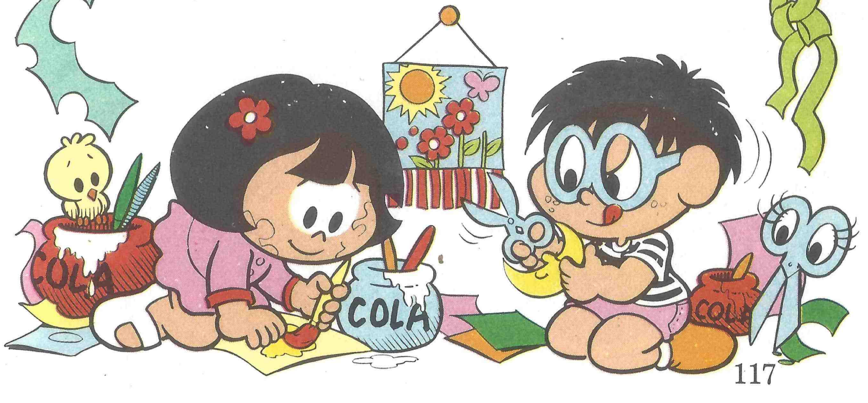


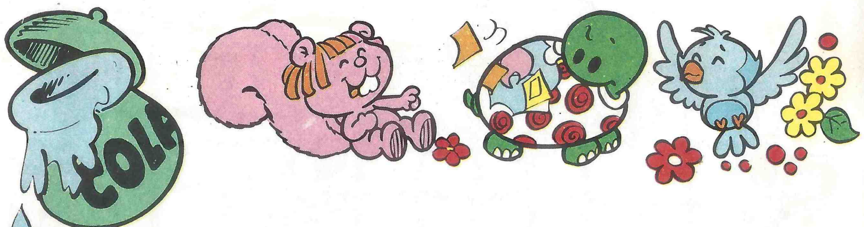
É PERMITIDO COLAR!

Vamos dar uma espiada no que os nossos amiguinhos estão fazendo? Eles parecem tão entretidos ao redor de um monte de revistas e jornais! Será que de repente todos resolveram se pôr a par das últimas notícias?

Agora o Cebolinha está olhando atentamente a foto de uma revista e. . . começa a rasgá-la! Mônica está às voltas com uma tesoura e um vidro de cola. E o Cascão recortou um pedaço de cartolina. Vamos ver o que eles querem fazer?

Ah, já descobri! Eles estão tentando fazer uma colagem. A Mônica já está desenhando alguma coisa na cartolina. Uma flor bem grande, com pétalas arredondadas! Enquanto isso, o Cascão vai passan-

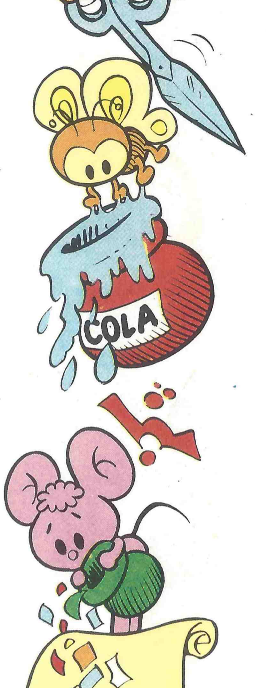




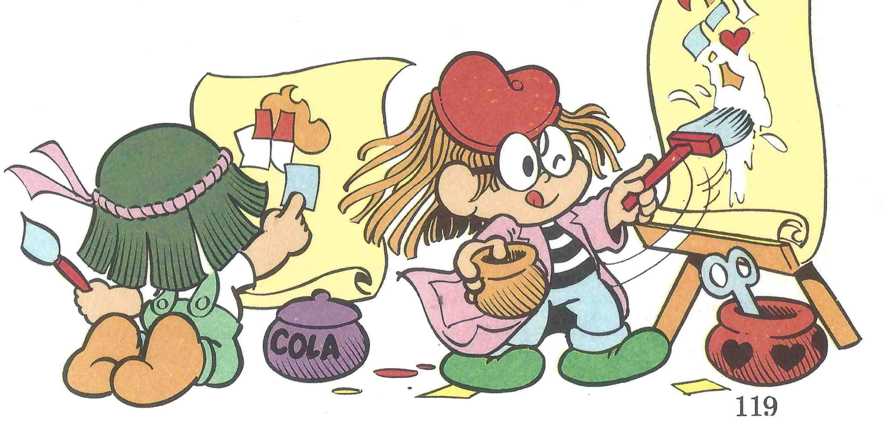
do cola nos pedaços de revista que o Cebolinha rasgou. A Mônica está colando papéis coloridos sobre o desenho. Que bonito! As pétalas são amarelas, o miolo azul. Agora ela vai colar o caule, bem fininho. Esse ela recortou com a tesoura. A colagem está quase pronta, só faltam as folhas, verdes como o caule.

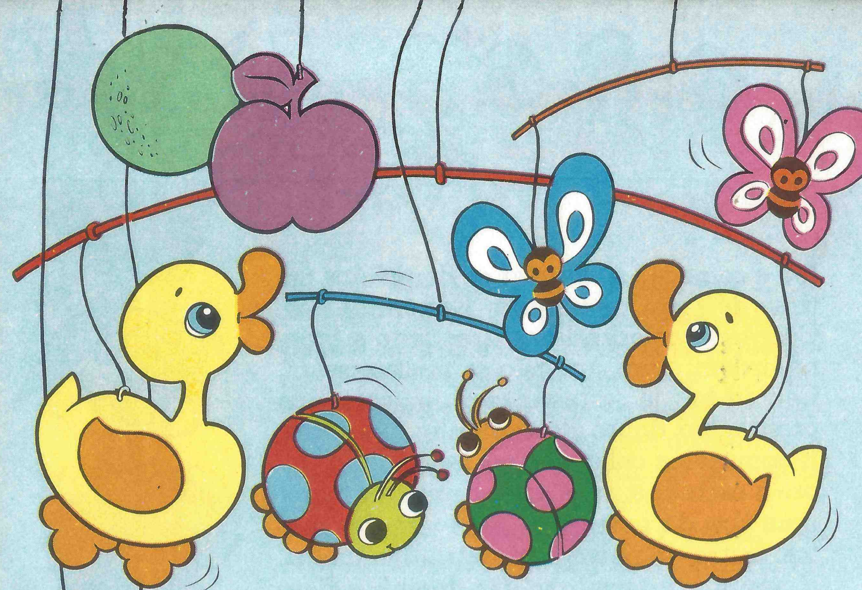
Ah, vejam que beleza! O papel, que eles amassaram um pouco, ficou meio fofo, dando uma aparência de relevo às pétalas e às folhas. E o colorido foi fácil conseguir. As cores estavam todas lá na foto de uma paisagem: céu azul, um gramado verde, um trator amarelo, e as paredes escuras de um galpão de fazenda.

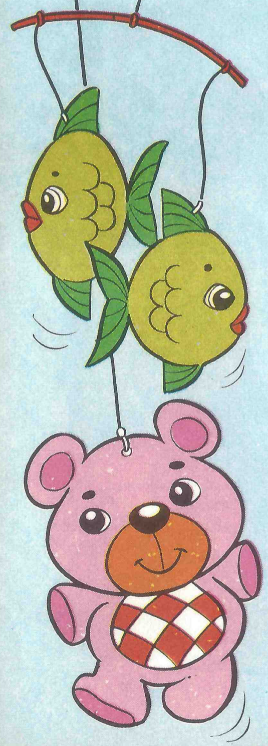
Cebolinha continua folheando a revista. Escolheu duas fotos de página inteira: uma paisagem com muitas árvores e um grupo de jovens em suas motos coloridas. Mônica deu uma olhada, aprovou a esco-



lha e começou a recortar as duas fotos em tiras de 1 cm de largura. Enquanto isso, Cascão ia colocando as tiras lado a lado, na ordem, para que não se misturassem. Cebolinha já estava com a cartolina pronta, no dobro do tamanho das fotos. E começou a colar as tiras lado a lado, sobre a cartolina, mas da seguinte maneira: uma tira da paisagem, uma tira das motos, outra da paisagem, outra das motos. E assim até terminar. Os desenhos ficaram intercalados. Depois de secar, Cebolinha vai fazendo uma espécie de sanfona com a cartolina, acompanhando o sentido das tiras. Pronta a sanfoninha, ele passa um pouco de cola na parte de trás e coloca tudo sobre uma outra folha de cartolina. Que genial! Se a gente olhar pela direita, vai ver a paisagem com o arvoredo. Se olhar pela esquerda, lá está o grupo de jovens em suas motos coloridas!







ACOMPANHE O MOVIMENTO

Fazer móbiles foi a idéia que animou o Cebolinha a entrar também na "onda decorativa", decretada pela Magali. E fez estes dois móbiles, que a turminha adorou e elogiou.

Por falar em móbile, você sabia que o seu criador foi o americano Alexander Calder? Em 1932, ao apresentar suas esculturas espaciais numa exposição em Paris, Calder ficou famoso justamente por ter dado a elas uma nova dimensão: o movimento. Daí o nome móbile.

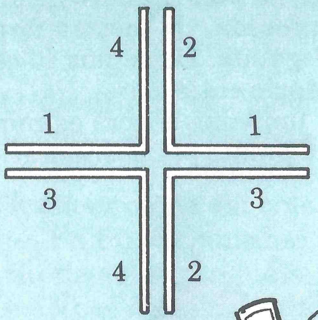
Móbile-bola

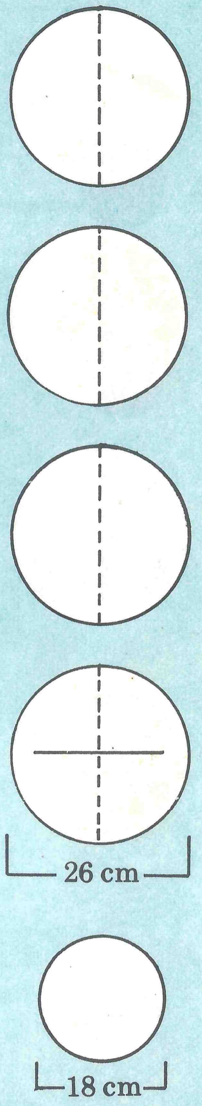
Recorte em cartolina quatro círculos de 26 centímetros de diâmetro, e um outro menor, de 18 centímetros. Nessas mesmas medidas, recorte círculos em páginas de revistas com propaganda.

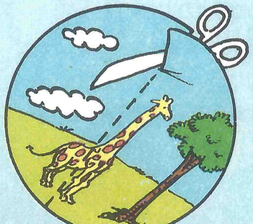
Cole, um sobre o outro, os dois círculos menores. O de cartolina e o de revista. Corte ao meio cada um dos outros círculos de revista. Enumere as metades, aos pares, de 1 a 4. Em seguida, cole as metades nos círculos maiores de cartolina, combinando-as de acordo com o esquema ao lado.

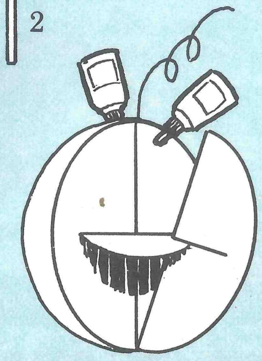
Dobre cada círculo ao meio, formando um vinco entre as duas fotos, e faça um corte de 18 centímetros no centro do vinco. Por esse corte, encaixe os círculos dobrados no círculo menor. Veja o esquema.

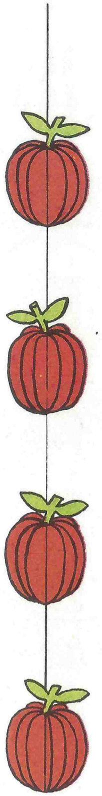
Só os lados com fotos devem aparecer. Cole entre si os lados em branco, amarre um fio de náilon e pendure o móbile.











Móbile-maçãs

Use cartolina vermelha para as maçãs e verde para as hastes. Faça os moldes numa folha de papel.

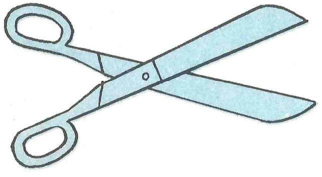
Recorte as hastes. Para recortar as maçãs, junte três pedaços de cartolina por vez, desenhe o contorno e, em seguida, recorte.

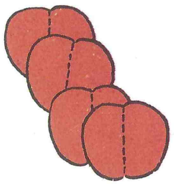
Um conjunto de três "camadas" forma uma maçã completa de seis gomos. Coloque a haste na parte superior da maçã, entre as camadas, e grampeie. Mais abaixo grampeie outra vez. Os grampos devem ficar na posição vertical.

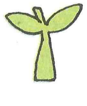
Faça assim sucessivamente até obter as cinco maçãs do móbile.

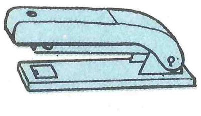
Monte o móbile de baixo para cima. De maçã em maçã, passe a linha pelo meio, prendendo-a nos grampos. Dê várias voltas e um nó para prender bem. Solte a linha e proceda, da mesma forma, com a maçã seguinte. Deixe uns 10 centímetros de distância entre elas.

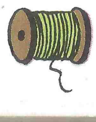
Faça um vinco e abra os gomos. O móbile está pronto para pendurar.

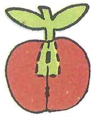




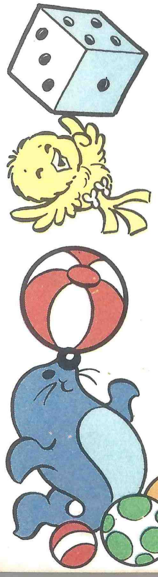








Toda criança terá o direito de colecionar o que bem entender.



O direito de colecionar também foi logo aprovado. Por unanimidade.

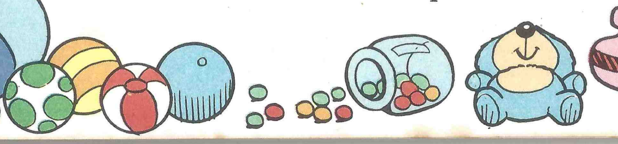
— *Clalo!* O colecionador é que deve *lesolver* o que vai colecionar!

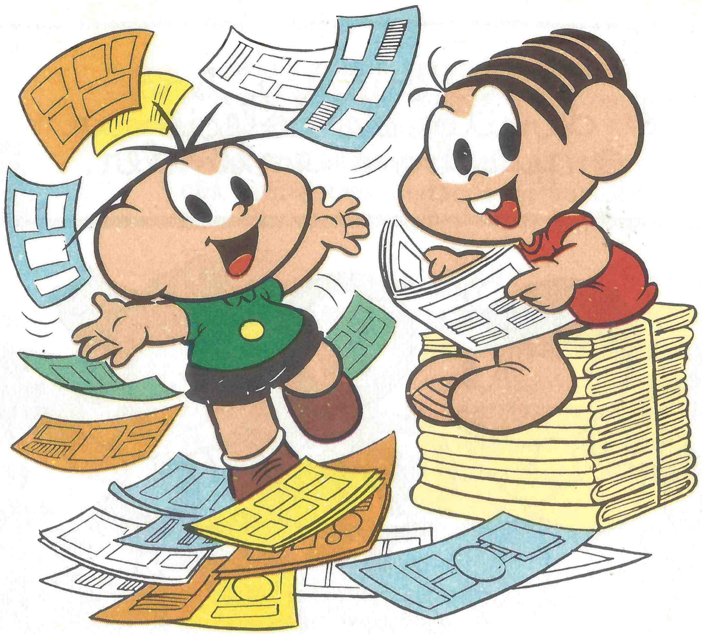
— Falou, Cebolinha! Na minha coleção de selos ninguém mexe! Só eu!

— Você coleciona selos, Franjinha? Eu coleciono guardanapos de papel de lanchonetes! Eles trazem cada recordação deliciosa!

— Quantos você já tem, Magali?

— Uns duzentos e cinqüenta!





VALE TUDO: DE CARTÃO A BOTÃO

— Oi, Cebolinha, que alegria é essa?

— Oi, Mônica! É que eu aumentei a minha coleção de *levistinhas. Alanjei* uma muito legal, que tem mais de cinqüenta anos! Foi o seu Joaquim que me deu, e se chama O Tico-tico.

— Pois eu arranjei coisa melhor. Um daqueles botões antigos, da bota do Napoleão!

— Do Napoleão?! Você tem *celteza?*

— Claro, ele mesmo que me deu!

— Ô Mônica, você está sonhando...

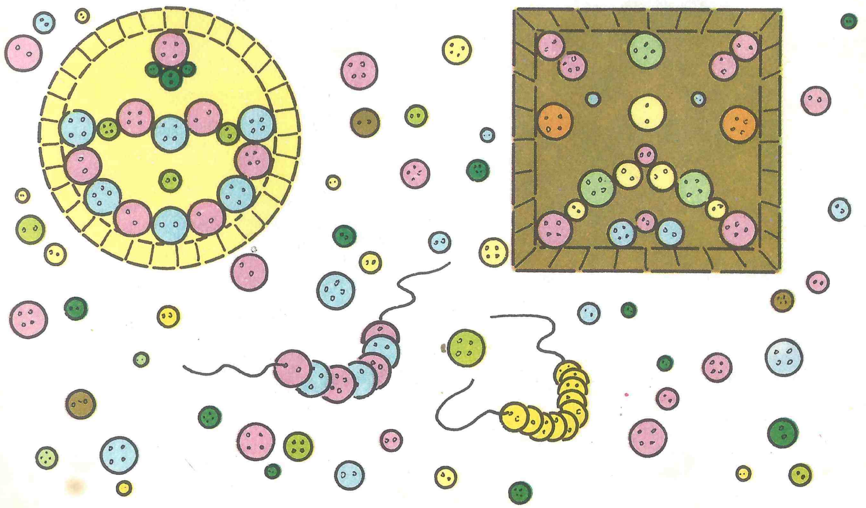
— Sonhando coisa nenhuma. Eu cheguei bem na hora em que seu Napoleão, o sapateiro, estava consertando a bota dele. Aí eu gostei do botão e ele me deu!

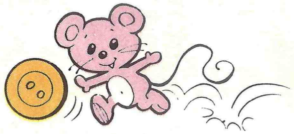
É fácil escolher

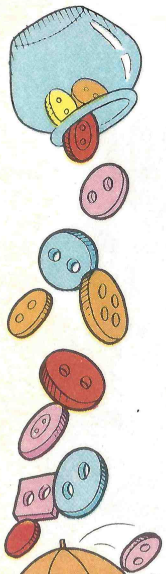
Se você resolver colecionar alguma coisa, vai ver que esse passatempo é muito interessante. E vai descobrir que existe uma grande variedade de objetos que podem ser colecionados.

Botões, por exemplo. Você vai encontrá-los nas roupas velhas, na cesta de costura da mamãe, nas lojas de aviamentos ou de artigos usados, e até em casas de antiguidades.

Os botões antigos em geral são ricamente decorados, e alguns podem ter histórias muito interessantes. Quem não



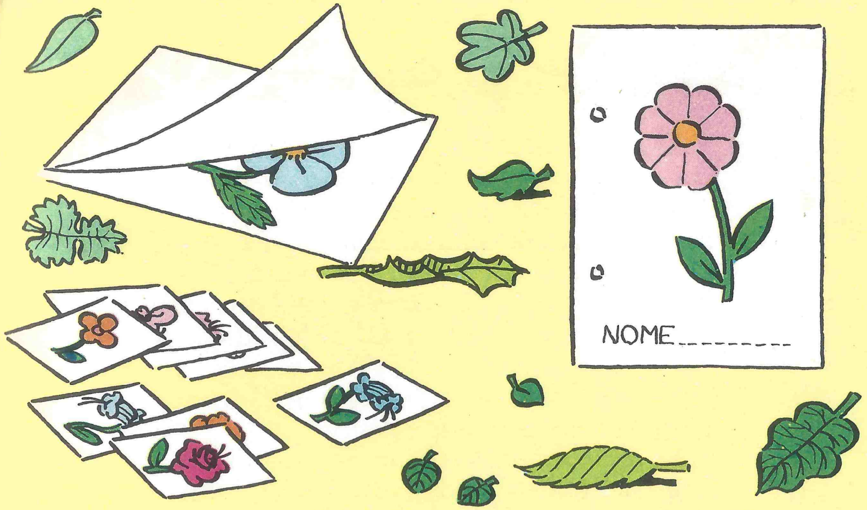




gostaria de ter botões da roupa que D. Pedro I usava quando proclamou a Independência?

Se você reunir um bonito conjunto de botões, poderá deixá-los expostos de maneira atraente. Arrumando-os, por exemplo, num cartão ou numa placa forrada de feltro, para que formem um desenho. Prenda-os com cola e você terá quadrinhos originais para pendurar na parede de seu quarto.

Além disso, com os botões de uma coleção também podem ser feitos lindos colares, pulseiras, cintos e outros objetos que você bolar.

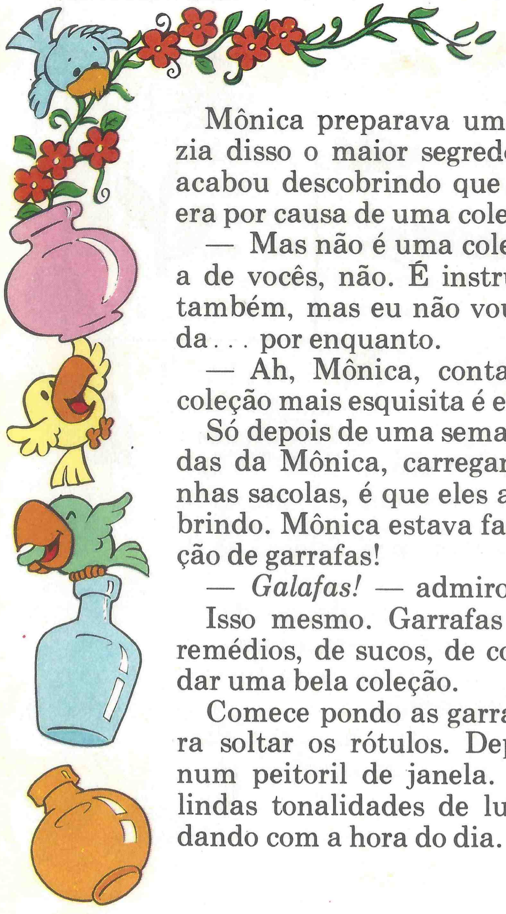


Que tal fazer agora uma coleção só de flores?

Flores de todos os tipos, depois de secas, podem ser guardadas em álbuns ou, então, coladas em cartões para formar um belo arranjo de parede.

O primeiro passo é secar as flores. Para isso, você deve colocá-las sobre pedaços de jornal, com as pétalas voltadas para o mesmo lado. Sobre as flores, ponha mais um jornal e, por cima de tudo, um ou dois livros pesados. Alguns dias depois elas estarão secas. Mas é preciso cuidado para lidar com flores secas, pois são muito quebradiças.

Todas as flores têm nome. Um científico, geralmente em latim, e um ou mais nomes populares. Você vai encontrar essa informação em livros de botânica ou em bibliotecas públicas. Aí, anote os nomes ao lado do exemplar correspondente. Isso vai valorizar muito sua coleção.



Mônica preparava uma surpresa e fazia disso o maior segredo. Mas a turma acabou descobrindo que o mistério todo era por causa de uma coleção.

— Mas não é uma coleção assim como a de vocês, não. É instrumento musical também, mas eu não vou dizer mais nada. . . por enquanto.

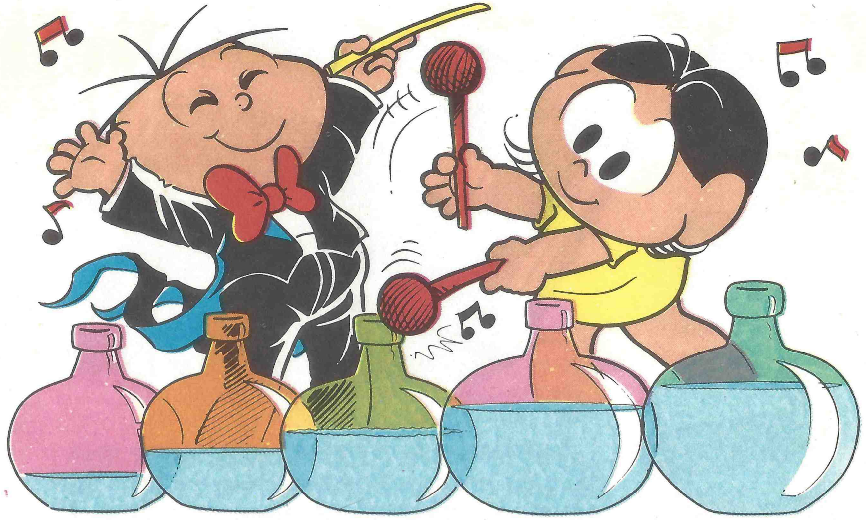
— Ah, Mônica, conta pra gente que coleção mais esquisita é essa.

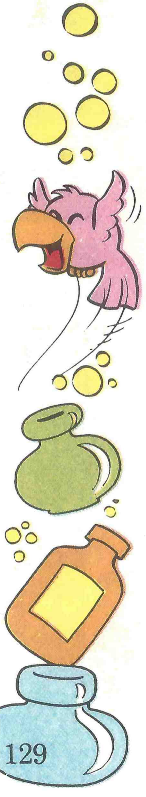
Só depois de uma semana de idas e vindas da Mônica, carregando umas estranhas sacolas, é que eles acabaram descobrindo. Mônica estava fazendo uma coleção de garrafas!

— *Galafas!* — admirou-se Cebolinha.

Isso mesmo. Garrafas de bebidas, de remédios, de sucos, de conservas, podem dar uma bela coleção.

Comece pondo as garrafas na água para soltar os rótulos. Depois exponha-as num peitoril de janela. Elas vão filtrar lindas tonalidades de luz, que vão mudando com a hora do dia.

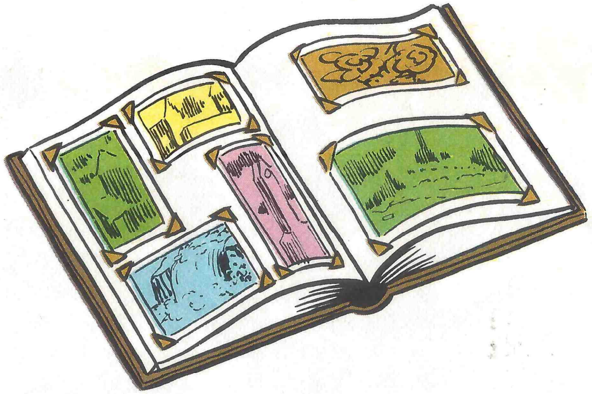


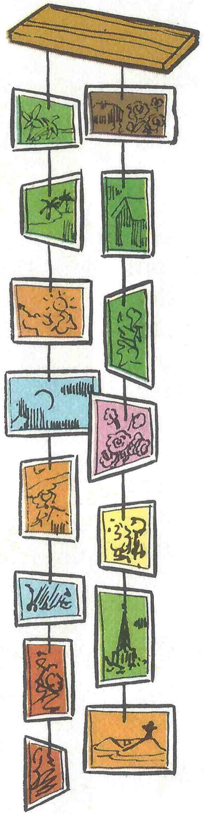


Algumas garrafas podem ser transformadas em lindos candelabros. É só pôr uma vela em seu gargalo e acender, deixando queimar até o fim. A cera vai escorrer pelo vidro. Quando acabar a primeira vela, acenda outras de cores diversas, até que todo o vidro fique recoberto de cera colorida.

A Mônica, porém, aproveitou de outra forma a sua coleção, e fez com ela um instrumento musical. Faça você também pondo água nas garrafas, em quantidades diferentes. Experimente então bater de leve com uma colher. Pra afinar os sons, é só mudar a quantidade de água contida nas garrafas. Mais água, som mais grave. Menos água, som mais agudo.

Quem sabe se você não vai até compor uma inspirada sinfonia?



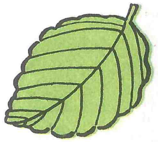


Vamos sugerir agora uma outra coleção: de cartões postais. Se você tem um amigo ou parente que mora em outra cidade ou está a passeio em outro país, provavelmente já terá recebido cartões postais com vistas desses lugares.

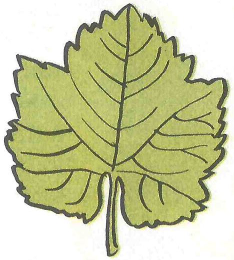
Mas se você não tiver ninguém que lhe mande cartões de outra cidade, poderá pedir a pessoas conhecidas. Talvez elas possam ceder seus cartões a você. Veja também os mostruários de cartões nas bancas de jornais; lá se encontram sempre cartões variados e sugestivos.

Este é um passatempo muito gostoso. Você poderá conhecer uma porção de lugares sem nunca ter estado lá. E quando você viajar, será emocionante ver de perto e reconhecer os lugares que você já tinha visto nos postais.

À medida que o número de cartões for aumentando, você poderá ir fazendo álbuns para organizar melhor sua coleção. E com alguns desses postais poderá fazer também um lindo móbile para enfeitar o quarto. Você não acha uma boa idéia?

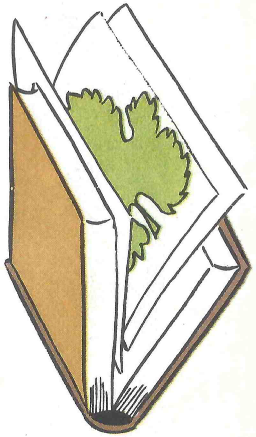


A turminha estava no maior entusiasmo, cada qual querendo que a sua coleção fosse a maior e a mais bonita.



Numa tarde de primavera, passeando pelo campo, Franjinha descobriu que poderia fazer uma bela coleção com folhas de diferentes formatos. Com árvores tão variadas, ele poderia reunir folhas grandes e pequenas, arredondadas, pontudas, serrilhadas.

Franjinha, que é muito sabido, começou a colher dois exemplares de cada tipo, assim ele poderia expor os dois lados da folha.



Claro que para fazer uma coleção perfeita ele deveria saber o nome das árvores a que pertenciam as folhas, para registrálo em seu fichário. Isso ele teria que descobrir. Depois teria que secar as folhas, colocando-as entre as páginas de uma revista ou livro, para evitar que elas enrolassem. Alguns dias depois elas estariam secas. Mas seria preciso mexer nas folhas com cuidado, pois ao secar elas se partem facilmente.

TUDO DE TODOS OS TEMPOS

Naquele dia, quando a Magali chegou na casa da Mônica, encontrou-a lá em cima, no sótão, procurando a sua coleção de conchinhas do mar.

— Puxa, Mônica... quanta velharia tem aqui! Até parece um museu!

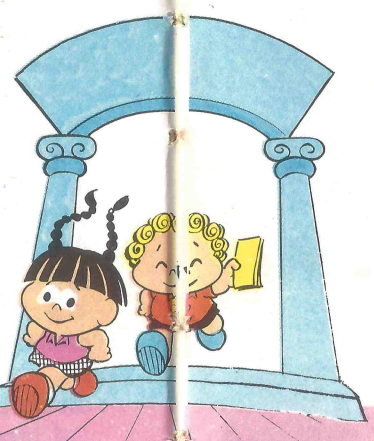
— Velharia, coisa nenhuma. E museu também não é lugar de velharia!

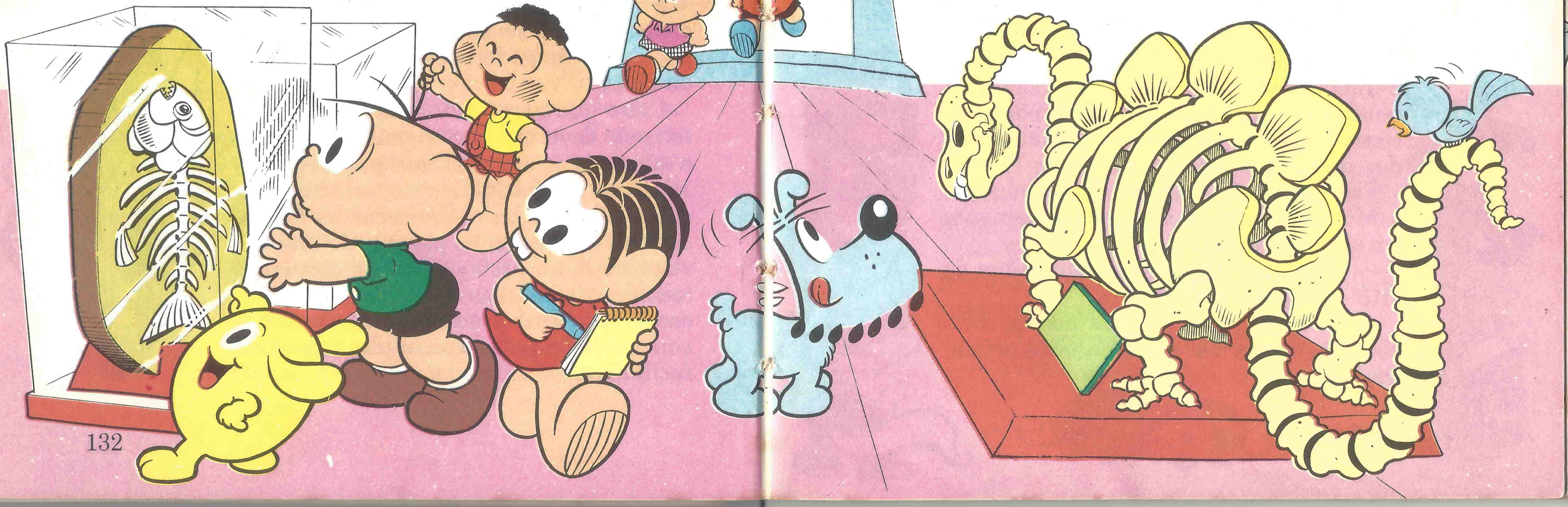
Na verdade, o que se guarda nos museus são objetos antigos.

As igrejas e conventos, por exemplo, colecionam relíquias de santos há muito tempo. Desde uma época conhecida como Idade Média. Mas naquele tempo, o povo só podia ver essas coleções por ocasião das grandes festas religiosas.

Mais tarde, entre os séculos XV e XVIII, alguns nobres organizaram seus Gabinetes de Curiosidades, que guardavam coleções de instrumentos mágicos e científicos, de objetos históricos e exóticos. Esses museus foram instalados em alguns países da Europa, como Alemanha, Inglaterra, Itália. E só os colecionadores podiam visitá-los.

O primeiro museu aberto ao público foi o de Oxford, na Inglaterra, criado em 1683. Na Itália, foi o museu Capitolino, de Roma. E na França, o palácio do Louvre, que realizava exposições de pintura desde 1664.





Aliás, foi em Paris, durante a Revolução Francesa, que se criou o verdadeiro museu moderno, dividido em seções, para que todas as pessoas pudessem conhecer as grandes obras de arte.

No Brasil, o primeiro museu foi fundado por D. João VI, em 1808. Mais tarde ele se transformou no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Hoje existem até museus que se dedicam a um único assunto, como o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, Minas Gerais, e existe também uma ciência, a museologia, que trata exclusivamente da conservação e apresentação das coleções dos museus.

Foi quando ouviu falar disso tudo que a Mônica começou a pensar seriamente em abrir um museu.

— Mas você não tem nenhuma obra de arte! — espantou-se Magali.

— E o que você diz das nossas coleções? A minha vai ser uma obra-prima, você vai ver!

Toda criança terá o direito de se vestir como quiser.

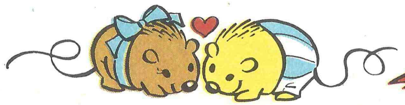
— É! Não tem nada mais injusto do que um adulto *tilano* escolher uma *loupa hololosa pla* uma *poble cliancinha* indefesa!

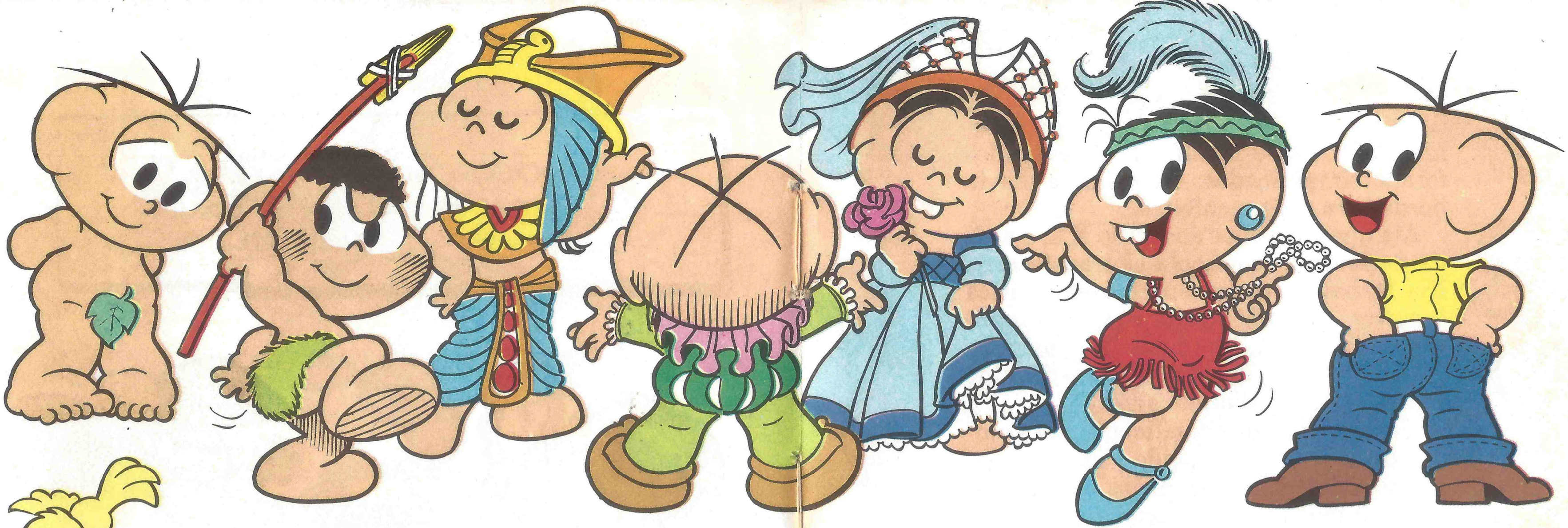
— O pior, Cebolinha, é que depois a gente tem de usar, porque pelado ninguém anda, né?

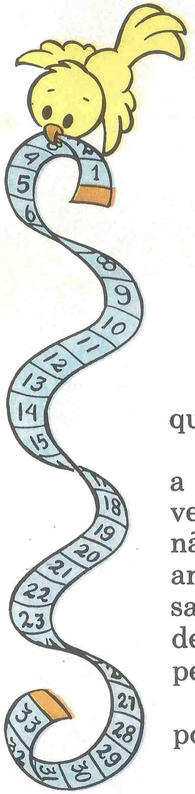
— O Cascão tem razão! Não vejo por que a criança não pode escolher suas próprias roupas!

— Abaixo o mau gosto!

— Viva a criança!







MODA: CADA UM NA SUA

— Cascão, o que você acha da . . . ?
— Cebolinha! Ah, ah, ah, ah, ah . . .
— Quem *li* à toa é bobo, Cascão!
— Cebola, a sua camiseta!!!
— É nova! E daí?
— É que a Malu tem uma igualzinha!
— Cascão, por acaso você está dizendo que a minha camiseta é de mulher?

Enquanto eles discutem, eu vou contar a vocês que isso de mulher e homem se vestirem do mesmo jeito não é coisa nova, não. Os povos das grandes civilizações antigas calçavam sandálias e vestiam saiotes, túnicas e mantos, feitos de lã ou de linho. A única diferença eram seus penteados e enfeites.

A roupa só começou a ficar diferente lá por volta de 1700 a.C., quando as mulheres egípcias lançaram a moda do vestido, de corte justo e afunilado.

Mas na Grécia Antiga, homens e mulheres vestiam uma espécie de túnica sem mangas. Só que os homens usavam também um longo manto.

Na Idade Média, a principal inovação para os homens foram as *chausses*. Eram calças muito justas nas pernas e nos quadris. Os gibões e jaquetas substituíram as antigas túnicas, e mais tarde surgiram também os calções bufantes, usados com meias longas e justas.

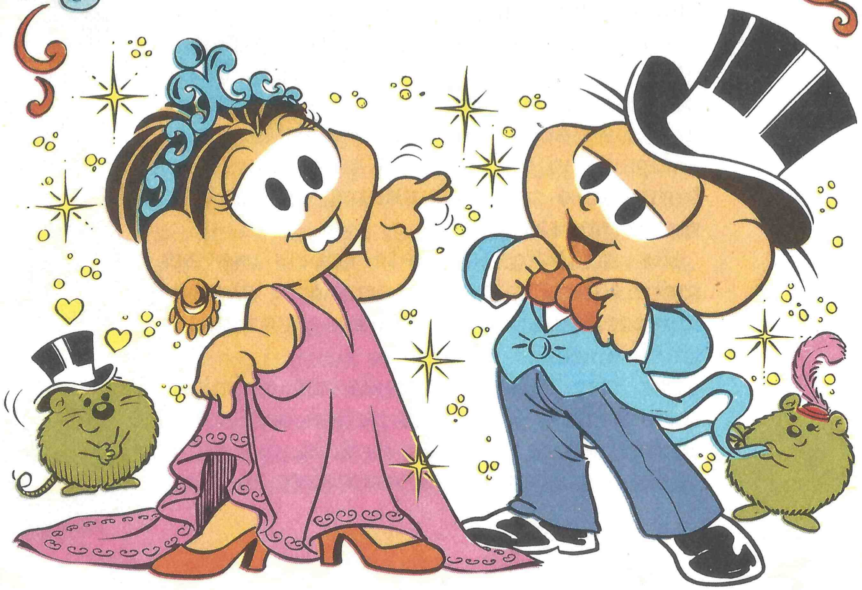
As mulheres daquela época usavam merinaques, que eram armações pra aumentar o volume das saias, e seus mantos tinham muitos bordados.

No século XIX, a moda masculina se tornou mais leve. Nos países ocidentais começou a ser usada a cartola, que equivalia ao turbante dos orientais e ao cocar

de penas dos chefes índios. A moda feminina também se modificou e os vestidos foram simplificados. Mas ainda havia bordados e muitos enfeites.

Até que chegamos ao século XX, e a vida da mulher começou a se transformar. Ela trabalha, dirige automóvel, pratica esportes. E já não aceita roupas complicadas que atrapalham os movimentos. Os acessórios incômodos, como espartilho e armações, são abandonados.

Hoje em dia, principalmente nos grandes centros urbanos, onde é maior a influência dos modernos meios de comunicação, a moda se internacionalizou. O jovem de Tóquio veste o mesmo *jeans* que veste o jovem de Londres, Paris ou São Paulo. Isso sem falar na moda unissex, que o Cascão aproveitou pra gozar o Cebolinha.



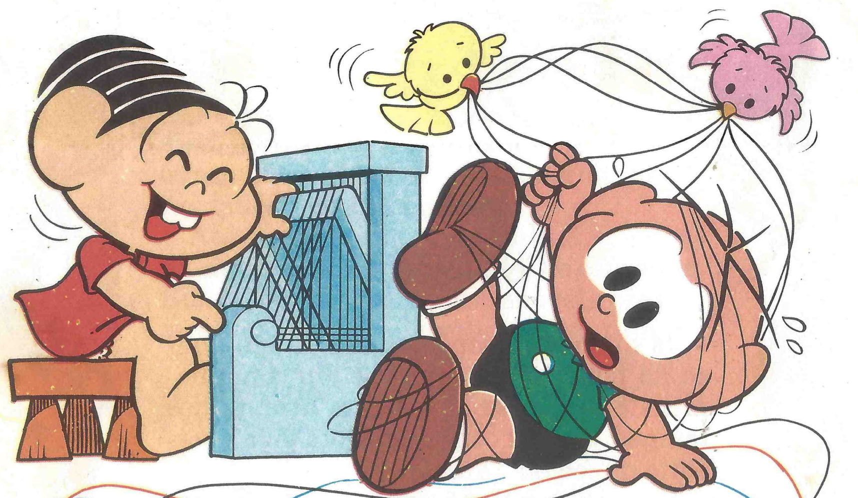
PUXE O FIO

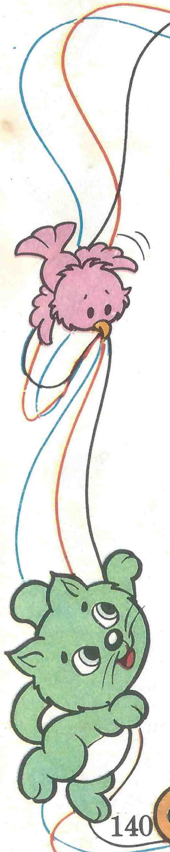
Já que você ficou conhecendo um pouco da história das roupas e viu como homens e mulheres se vestiam através dos tempos, que tal conhecer agora algo a respeito do tecido também?

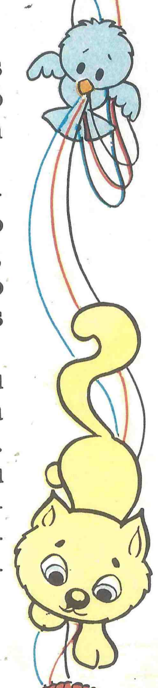
Você sabe que há milhares e milhares de anos, o homem usava peles de animais para cobrir o corpo. Mas um dia ele descobriu que podia tecer fibras naturais para fazer suas roupas.

Foi assim que no Egito surgiu o linho. Já o algodão apareceu na Índia e na Grécia. A seda teve origem na China, e a lã, na Suíça e Escandinávia.

A arte de tecer, chamada de tecelagem, desenvolveu-se lentamente. Durante um longo período, quase não apresentou inovações. A fiação de fibras era feita ma-



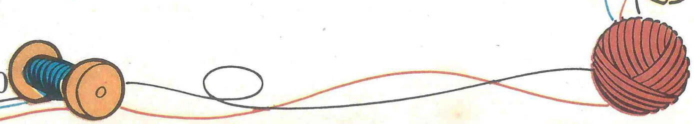


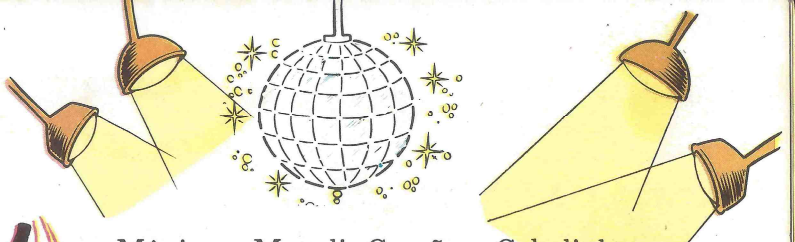


nualmente e, dos teares, saíam panos com padrões únicos, bem simples. Só mais tarde é que foi possível repetir um mesmo padrão.

Na Idade Média intensificou-se a fabricação de tecidos. Mas o grande salto se deu na época da Revolução Industrial, mais particularmente na Inglaterra do século XVIII. Dois fatos importantes aconteceram!

Em 1774, Richard Arkwright inventou uma fiadeira mecânica que facilitou a preparação das fibras para tecelagem. Em 1785, Edmund Cartwright construiu uma máquina de tecer que ajudou a aumentar a produção de tecidos. E foi justamente esse tear que impulsionou a moderna indústria do tecido.





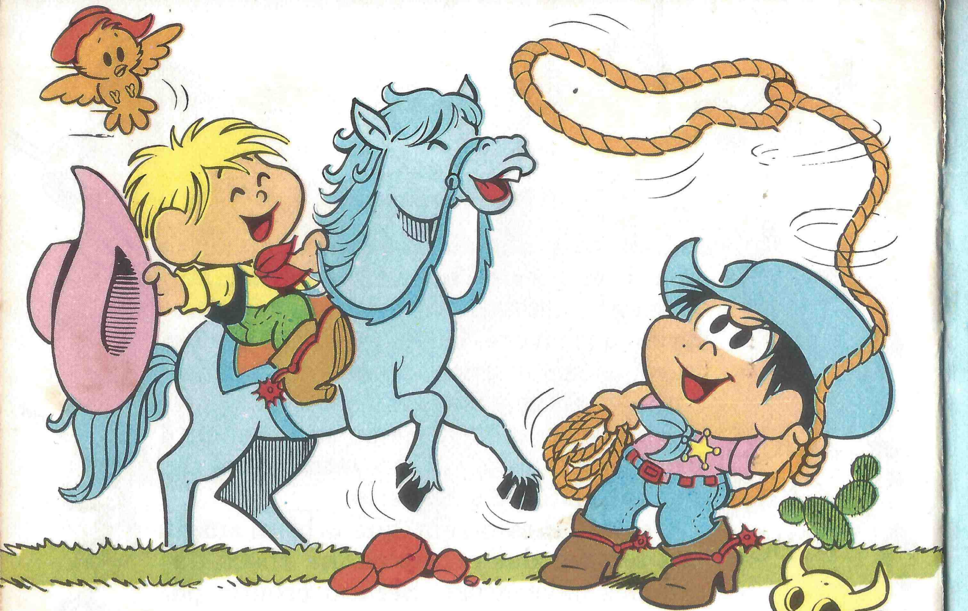
JEANS PRA TODOS

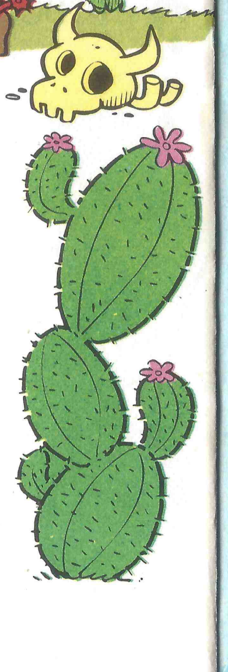
Mônica e Magali, Cascão e Cebolinha iam a uma festa animadíssima. E, naturalmente, estavam vestidos no estilo preferido dos jovens. Quem é que não usa hoje as calças de brim, azuis e desbotadas, e muito incrementadas?

Mas você sabe de onde se originou o brim e as famosas calças *jeans*? Pois são duas as histórias a respeito.

Os italianos dizem que o brim surgiu nos tempos das caravelas, na época das grandes navegações. Seria o próprio pano, grosso e branco, usado para fazer as enormes velas dos barcos.

Certo dia, um marinheiro encontrou um pedaço deste pano, esquecido dentro de um barril. Mas ele estava todo manchado, porque haviam colocado junto um





tipo de molusco do qual se obtinha um corante azulado. O marinheiro se apoderou do pano e fez uma calça.

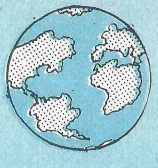
Mas a história dos americanos é bem mais conhecida. E eles dizem que tudo aconteceu há pouco mais de 100 anos.

Levi Strauss, jovem europeu, aventurou-se em terras da Califórnia, nos Estados Unidos, à busca de ouro. Levava consigo algumas mercadorias, entre as quais uma lona especial, de fabricação francesa, que servia para fazer barracas.

Como os garimpeiros se queixavam do frio, Levi resolveu fazer algumas calças com a lona resistente que trazia.

A idéia logo deu certo. Levi, que desistira do ouro, encontrou outra mina.

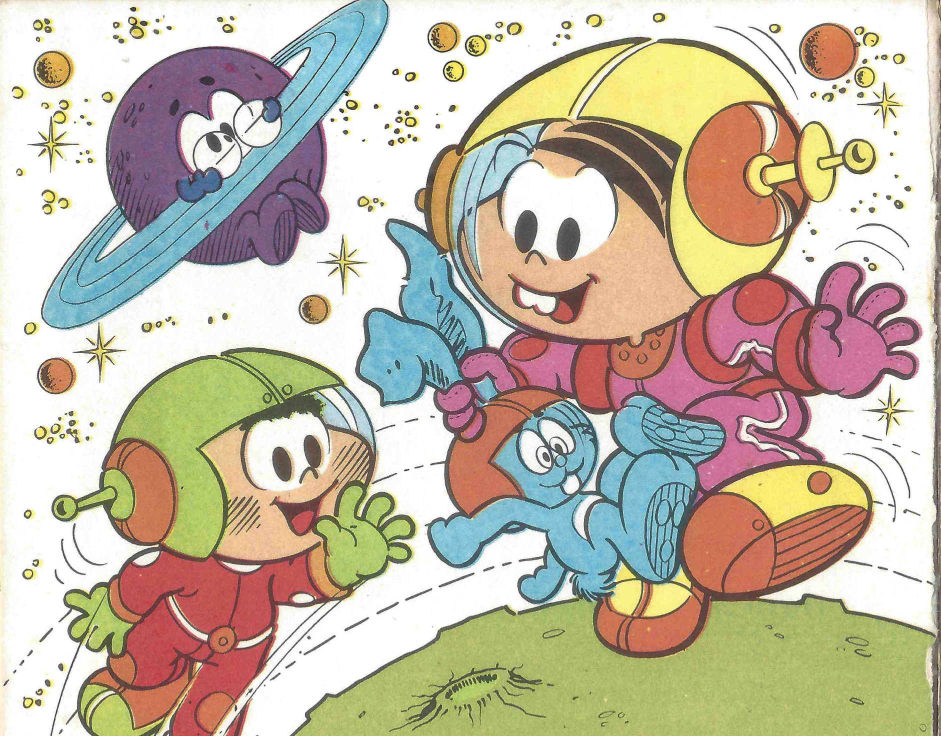
E, dos Estados Unidos, a nova moda se espalhou com rapidez para todos os cantos do mundo.



ASSIM, SÓ NO ESPAÇO...

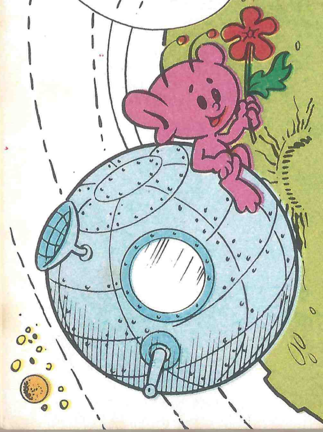
Cebolinha, que curte uma de espaço e nave, vive insistindo em casa que quer uma roupa espacial. Não é fácil convencê-lo de que essa não é bem uma roupa apropriada para quem vive no planeta Terra. Mas para os astronautas, em suas viagens interplanetárias, ela é indispensável. Por isso, quando flutua no espaço ou caminha pela superfície lunar, o astronauta sempre aparece com sua pesada e completa indumentária espacial.

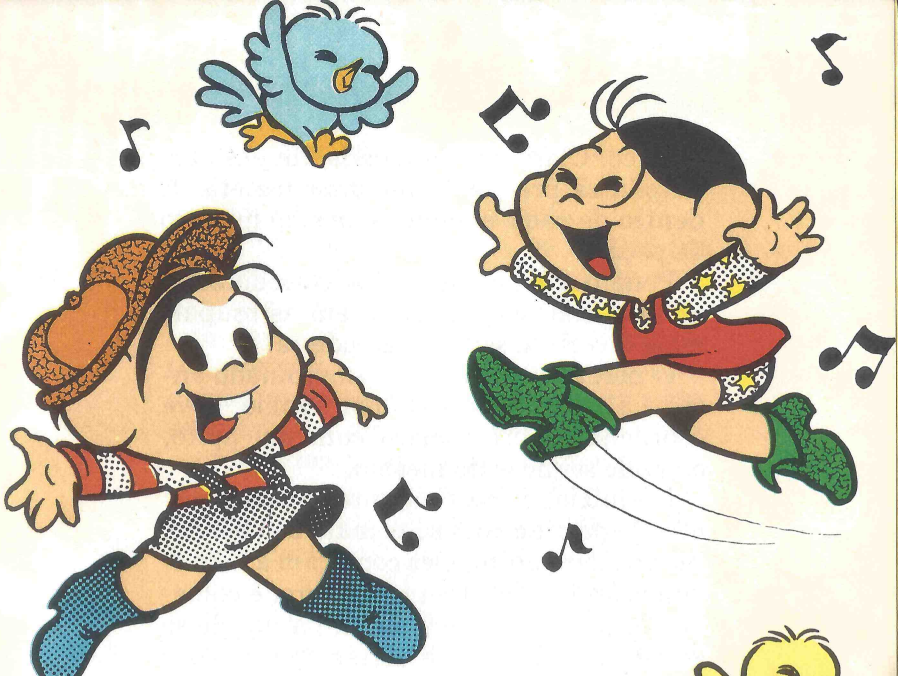
Ao se preparar para uma missão, o astronauta veste um macacão, geralmente branco, e sobre este um blusão; coloca na cabeça o capacete com visor, e calça as luvas e galochas. Às costas, prende um sistema portátil de ar e comunicação, que lhe permite respirar e comunicar-se com seu companheiro e com a Terra.



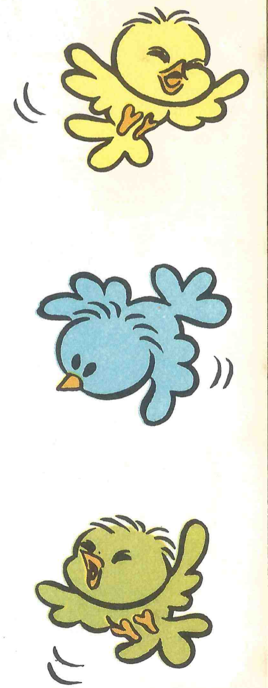
A roupa espacial se assemelha ao agasalho para neve, que as pessoas usam quando vão esquiar. Mas é muito mais do que isso. Além de dar conforto ao astronauta, ela é feita de diversas camadas de tecido, cada qual com uma função específica: isolante, de proteção e de retenção de gás.

No conjunto, a roupa espacial é um abrigo ambulante. Ela cria em seu interior uma atmosfera que permite ao astronauta respirar, proteger-se do calor e do frio ou defender-se de micrometeoritos do espaço. Completa, ela pesa cerca de 90 quilos. Mas, devido à gravidade na Lua, que é de 1/6 em relação à da Terra, o peso fica reduzido a apenas 15 quilos.





VESTE-CORRE MALUCO



— Olha só o que eu *alanjei, tulma!* Um *flaque* e uma *caltola!*

— E eu trouxe um chapéu e até um espartilho do tempo em que a minha avó ainda era mocinha!

Mônica e toda a turminha tinham procurado peças de roupas velhas por toda a parte. É que eles acabavam de descobrir uma nova brincadeira muito divertida, o veste-corre maluco.

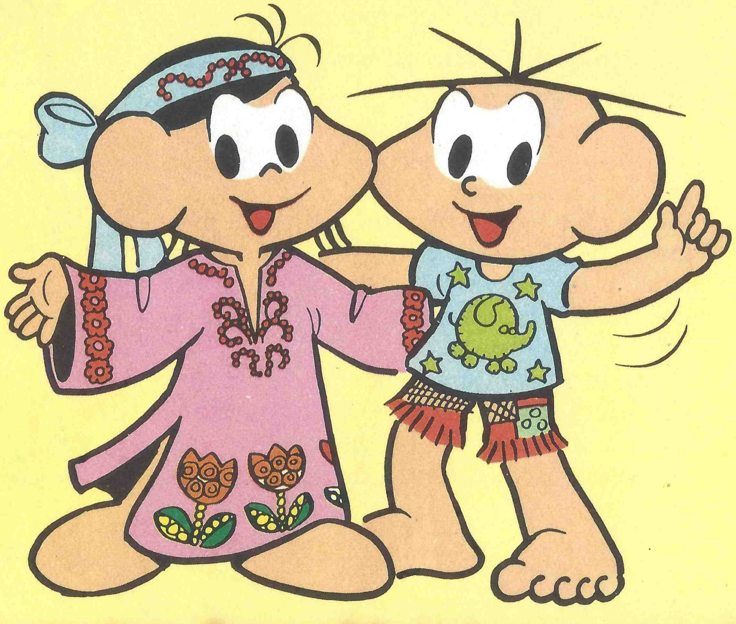
Esta brincadeira é uma corrida em que os participantes têm de se vestir enquanto estão correndo. As roupas que eles devem vestir ficam dentro de uma maleta

ou saco. Claro que para cada um dos participantes precisa haver uma maleta. E dentro de cada maleta, o mesmo número de peças.

Podem participar vários corredores, e quanto mais esquisitas forem as roupas, mais divertida será a brincadeira.

O percurso da corrida é combinado antes e alguém, escolhido por sorteio, deve coordenar a brincadeira com um apito, ou pode ser no grito mesmo.

No início, os participantes ficam na linha de partida com suas maletas na mão. Ao primeiro apito, eles começam a correr. Outro apito, eles param de correr e começam a se vestir. Novo apito, param de se vestir e recomeçam a correr. O vencedor será aquele que chegar primeiro ao final

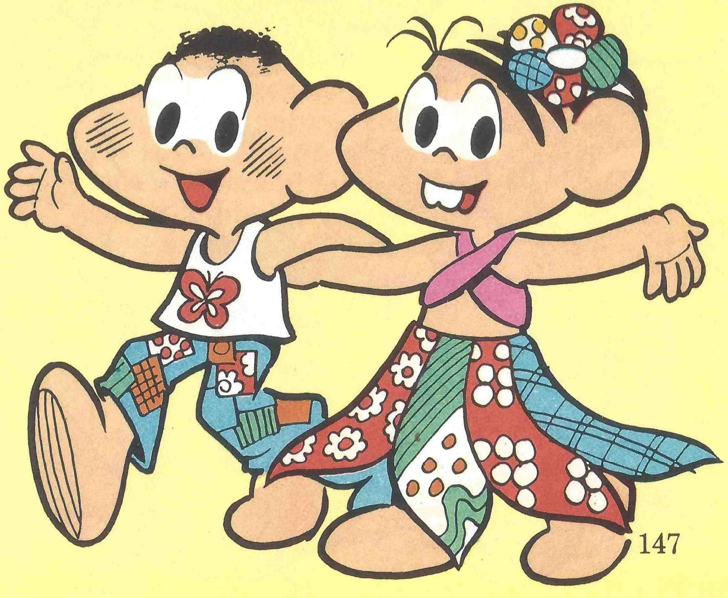


do percurso, vestido com todas as peças. Ou então aquele que chegar com o menor número de peças na sua maleta.

Pra não haver trapaça, as roupas podem ser colocadas nas maletas pelo coordenador, que também fica com o apito. Isto deve ser feito longe dos participantes. Ao soar o primeiro apito, eles correm até as maletas e pegam qualquer uma, sem saber o que tem dentro dela. Se o coordenador tiver bastante imaginação, vão surgir quadros engraçadíssimos. Já imaginaram alguém vestindo galocha, biquíni e cachecol?

— Ah, ah, ah! O Cascão fica um *balato* de *caltola,* avental e pé-de-pato!

— Mas eu ganhei a corrida! Pode passar o meu sorvete pra cá!



PINTE CARAS E CARETAS

— Uh! Uh! Eu sou um índio apache e o Cebolinha é o alvo do meu coelhinho!

Agora a turminha estava brincando de pintar o corpo. E cada pintura!

O rosto, eles pintavam de várias maneiras. Um queria uma cara de palhaço, outro queria pintar o rosto como índio, outro, ainda, tentava desenhar corações e estrelinhas. Mônica, por sua vez, inventou a pintura da *Senhorita Barriga-Pintada,* que logo se tornou a sensação. Essa pintura foi feita no peito de Maria Cebolinha e imitava um grande rosto. Os olhos ficavam na altura dos mamilos; a boca, na altura do umbigo; sobre os olhos, duas grandes sobrancelhas; embaixo, as bochechas; e entre elas, o nariz.

Depois da pintura, ela pôs um chapéu bem largo, feito de cartolina, que cobria desde a cabeça até um pouco abaixo dos ombros. Vestiu uma saia, presa nos quadris, e amarrou um lenço sobre o cós. A *Senhorita Barriga-Pintada* da Maria Cebolinha ficou muito elegante.

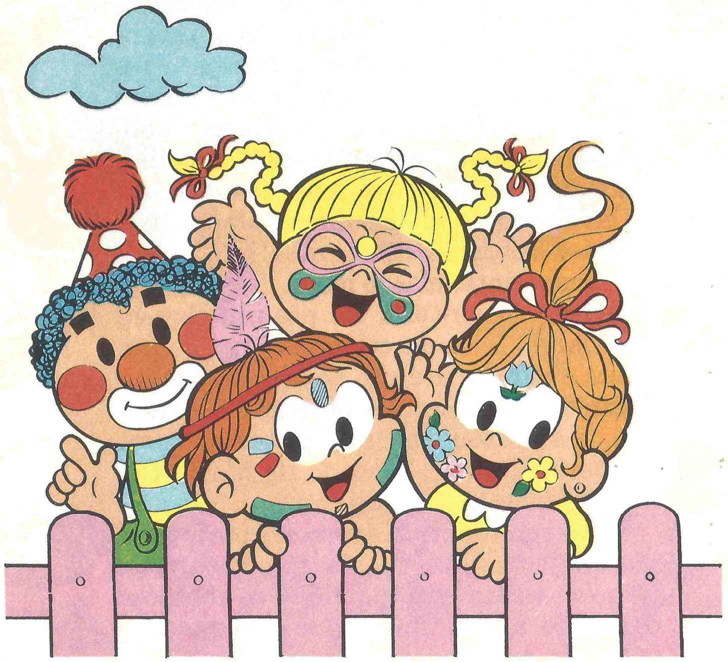
Para combinar, Xaveco se pintou do mesmo jeito e botou uma grande cartola. Depois, vestiu um paletó e o abotoou, deixando a gola na altura dos quadris, onde ele amarrou uma gravata como se

fosse no pescoço. Ficou mesmo um barato!

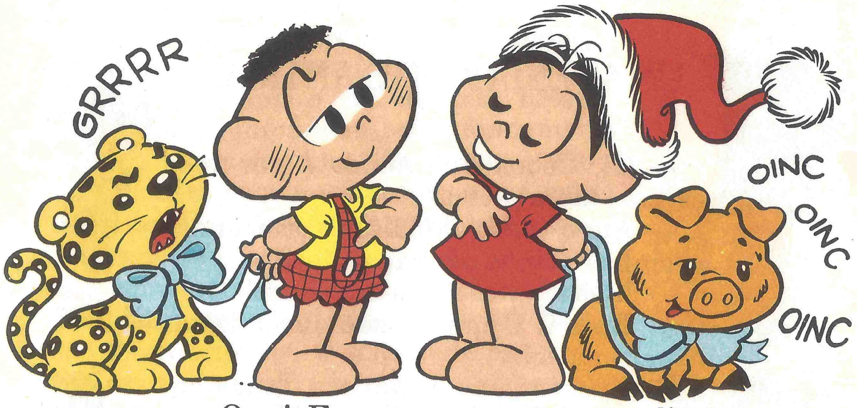
Outros começaram a pintar as mãos, o que também é muito divertido. Pintadas, elas podem parecer um gato, uma bailarina, um cabrito, ou qualquer coisa que o pintor conseguir imaginar. E puder pintar, é claro!

O trabalho fica bem mais fácil, usando uma tinta lavável como a aquarela ou o guache. Com um velho batom, que a mamãe não use mais, você também pode fazer a sua caricatura.

Só o Cascão não quis brincar. Vê lá se ele ia ter coragem de enfrentar aqueles pincéis molhados de tinta!



Toda criança terá o direito de trocar presentes no Natal.



— Opa! E se a gente não tem *dinheilo pla complar plesente,* Mônica?

— Não tem problema, Cebolinha! Um presente não precisa ser sempre comprado! Ele pode ser feito!

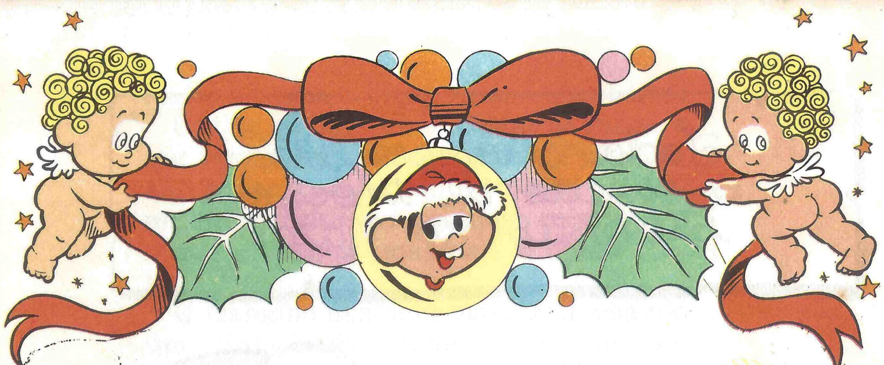
— Também acho! Lembra daquele papagaio que eu dei pra você no Natal, Cebolinha? Fui eu que fiz!

— Mas ele não subiu, Cascão!

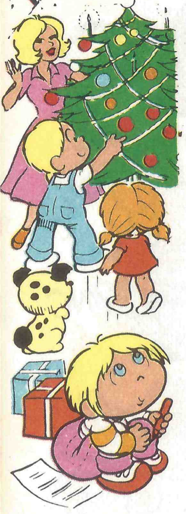
— É que você não soube empinar!

— Você é que não soube fazer!

— Calma aí, vocês dois! Nada de brigas agora! No próximo Natal vocês acertam tudo!



UMA FESTA MUITO ANTIGA...



— Oi, Cebolinha! Aonde é que você vai com tanta pressa?

— Até o *coleio*, Mônica! Vou mandar a minha *caltinha plo* Papai Noel!

— Mas o Natal ainda está longe!

— Eu sei! É que eu não *quelo* deixar *pla* última *hola!*

É, ninguém quer deixar pra última hora os preparativos de Natal. Mas como será que se começou a festejar o nascimento de Cristo?

Hoje em dia comemora-se o Natal no dia 25 de dezembro. Mas não foi sempre assim. Na Antiguidade essa data era motivo de outras comemorações, principalmente a do solstício de inverno. Solstício é quando a Terra pára de se afastar do Sol e começa a se aproximar dele outra vez. Os egípcios, por exemplo, nesse dia homenageavam um recém-nascido, que simbolizava a luz.

Foi o papa Júlio I que, no século IV, transformou essas festas pagãs na comemoração do nascimento de Cristo, talvez porque nos textos sagrados seja comum a comparação de Jesus Cristo com o Sol, embora não se saiba a data do seu nascimento. No Ocidente a idéia se difundiu logo, mas no Oriente, onde o Natal era comemorado dia 6 de janeiro, isso demorou algum tempo.

No Brasil, o Natal é uma grande comemoração com muitas festas populares, que começam em meados de dezembro e vão até 6 de janeiro, dia de Reis. Entre elas estão o bumba-meu-boi, o fandango, a congada e o reisado. São tantas que o mês de dezembro é conhecido como mês de festas. Daí o hábito de se desejar boas-festas nessa época.

A comemoração do Natal varia de país para país, mas algumas tradições hoje são internacionais. O hábito de dar presentes, por exemplo, surgiu nos países do norte da Europa e a árvore de Natal, na Alemanha.

Existem muitas lendas sobre a origem do Papai Noel. Uma diz que ele era um bondoso bispo chamado Nicolau e que virou santo. São Nicolau viveu no século IV na cidade de Myra, num país chamado Lycia. Hoje ela se chama Finike e fica na Turquia.

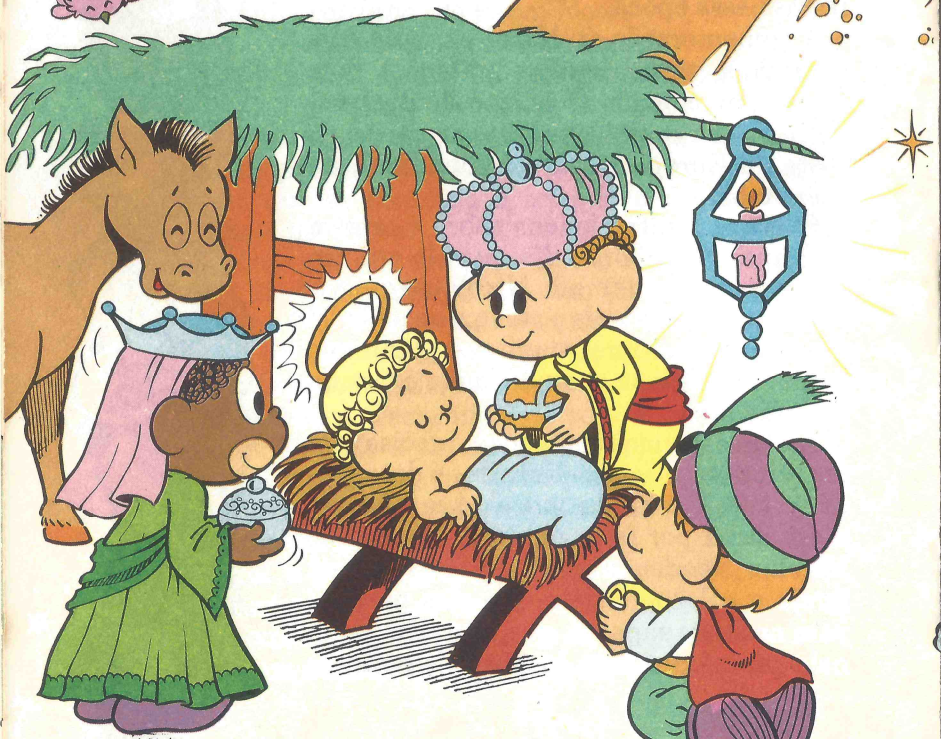
As moças daquela época precisavam ter certa quantia em dinheiro, o dote, para se casar, e havia moças que não podiam casar por falta de dote. Então São Nicolau vendeu alguns objetos da sua igreja e colocou o dote que elas precisavam nos seus sapatos, que estavam na janela pra secar. Esta história deu origem

ao São Nicolau que coloca presentes nos sapatos das crianças.

Também deram um ajudante pro São Nicolau, um velhinho que tinha grandes barbas brancas e vestia roupas vermelhas. Ele ficou sendo o distribuidor oficial de presentes.

Na Alemanha seu nome é Weihnachtsmann. Na França alguns o chamam de Bonhomme Nöel e outros de Père Nöel.

Na Itália quem distribui presentes é a Befana, uma mulher meio fada e meio bruxa que voa numa vassoura, mas é

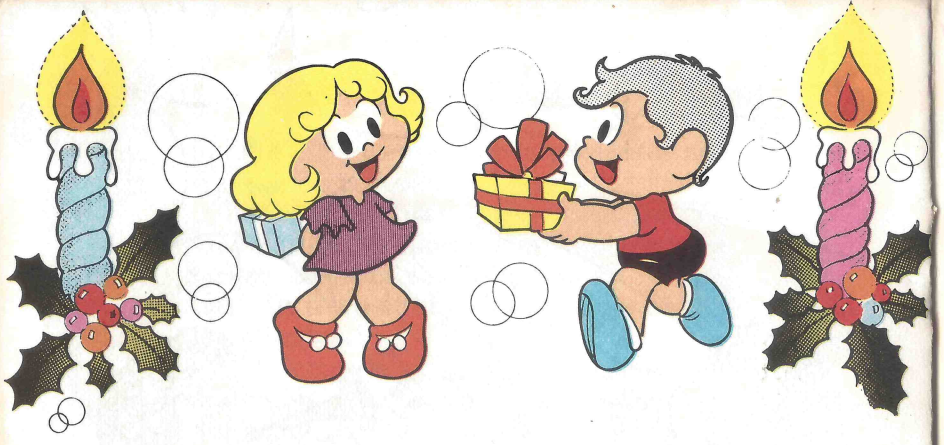


muito bondosa. E na Espanha, são os três Reis Magos. É o que dizem as lendas.

No Brasil, além do Papai Noel, existem outros dois representantes do Natal. Um é o Vovô Índio, que na noite de Natal visita as crianças montado numa capivara, e o outro é o Galo do Natal, que canta à meia-noite, hora em que começa a missa da natividade. É por isso que o povo a chama de Missa do Galo.

Papai Noel, porém, é a figura a quem todas as crianças fazem os seus pedidos quando está chegando o Natal. Foi por isso mesmo que a Mônica decidiu:

— Espera aí, Cebolinha. Acho que eu também vou ao correio!



VAMOS FAZER NOVOS ENFEITES?

— Mônica, o que é isso na sua mão?
— Uma matriochka, Magali!
— É de comer?
— Não, Magali! É de enfeitar! Vou fazer mais algumas pro Natal! Você não quer me ajudar?

Magali concordou, mas antes, quis saber do que se tratava. Então, nós começamos a explicar.

Matriochka é o nome russo de uma boneca de papel, muito fácil de fazer. Além de ser um enfeite muito bonito, pode ser também um lindo presente.

Uma boa idéia é fazer uma série de bonecas, entrelaçar suas mãos ou encaixar umas nas outras.

Para fazer uma matriochka igual à da Mônica, você vai precisar somente de algumas coisas: cartolina, fita adesiva, guache ou aquarela, ou qualquer outro tipo de tinta, e também um pouco de imaginação e habilidade.

Antes de mais nada, é preciso fazer um cone de cartolina.

Um jeito muito simples de montar um cone é começar recortando um círculo, depois dividir em duas metades. Cada círculo dá dois cones, cujas bases podem ficar com diferentes tamanhos, conforme você dê um maior ou menor transpasse às pontas da cartolina. Aí, é só prender com fita adesiva.

Em seguida, comece a desenhar o rosto, os braços e o corpo da boneca.

Abrindo o cone outra vez, depois de esboçar o desenho, fica mais fácil pintar a figura e recortar seus bracinhos, para que eles se destaquem do corpo quando o cone for fechado definitivamente. Veja na ilustração a nossa coleção de matriochkas, as pequenas camponesas russas, que poderão estar presentes em sua mesa de Natal.

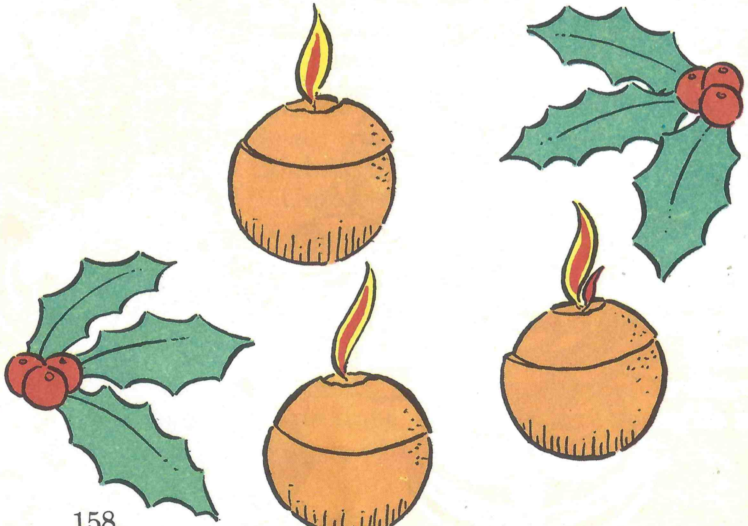
Alguma vez você já pensou em usar laranjas para fazer enfeites de Natal?

Ainda não? Pois, então, veja só qual é a nossa sujestão: laranjas luminosas.

Pra começar, corte uma pequena calota da parte superior de uma laranja e depois corte-a mais embaixo, pela metade. Em seguida, tire os gomos sem danificar a casca. O importante também é não cortar aquela haste branca que fica entre os gomos, pois é justamente esta haste que vai servir de pavio.

Agora é só colocar óleo na metade de baixo, acender o pavio, e fechar a laranja com a outra metade, aquela de onde saiu a calota.

Além de iluminar e enfeitar o ambiente, a laranja vai desprender um cheiro muito gostoso.



E para terminar, que tal uma árvore de Natal só de fitas?

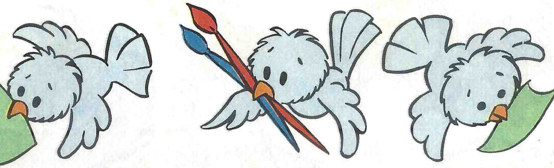
Pra este enfeite use um cone de cartolina de qualquer altura. Pegue um rolo de fita de papel de 2 cm de largura, corte pedaços de 8 cm, fazendo bicos nas pontas, conforme a ilustração.

Agora, cole as fitas no cone, de baixo para cima, até cobrir toda a sua superfície.

Para que o efeito dessa original árvore se torne ainda mais bonito, vá alternando as cores, sempre sobrepondo as extremidades das fitas.

— Qual desses enfeites você gostou mais, Magali?

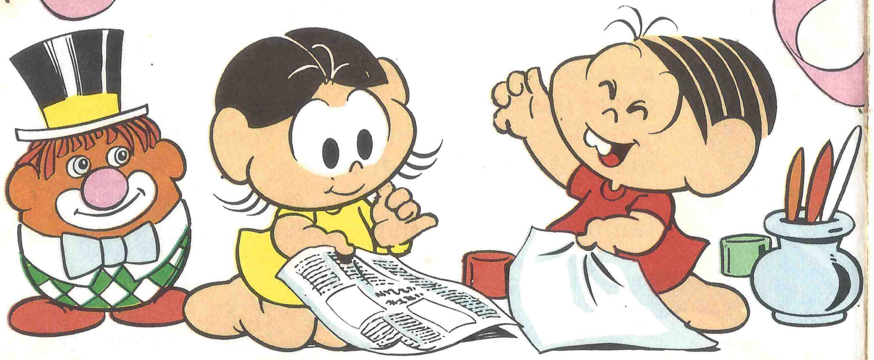
— De todos, Mônica! E esses cones também são bons para comer pipoca, né?

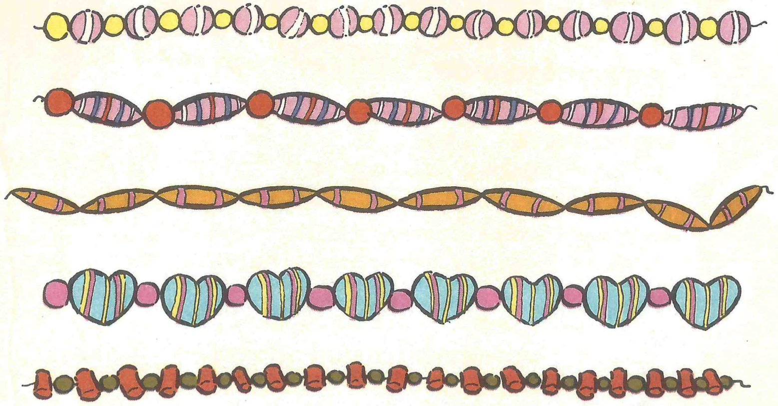


PRESENTES SÓ DE PAPEL

Mônica e Magali confeccionaram presentes de Natal, usando apenas papiê-machê. Elas mesmas prepararam essa massa de modelar, feita de papel, água e cola, cuja receita é bem simples.

Rasgue em tiras verticais umas vinte páginas duplas de jornal e pique tudo dentro de uma bacia cheia de água quente. Não use tesoura. O papel picado deve ficar coberto pela água. Deixe de molho por uma noite, para que amoleça e forme uma papa. Aí você vai tirar o excesso de água, espremendo bem o papel aos punhados. Ponha tudo em outra vasilha. Adicione agora meio litro de cola branca com dois copos e meio de água e despeje aos poucos sobre o papel espremido. Misture bem para que o papiê-machê forme uma massa homogênea.





Muitos colares

Use o papiê-machê ainda úmido para modelar estes colares.

Uma maneira simples de modelar as contas é fazer, primeiro, uma bola na palma da mão, para dar-lhe, em seguida, a forma desejada. Faça contas redondas, ovaladas e cilíndricas. Varie o tamanho também. Como você pode ver na ilustração, entre os diferentes modelos há um todo feito de coraçõezinhos. Para obter esse formato, achate a bola, risque o contorno e recorte com uma faca.

Vá aprontando as contas e enfiando, uma a uma, numa agulha de tricô. Com isso as contas já ficam furadas. Quando elas estiverem secas, faça a pintura com guache e deixe secar mais um pouco.

Só então retire da agulha, enfie um fio de náilon e amarre. Seu colar de papiê-machê está pronto!

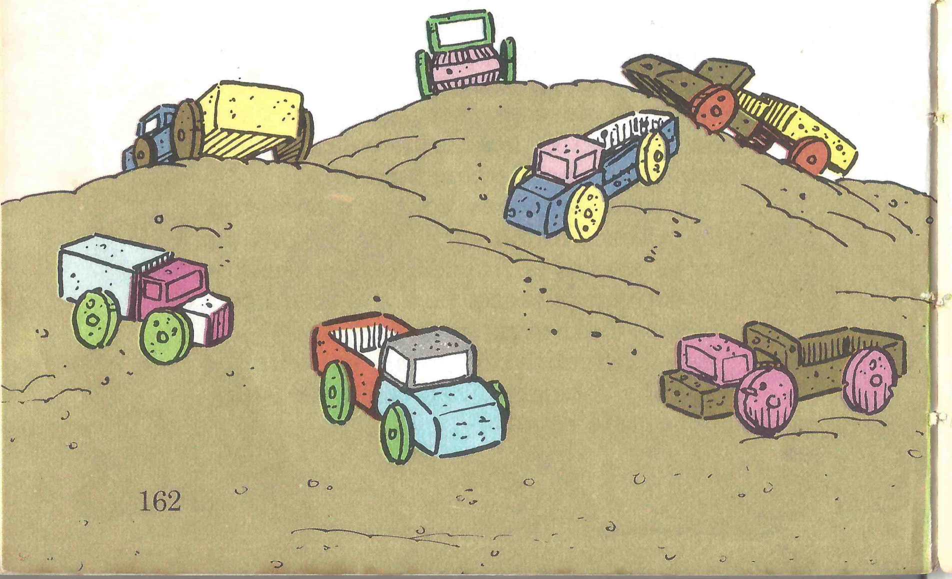
Faça uma frota!

Estes caminhões foram montados combinando e superpondo formas geométricas: são cubos, retângulos, cilindros, trapézios. Observe bem a ilustração. Enquanto certas formas foram usadas para compor o motor e a cabina do motorista, outras serviram para a carroceria ou o tanque de gasolina. Placas maiores vão formar o chassi e, para as rodas, é só fazer os cilindros e cortar em rodelas.

Antes de tudo, é preciso preparar blocos retangulares de uns 4 centímetros de altura, com o papiê-machê úmido.

Deixe secar e corte com uma serrinha as partes que vão formar o caminhão.

Agora, você vai precisar de cola branca para juntar essas partes, além de guache de várias cores pra dar um tom alegre e colorido à sua frota.



Cidade em miniatura

Com imaginação, monte uma linda cidade em miniatura. Construa a cidadezinha trabalhando do mesmo jeito e com o mesmo material utilizado para a frota.

Faça as casinhas cortando cubos ou retângulos. Elas terão quatro lados. Pegue dois pequenos triângulos e coloque um sobre a parede da frente, outro sobre a parede dos fundos. Eles serão o apoio para o telhado, que você pode fazer da seguinte maneira: recorte um pedaço de cartolina, dobre em forma de triângulo também e recubra com papiê-machê úmido. Aí é só apoiá-lo sobre a casa, usando um pouco de cola.

Para modelar a árvore, faça uma bola irregular e introduza nela uma vareta fina. Depois finque numa base úmida de papiê-machê. Deixe secar e dê o acabamento com guache.

Pinte casas cor-de-rosa, brancas, amarelas. Com tetos azuis, vermelhos, marrons. Pinte árvores de verde, em tons claros ou escuros.

E para povoar a sua cidade, faça os bonecos da turma da Mônica bem coloridos. O Cascão pode ser de papiê-machê mais sujinho. . .

MODELAGEM: ARTE MILENAR

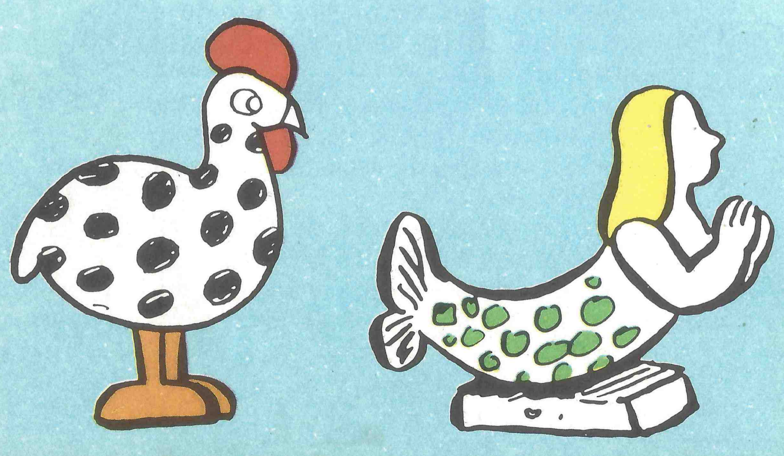
— Eu vou modelar um *polquinho!* E você, Mônica?

— Um canguru!

Pelo que vocês podem perceber, a turminha está fazendo modelagem, que é uma arte bastante antiga. Tão antiga que é mencionada até na Bíblia. Nela se diz que Adão foi modelado em barro e que, depois disso, recebeu de Deus o sopro de vida.

De lá pra cá, muita coisa foi modelada em barro por esse mundo afora. Os arqueólogos, que são pessoas que cavam a terra à procura de objetos de antigas civilizações, já encontraram modelagens que foram feitas milhares de anos atrás.

Na verdade, a modelagem é uma arte muito difundida em todo o mundo. Na Índia, os artesãos modelam estátuas que representam seus animais sagrados — o elefante, o cavalo, o boi — e que são oferecidos aos deuses por ocasião das festas.

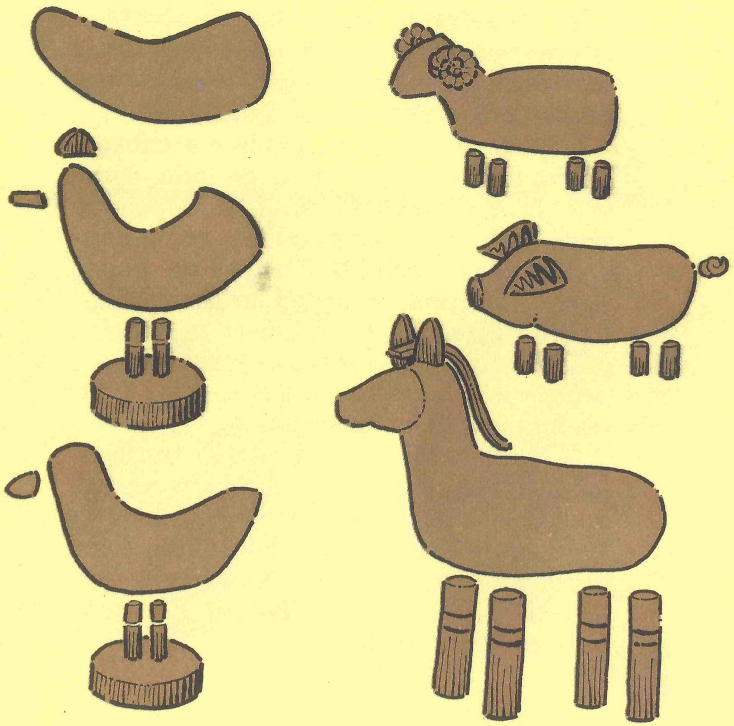


A arte popular mexicana também é muito rica em objetos modelados. E nos arredores de Barcelos, no norte de Portugal, modelar faz parte da vida cotidiana das mulheres, como cozinhar ou cuidar das crianças. As estátuas de Barcelos são cozidas, pintadas e envernizadas.

Muitas dessas estátuas são feitas a mão e nos mais diversos formatos. O mais conhecido, porém, é o galo de barro, que é o símbolo de Barcelos.

Se você também quiser modelar objetos, existem vários materiais para isso. Um dos mais usados é a argila. Misturada com um pouco de água, ela se transfor-

ma numa massa muito fácil de modelar.
Com argila, qualquer um de nós pode modelar uma infinidade de coisas. As peças de alguns jogos têm o formato de figuras geométricas fáceis de fazer. Se você escolher o jogo de dominó, por exemplo, todas as peças terão a mesma forma retangular e o mesmo tamanho.
Pra começar é só amassar um pouco de argila e preparar uma placa, estendendo a massa sobre uma superfície plana. Mas antes coloque uma folha de papel sobre a superfície, para que as peças recortadas se desloquem facilmente.
Para estender a massa você pode usar uma garrafa. Mas não faça uma placa muito fina, pois ela ficaria fraca e poderia quebrar facilmente. Depois disso é só recortar as peças desejadas, usando uma régua e uma faca. Quando as peças já estiverem bem secas, passe uma lixa para acertar as bordas.
Animais também são fáceis de mode-



lar. Primeiro modela-se o corpo, o que pode ser feito a partir de uma bola de argila que vai sendo moldada até adquirir a forma de um cilindro. Depois, dependendo do animal que se quer modelar, afina-se um pouco e curva-se a extremidade onde vai ser colocada a cabeça. Esta pode ser modelada separadamente. Em seguida, preparam-se as patas. É só fazer um cilindro mais comprido e cortar em quatro pedaços.

Na modelagem de animais é importante observar suas proporções e seus detalhes característicos, como a crina de um cavalo, ou o chifre de um rinoceronte.

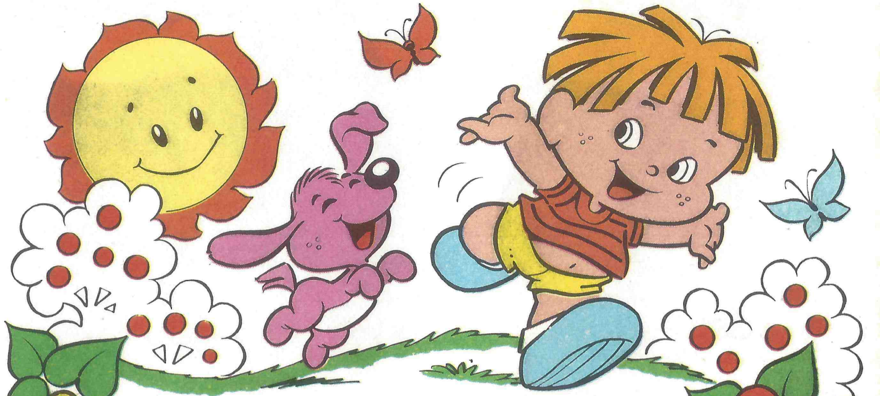
Depois de juntar as patas e a cabeça, é bom deixar a peça secar de lado, como se o animal estivesse deitado. Depois de seco, aplicam-se os detalhes, como cauda, orelhas, focinho. Dentro de pouco tempo você poderá ter um jardim zoológico em miniatura e, se quiser se aperfeiçoar nesta arte, comece a trabalhar em peças um pouco mais difíceis, como figuras humanas, por exemplo.

A nossa turminha, numa só tarde de modelagem, conseguiu fazer os bichos mais variados. Quer saber o resultado?

— Ah, ah, ah! O seu porquinho ficou parecendo um elefante, Cebolinha!

— E o seu *cangulu*, então? Ele ficou *palecendo* um *jacalé!*

Nenhuma criança ficará doente.



— De acordo, Mônica! Se ficar doente, a gente não pode brincar!

— Eu também concordo! Ficar doente não é uma boa!

— Pois é! Por isso a gente precisa se prevenir contra todas as doenças que podem ser evitadas!

— Legal, Mônica! Olho *loxo* é coisa que pode ser evitada, né?

— Claro que é, Cebolinha! É só você não provocar, conforme a gente já combinou no terceiro decreto!

— Mônica, a gente podia dar mais uma passadinha lá na confeitaria, né?

— Não me diga que você quer comer outra bomba igual àquela, Magali!

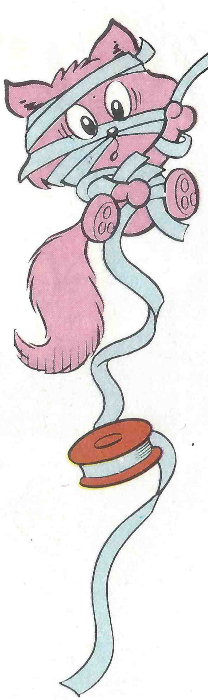
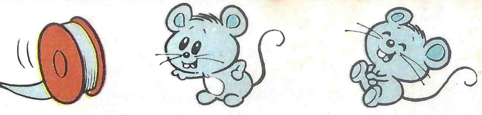
— Não, Mônica! A que eu comi era de creme! Agora vai ser de chocolate!

Se a Magali ficar doente, ninguém vai poder dizer que foi por falta de alimentação. Aliás, uma boa alimentação faz bem pra saúde de todo mundo, principalmente das crianças, que estão em fase de crescimento.

A gente só tem saúde quando o organismo funciona normalmente. E pra isso ele precisa de energia. Essa energia que o organismo consome é produzida por ele mesmo, mas energia não pode ser tirada do nada. São exatamente as coisas que comemos que nos dão a energia necessária. É que os alimentos contêm uma porção de substâncias nutritivas que se transformam em energia. Elas são as vitaminas, as proteínas, os sais minerais, o açúcar e muitas coisas mais.

Mas como é que essas substâncias se transformam em energia?

Dentro do nosso organismo, os alimentos passam por muitas transformações.

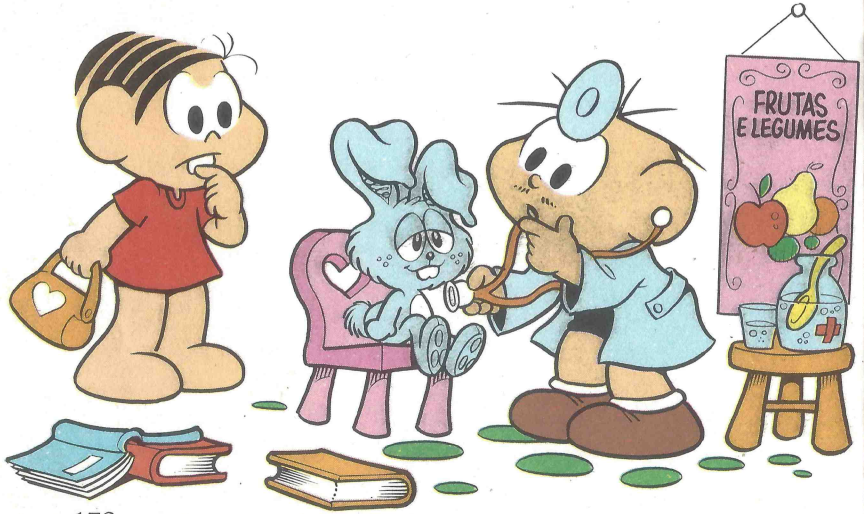



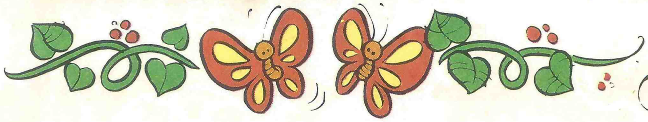
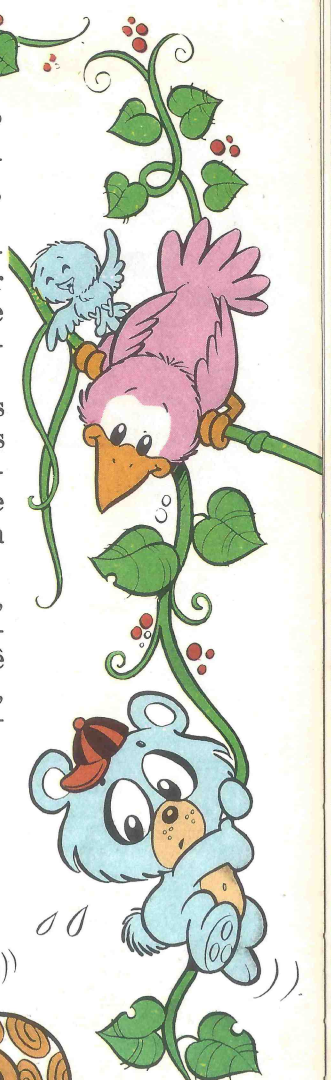
Isso se chama metabolismo. Através do metabolismo, o organismo aproveita as substâncias de que precisa e as transforma em energia. Não é genial?

Mas o corpo não gasta energia de um modo sempre igual. Quando a gente está dormindo, por exemplo, gasta menos energia do que quando está jogando futebol ou amarelinha. Essa energia que não é gasta, o organismo reserva pra usar quando precisa. É mais ou menos como o tanque de gasolina de um automóvel. O motorista enche o tanque, mas o carro vai gastando de pouquinho em pouquinho, conforme precisar.

Na verdade, o organismo é muito sabido. É que ele vai guardando uma boa parte da energia que produz. Assim,nunca falta. Ou melhor, só falta se a reserva acabar.

Mas afinal, onde se encontram as substâncias que se transformam em energia?



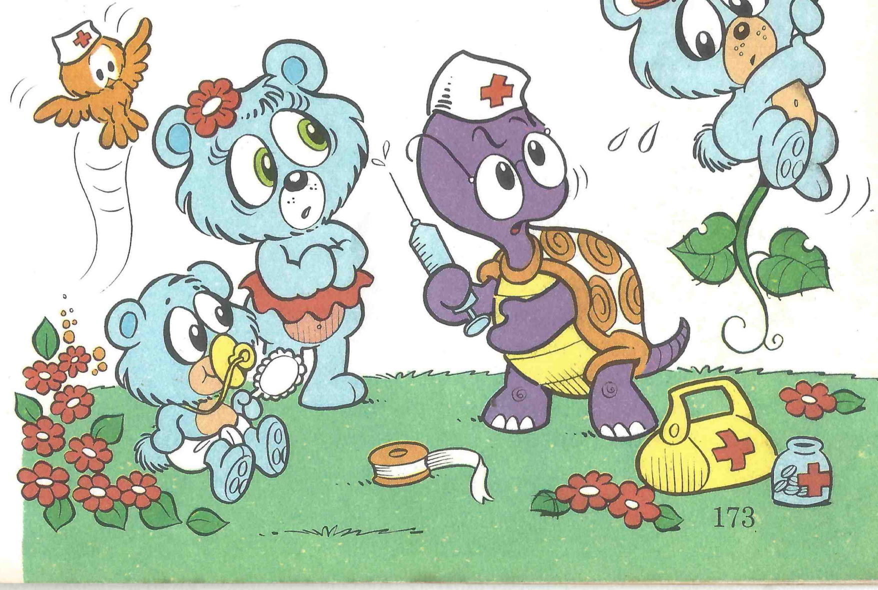



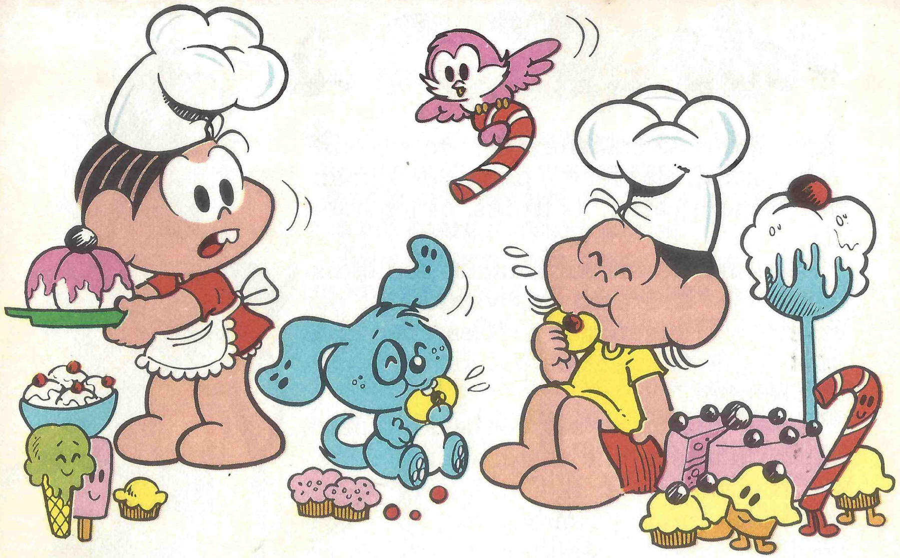
Em geral, elas fazem parte dos alimentos, como a carne, as frutas, os legumes, etc.

Algumas dessas substâncias são indispensáveis. É o caso das vitaminas, por exemplo. O organismo precisa apenas de uma pequena quantidade delas, mas precisa sempre.

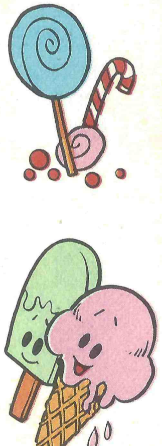
Essas vitaminas são conhecidas pelas letras do alfabeto, e as mais importantes são as vitaminas A, B, C e D. Elas são encontradas principalmente nas frutas e verduras. E as proteínas, encontramos na carne, nos ovos e no leite.

Aliás, o leite é um alimento completo, pois dá ao organismo tudo que ele precisa. E o leite vira energia, que faz você pensar e se movimentar. E bem depressa, senão a Magali chega primeiro e não sobra nem um doce pra você!



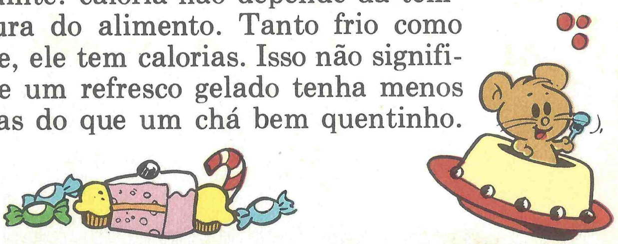


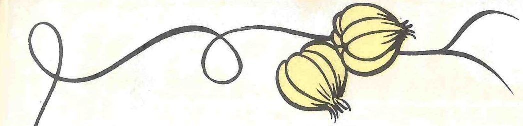
CALORIA AJUDA A CRESCER



— Oi, Magali! Algum problema?
— Oi, Mônica! Não! Por quê?
— Porque eu nunca vi você ficar tão encucada quando está com um sorvete na mão! E o seu já está até derretendo!
— Ai, é mesmo! O sorvete . . .
— Qual é a encucação afinal, Magali?
— É que . . . é o sorvete, Mônica! O seu Manuel lá da sorveteria disse que um sorvete contém muitas calorias!
— E daí?
— Daí que o sorvete é frio! Como é que ele pode ter calorias?

É de encucar, né? Mas a explicação é a seguinte: caloria não depende da temperatura do alimento. Tanto frio como quente, ele tem calorias. Isso não significa que um refresco gelado tenha menos calorias do que um chá bem quentinho.



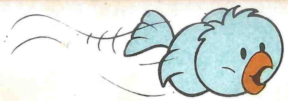


Necessidades diárias de calorias

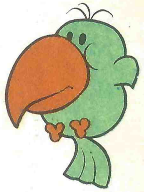
Idade	Calorias
2 anos	1000
6 anos	1400
10 anos	2000
15 anos	3200
20 anos	3500
Homem	3000
Mulher	2200
65/70 anos	2000-2500
Mais de 70 anos	1800-2200

Valor em calorias para cada 100 gramas

Pão	265
Macarrão	377
Biscoito	411
Carne de boi	218
Carne de galinha	302
Presunto cozido	422
Salsicha	342
Bacalhau	107
Sardinha	115
Atum	198
Feijão	338
Lentilha	337
Ervilha	98
Grão-de-bico	320
Alcachofra	27
Couve-flor	25
Vagem	35
Beringela	24
Espinafre	20
Abobrinha	18
Leite de vaca	65
Queijo mozarela	339
Queijo parmesão	389
Requeijão	375
Manteiga	720
Laranja	45
Maçã	58
Banana	85
Abacate	245
Pêra	63
Uva	66
Coco	635
Ovo (um)	81



Vamos ver agora o que é uma caloria. Assim como centímetro é unidade de medir tamanho, caloria é unidade de medir calor. E calor é uma forma de energia. Essa energia, por sua vez, é fornecida pelos alimentos depois que eles são absorvidos pelo organismo.



Pelas tabelas da página anterior, você vai ver que as quantidades de calorias de cada alimento são muito variáveis. Um ovo, por exemplo, dá quase o dobro das calorias de uma laranja-lima. Mas um ovo só não basta. É necessário juntar vários alimentos para dar as calorias que cada pessoa precisa, de acordo com sua idade. Em fase de crescimento, o jovem precisa de maior quantidade de calorias do que em qualquer outra época de sua vida. Veja na página ao lado qual o seu ritmo de crescimento.

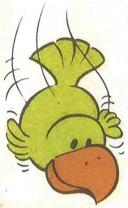


Tabela de peso e altura

Idade	Altura (em m)		Peso (em kg)	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
1 ano	0,74	0,73	9,990	9,675
2 anos	0,86	0,85	12,465	12,195
3 anos	0,94	0,94	14,490	14,310
4 anos	1,01	1,01	16,380	16,290
5 anos	1,09	1,08	19,260	18,630
6 anos	1,15	1,14	21,735	20,925
7 anos	1,22	1,20	24,345	23,490
8 anos	1,28	1,26	27,045	26,145
9 anos	1,33	1,30	29,700	28,710
10 anos	1,38	1,36	32,355	31,635
11 anos	1,42	1,42	34,920	35,460
12 anos	1,47	1,49	37,980	39,420
13 anos	1,52	1,54	41,850	44,595
14 anos	1,60	1,57	48.420	48,780

— Fui-fuiuuu!

— Já é o terceiro assobio, Magali! Você subiu a barra do seu vestido?

— Eu não, Mônica!

— Então você cresceu, porque ele está um pouquinho mais curto!

— É mesmo? Oba!

O crescimento das crianças não é uniforme e varia muito de um período pra outro. Quando nascem, os meninos medem em média 50 centímetros e as meninas, cerca de 48. Depois de um ano de crescimento normal, a estatura de uma criança aumenta cerca de 50%. Aos quatro anos, ela já mede o dobro do que media ao nascer e aos treze mede o triplo.

Será que a Magali cresceu mesmo?

ASSIM, VOCÊ VAI PRA CAMA...

— Oi, Cebolinha! A gente vai visitar a Zuleica! Você que ir também?

— Eu não! Ela está com *salampo!*

— E daí?

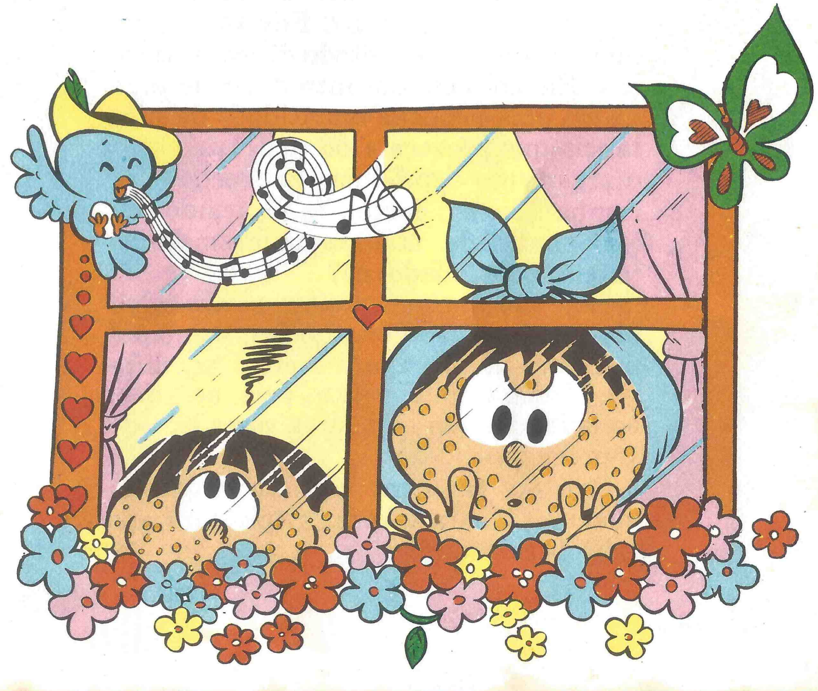
— Daí que eu ainda não tive *salampo!* E *salampo* pega!

— O sarampo da Zuleica já passou, Cebolinha, mas agora ela precisa ficar uns dias sem sair de casa! É por isso que a gente vai até lá!

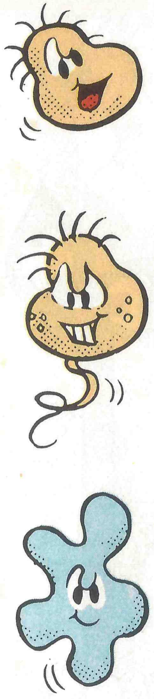
É isso aí! Sarampo pega mesmo, por isso se diz que essa doença é contagiosa. Principalmente depois do primeiro ano de vida, são muito comuns as doenças desse tipo, como a rubéola, a escarlatina, a varicela, a coqueluche e a caxumba. A difteria também é uma doença infecciosa comum na infância. Mas há uma maneira muito segura de evitar a maior parte dessas infecções: tomando todas as vacinas no tempo certo.

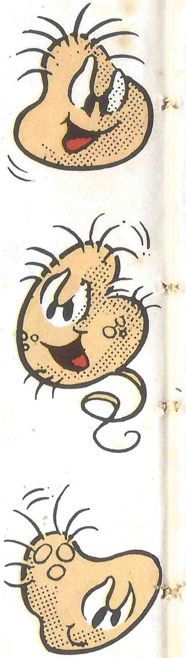
Muitas doenças infantis são causadas também pela má alimentação. Outras pela falta de higiene. O ideal seria que todas as crianças pudessem se alimentar direitinho e estar sempre limpas e bem cuidadas. Porque quando isso não acontece, elas vão ficando fraquinhas, tristes, sem vontade até de brincar.

A nossa turminha sabe disso e resolveu que vai se cuidar direitinho. Pois afinal, como diz a Magali, quando a gente fica doente, não pode nem tomar sorvete!



COM ELA, VOCÊ SE PROTEGE!



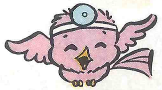


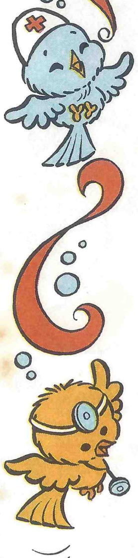
— Doeu, Mônica?
— Não, Magali! Só fez cócegas!

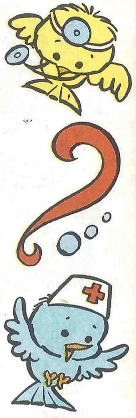
Que bom, hein? Vacinas não doem nada e previnem contra várias doenças. Foi um médico inglês, o Dr. Edward Jenner, què inventou este método de evitar doenças. Ele consiste em introduzir no organismo uma pequena quantidade de substância que provoca a doença. Isto obriga o organismo a produzir anticorpos, pra combatê-la, e a gente fica protegido contra quantidades maiores da mesma substância. Bem bolado, né?

Hoje em dia, em muitos países, algumas vacinas são obrigatórias, principalmente contra varíola, tuberculose, difteria, tétano e poliomielite. Veja, na tabela ao lado, quando e quantas vezes elas devem ser aplicadas.

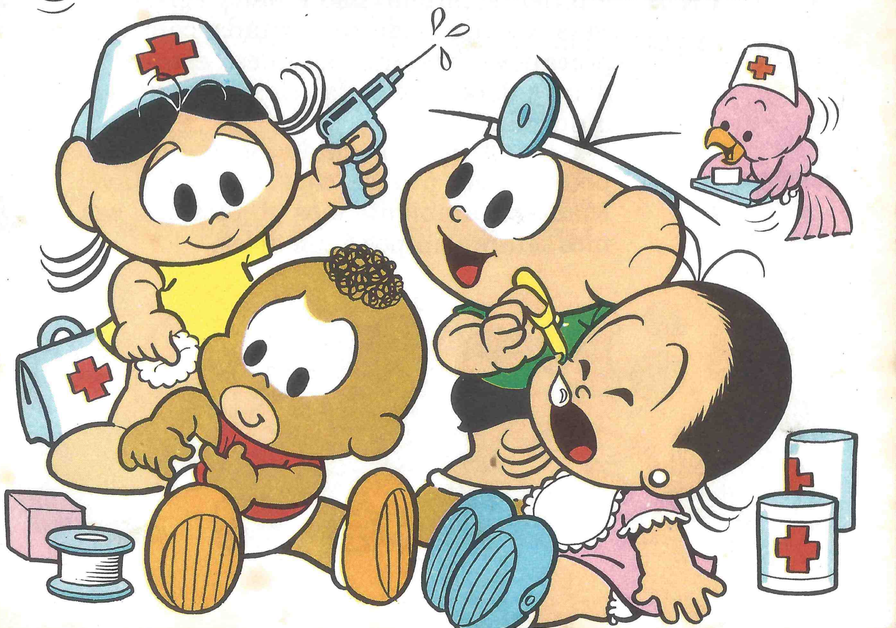
Existem também vacinas contra coqueluche, febre tifóide, gripe, sarampo, rubéola e caxumba.

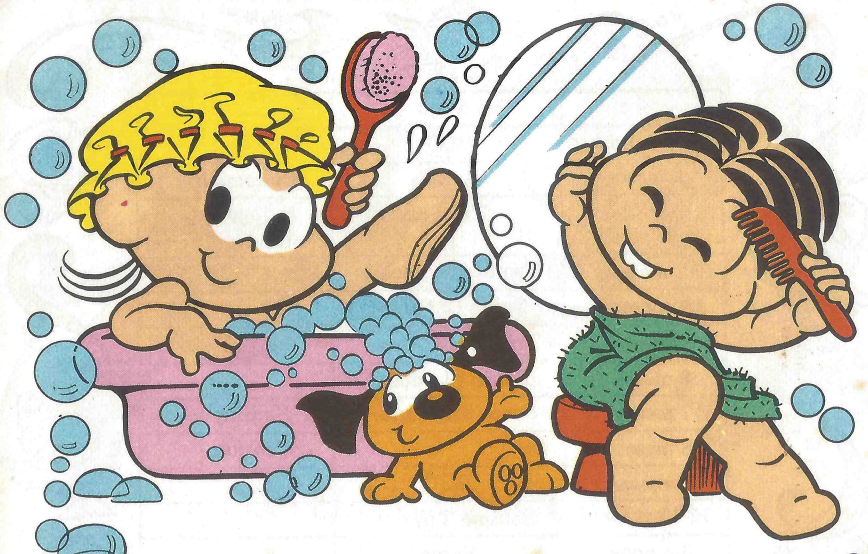






época	*vacina*	*contra*
3-10 dias	BCG	Tuberculose
2 meses	Sabin	Poliomielite
2 meses	Tríplice	Coqueluche, tétano e difteria
3 meses	Tríplice (2.ª dose)	
4 meses	Sabin (2.ª dose)	
4 meses	Tríplice (3.ª dose)	
6 meses	Sabin (3.ª dose)	
7 meses	(vírus atenuado)	Sarampo
8 meses		Varíola
12 meses	BCG	
15-18 meses	Sabin e Tríplice	
3-4 anos	Sabin	
3-4 anos	Dupla	Difteria e tétano
5 anos		Varíola
7 anos		Tétano
10 anos		Varíola





ISSO FICA PRO FIM

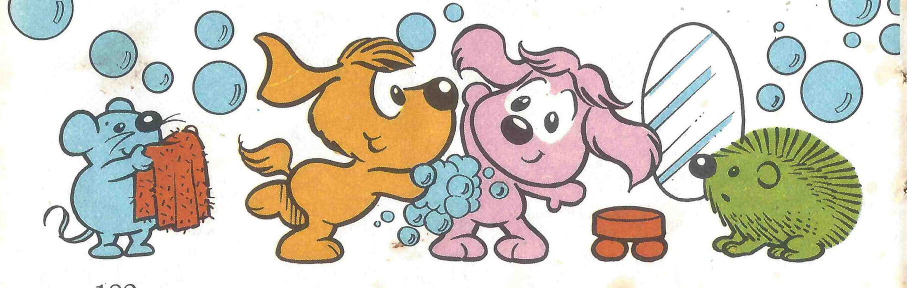
— Oi, Magali ! Estou voltando do dentista! E sabe o que mais?

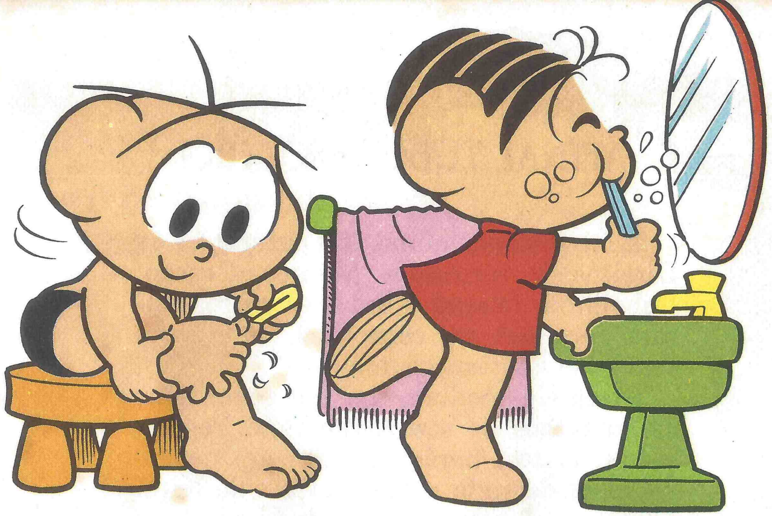
— O que, Mônica?

— Não tenho nenhuma cárie!

Que bom pra Mônica, hein? Obturar um dente cariado não é nada agradável. Mas a cárie pode ser evitada com uma precaução bastante simples: escovar os dentes depois de cada refeição e antes de ir dormir.

Existem muitos cuidados que a gente pode tomar pra se conservar saudável. Manter o ambiente e os objetos que usámos sempre limpos é um deles.





Algumas medidas de higiene pessoal também são muito úteis e fáceis de tomar. Uma delas é cortar as unhas e mantê-las sempre limpas. Outra é lavar as mãos antes de comer ou preparar qualquer refeição. A Magali sempre lava as mãos, mesmo pra comer um simples sanduíche. Assim ela evita que germes nocivos contaminem os alimentos.

Tomar banho, além de ser muito gostoso, também é uma maneira de preservar a saúde. A turma sabe disso e anda sempre limpinha, com exceção do Cascão, que ainda não se acostumou com a idéia.

AFINAL, TUDO APROVADO!

E foi testada, afinal, a Declaração de Direitos da turminha. Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali e todos os outros saíram correndo pro campinho, onde seria realizada a última reunião.

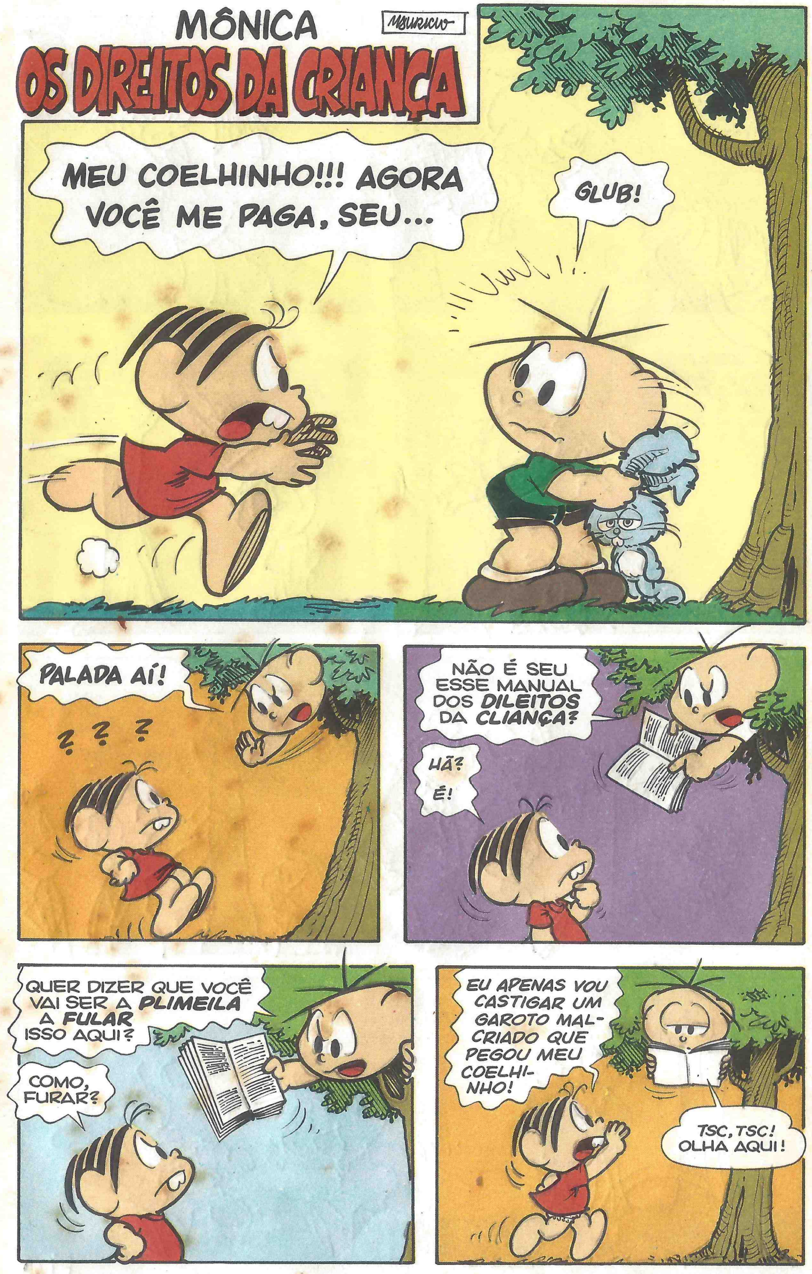
Agora eles podiam dar por encerrados os trabalhos de sua Assembléia Permanente. Antes, porém, fariam um balanço geral de tudo o que havia sido feito. Mesmo porque as atividades tinham sido as mais variadas.

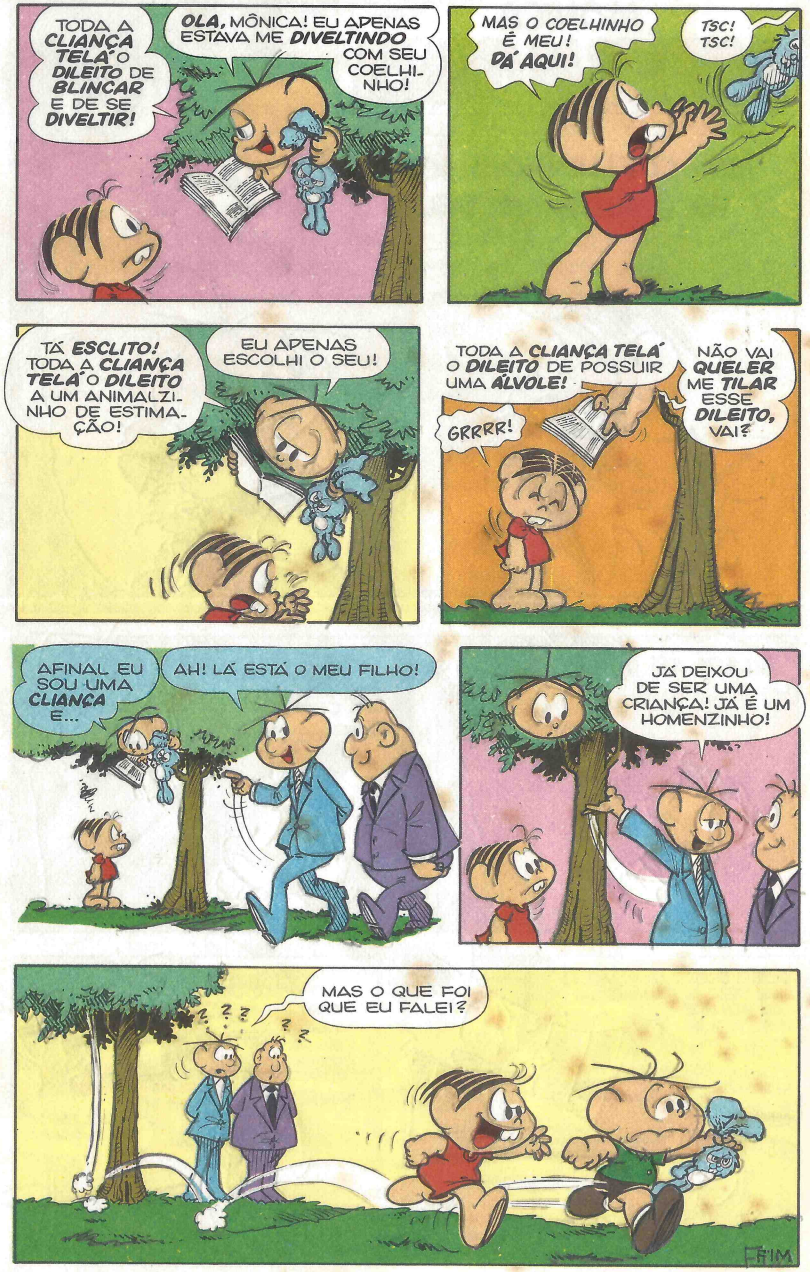
A turminha adorou brincar e se divertir. Conheceu e visitou vários lugares. Cada um escolheu o seu animalzinho de estimação. Juntos, fizeram um lindo jardim e plantaram a sua árvore. Modelaram bichinhos, pintaram murais, criaram enfeites diferentes. E não se esqueceram de organizar festas incríveis, animadas com jogos e brincadeiras. Aprenderam coisas e trocaram idéias. Deliciaram-se com os livros de histórias e descobriram um monte de coisas...

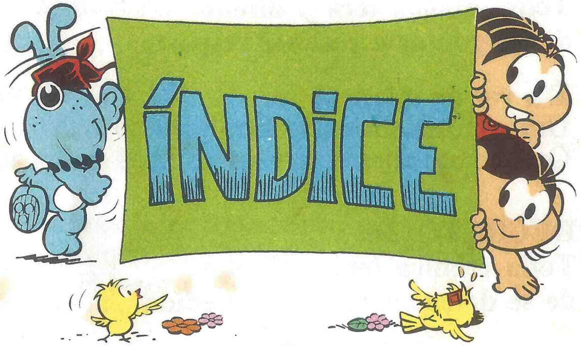
Só restava aprovar, sem modificações, todos os decretos. E assim foi feito! Estavam todos realmente satisfeitos e felizes com os resultados.

— Está encerrada a Assembléia! — declarou a Mônica toda orgulhosa, no que foi calorosamente aplaudida.

Agora que já tem a "sua" declaração, será que a turminha vai fazer com que respeitem os seus Direitos? Vamos ver!







Apresentação 5
Os Direitos da Criança 6
Estamos em assembléia! 8

DECRETO 1
Toda criança terá o direito de brincar e de se divertir 9

Brinquedos têm história 10
Qualquer hora é hora 14
. . . E surgiu o carnaval 17
O circo vem aí! 20
Explorando cavernas 23
Mais perto do céu 27
Ponha uma estrela no céu 28
Teatro de bonecos 30

DECRETO 2
Toda criança terá o direito de perguntar e receber resposta 33

É a vez da criança! 34
Um menino chamado Emílio 38
Queremos saber! 40

DECRETO 3
Toda criança terá o direito de se defender quando agredida 43

Quem entra na luta? 44
Antes de tudo, prepare-se! 47
Capoeira resolve? 50
Com grego, só papo! 52

DECRETO 4
Toda criança terá direito a um animalzinho de estimação 55

O bicho é seu. Cuide dele! 56
Eles vivem em sociedade 59
Animais do mundo todo 62
Butantã: o fim da picada! 65

DECRETO 5
Toda criança terá o direito de possuir sua árvore 67

Em tempo de verdemania 68
Vamos jardinar? 71
Entre nesse jardim 74
Plante dentro de casa 76

Estas são perigosas 78
Mini-horta 79

DECRETO 6
Toda criança terá direito a sua festa de aniversário 81

Vamos fazer uma festa? 82
Tem que ter gincana! 88
...E jogos ao ar livre 92

DECRETO 7
Toda criança terá o direito de possuir seus livros de histórias ... 95

Era uma vez... 96
Contadores de histórias 99
Por falar em heróis... 104
Eis a magia das lendas! 105

DECRETO 8
Toda criança terá o direito de decorar seu quarto como quiser .. 109

Está na hora... de mudar 110
Vá com tudo na parede! 115
É permitido colar! 117
Acompanhe o movimento 120

DECRETO 9
Toda criança terá o direito de colecionar o que bem entender ... 123

Vale tudo: de cartão a botão 124
Tudo de todos os tempos 132

DECRETO 10
Toda criança terá o direito de se vestir como quiser 135

Moda: cada um na sua 136
Puxe o fio 139
Jeans pra todos 141
Assim, só no espaço... 143
Veste-corre maluco 145
Pinte caras e caretas 149

DECRETO 11
Toda criança terá o direito de trocar presentes de Natal 151

Uma festa muito antiga 152
Vamos fazer novos enfeites? 156
Presentes só de papel 160
Modelagem: arte milenar 164

DECRETO 12
Nenhuma criança ficará doente 169

Alimentação e saúde 170
Caloria ajuda a crescer 174
Assim, você vai pra cama... 178
Com ela, você se protege! 180
Isso fica pro fim 182

Afinal, tudo aprovado! 184

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita

Diretor de Publicações Infanto-Juvenis: Angelo Rossi
Diretor Editorial: Waldir Igayara de Souza

Manual da Mônica

Diretor do Grupo de Livros e Atividades: Mendelssohn Magno

CONSELHO EDITORIAL

Diretora: Ruth Rocha
Editora-chefe: Eunice Pavani
Chefe de Arte: Jesualdo A. Gelain

REDAÇÃO

Secretária Editorial: Flávia Ladeira Ceccantini
Editora de Texto: Paulette Cohen
Pesquisadora: Maria Cristina de Souza Bortoletto
Revisora: Cristina A. de Lara Fagundes
Serv. Edit. Aux.: Suzana Regazzini

ARTE

Desenhista: Paulo Edson de Moura
Diagramadores: Maria Cecy de Mello Régis, Getúlio de Oliveira Ponciano
Assistente: Yeun Hi Kim

PRODUÇÃO GRÁFICA
Wilson Benvenutti
Colaboração de Odair Bernabé (texto)

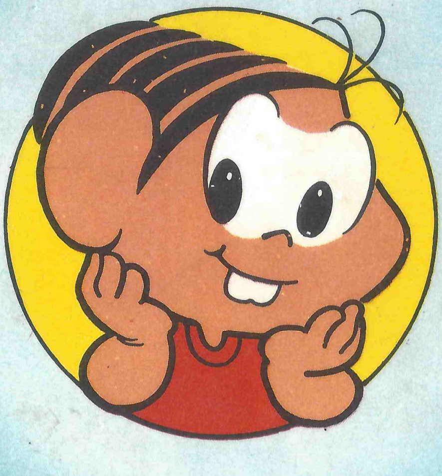
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Gerente de Produto: Eduardo Macedo S. de Teves

Diretor de Planejamento: Nivaldo Montingelli Jr.
Gerente Administrativo: Alfredo P. Salvador
Diretor Responsável: Sílvio Fukumoto

ESTÚDIO MAURICIO DE SOUSA

Redação: Márcio Roberto A. de Sousa, Reinaldo Waisman, Rubens S. Kiyomura, Yara Maura Silva.
Desenho: Carlos Alberto Migliorim, Emy T. Y. Agosta, José Márcio N. de Mello, Olga M. Ogasawara, Roberto S. Monteiro, Sidney Lozano Salustre, Carlos Alberto Pereira, Lúcia de Ascenção de Nóbrega.
Arte-Final: Alice Keiko Takeda, Alvin Lacerda Filho, Kasuo Yamassake, Marli S. Mitsunaga, Paulo T. Domingos, Sérgio T. Graciano.
Letras: João de Andrade Silva, Maria Cecilia M. Gomes.
Acabamento e Cores: João Luiz de Araújo, Marcia Regina Marchesini.
Controle: Yoko Yamassake.
Projetos Especiais: Terezinha Siqueira Branco, Yara Maura Silva.
Revisão e Tradução: Carlos F. Mello Lima.
Setor de Ilustrações: Amélia M. Mihara, Péricles Natal de Sousa, Roberto Barbist, Tieko Sonoki, Euclides T. G. de Andrade.
Direção de Arte: Jayme Cortez
Supervisão Geral: Mauricio de Sousa

Impresso e distribuído
com exclusividade no país pela
Abril S.A. Cultural e Industrial
São Paulo
1.ª edição: outubro, 1979



Manual da Mônica

EDITORA ABRIL